

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DAIANE FAGHERAZZI

UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA
COMUNICAÇÃO ON-LINE VIA ORKUT

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2007

DAIANE FAGHERAZZI

UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA
COMUNICAÇÃO ON-LINE VIA ORKUT

Dissertação apresentada como pré-requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Campos da Costa

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2007.

AGRADECIMENTO

À CAPES, por financiar os estudos.

À Prof. Dr. Ana Ibaños e à Prof. Dr. Jane Rita Caetano da Silveira pelo incentivo aos caminhos da Lingüística.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos exemplos de organização e profissionalismo.

Às funcionárias Isabel Lemos e Mara Nascimento, pelo atendimento competente e afetivo.

À minha família, pelo incentivo e amor.

À colega Aline Vanin, pelo acompanhamento e discussão dos temas ligados a nossa área, bem como pelos laços de amizade.

Em especial, ao meu Orientador Prof. Dr. Jorge Campos da Costa, pela orientação e estímulo. Por ter me mostrado a beleza do mundo acadêmico, não somente como profissão, mas como forma de vida.

ABSTRACT

The following research points out the analysis of and on-line discourse such as the Orkut, by means of a Semantic-Pragmatic approach. Thus, it was applied a complex architecture of theories involving Grice (1957; 1975), Levinson (1983; 2000) and Sperber & Wilson (1986; 1995).

Two hypothesis are produced, one that is theoretical and another that is practical in order to examine the theories as potentially appropriate to describe and explain the discourse at issue. Besides we also explain that the *orkutian* communication is only possible by means of the implicit inferences, the implicatures.

One concludes that through this research all the hypothesis were confirmed justifying the realization of this study which achieved all its objectives.

KEY-WORDS: Linguistic, Semantic, Inferences, Implicatures, Orkut

RESUMO

A presente pesquisa se caracteriza pela análise de um discurso *on-line* tipo Orkut, mediante uma abordagem semântico-pragmática. Para tanto, foi utilizada uma arquitetura complexa envolvendo as teorias de Grice (1957; 1975), Levinson (1983; 2000) e Sperber & Wilson (1986; 1995).

Lançamos duas hipóteses, uma teórica e outra prática a fim de examinarmos as teorias como potencialmente adequadas para descrever e explicar o discurso em questão. Também demonstramos que a comunicação orkutiana só é possível mediante as inferências implícitas, as implicaturas.

O estudo permite afirmar que as hipóteses enunciadas na introdução foram plenamente corroboradas, justificando a realização do trabalho que atingiu, dessa forma, seus objetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística, Semântica, Pragmática, Inferências, Implicaturas, Orkut

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 06 |
| 1 A COMUNICAÇÃO NA INTERNET E O DISCURSO DO ORKUT | 08 |
| 1.1 A Comunicação via Internet..... | 08 |
| 1.2 Formas de Discurso Interativo..... | 09 |
| 2 SEMÂNTICA – PRAGMÁTICA – INTERFACES | 18 |
| 2.1 Semântica | 18 |
| 2.2 Pragmática..... | 20 |
| 2.3 Interface Semântica-Pragmática..... | 23 |
| 3 TEORIAS PRAGMÁTICAS – A ARQUITETURA CONCEITUAL | 34 |
| 3.1 Grice e a Teoria das Implicaturas..... | 34 |
| 3.2 Levinson e as Implicaturas Generalizadas..... | 48 |
| 3.3 A Teoria da Relevância de Sperber & Wilson..... | 79 |
| 4 UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICA DO ORKUT | 92 |
| 4.1 O Orkut aos Olhos e no Coração dos Orkuteiros | 92 |
| 4.2 O Orkut aos Olhos Frios das Teorias..... | 95 |
| 4.3 Considerações finais..... | 103 |
| CONCLUSÃO | 105 |
| REFERÊNCIAS | 107 |
| ANEXOS | 110 |

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a abordagem semântico-pragmática do discurso on-line tipo Orkut. Trata-se de uma forma discursiva com as seguintes características: é uma rede social que, através de formas discursivas próprias, conecta pessoas, interesses afetivos e profissionais, além de ampliar e resgatar o círculo de amigos. Cada participante apresenta um perfil e faz dele sua página pessoal.

Para abordar tal tema, usaremos uma arquitetura complexa, envolvendo as teorias de Grice (1957; 1975), Levinson (1983; 2000) e Sperber & Wilson (1986; 1995). Cabe, brevemente, contextualizar os estudos lingüísticos em que tais teorias se inserem. A ciência da linguagem tem suas origens na cultura clássica com a reflexão dos gregos sobre a natureza da linguagem e suas relações com o mundo e com as pessoas. O significado era o ponto crucial das preocupações antigas. Parecia que, por um lado, significar era dizer algo sobre a realidade; por outro, era um meio de expressar a intenção dos que se comunicavam. Aquilo que era feito de maneira bastante assistemática entre os gregos transformou-se, ao longo dos séculos, numa preocupação disciplinar. Afinal, como se podia explicar o roteiro que ia do som ao sentido. Saussure desenvolveu a noção de signo, significante e significado, e foi o primeiro lingüista, propriamente dito, a desenvolver estudos sistemáticos sobre a linguagem. A sua visão era a de língua como um sistema de signos a serviço da comunicação. De Saussure para cá, a reflexão sobre a natureza da linguagem humana expressou-se através de diversas teorias distintas. Muitas delas na esteira de Saussure, outras como o resultado das especulações filosóficas. Assim, no início do século vinte, tínhamos o estruturalismo lingüístico, por um lado, e o interesse dos filósofos da linguagem por outro. Wittgenstein, Austin, Strawson, Searle, Grice, entre outros retomaram a tradição grega clássica de Platão e Aristóteles e, inclusive, as contribuições dos estóicos. Mas, o que nos interessa, aqui, é a forma como a significação da linguagem ficou na conexão entre os objetos do mundo e a subjetividade das intenções. Estava surgindo essa relação até hoje complexa entre os aspectos semânticos e pragmáticos que representam o solo onde serão plantadas as nossas teorias. Na realidade, o nosso objeto, o discurso interativo do Orkut, é uma versão intermediada dos

diálogos mais simples da cultura antiga, e sua dependência do que as pessoas querem dizer sobre o mundo ou sobre si mesmas é, incrivelmente, a mesma.

As nossas hipóteses são de dois tipos:

- A hipótese teórica é a de que as teorias envolvidas são potencialmente competentes para descrever e explicar o discurso interativo tipo Orkut

- A hipótese aplicada é a de que o Orkut só é possível mediante as inferências implícitas, as implicaturas das diversas espécies sem as quais ele não seria possível nem eficiente.

Para alcançar a avaliação de nossas hipóteses e desenvolver nossa pesquisa, dividimos nosso trabalho em quatro partes, caracterizadas pelos capítulos. O objetivo do primeiro capítulo é apresentar a comunicação na Internet, focalizando as formas de discurso interativo. Destacaremos o Orkut, um universo cada vez mais presente na relação interpessoal.

No segundo capítulo, apresentaremos a Semântica e a Pragmática numa abordagem geral. Em seguida ambas serão investigadas na interface. Depois, no terceiro, examinaremos a Teoria das Implicaturas de Grice (1957; 1975), a Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas (ICGs), de Levinson (1983; 2000) e a Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson (1986; 1995), destacando-as como modelos teóricos adequados para a análise a ser realizada.

No quarto capítulo, faremos uma abordagem lingüística do Orkut, observando primeiramente de forma intuitiva alguns enunciados. Em seguida, analisaremos outros através de uma abordagem semântico-pragmática, à luz dos modelos e teorias apresentados a fim de corroborar, ou falsear, nossas hipóteses.

1 A COMUNICAÇÃO VIA INTERNET E O DISCURSO DO ORKUT

1.1 A COMUNICAÇÃO VIA INTERNET

Embora a Internet não seja o foco deste capítulo, faz-se necessário apresentarmos algumas particularidades visto que é por meio dela que abordaremos a comunicação.

A Internet é um conjunto de redes de computadores interconectados pelo mundo inteiro, tendo em comum um conjunto de *protocolos* e *serviços*. Dessa forma, os usuários nela ligados podem usufruir informações e serviços com a comunicação de alcance mundial. Nesses parâmetros, ela surgiu de um projeto da Agência Norte-Americana ARPA (Advanced Research and Projects Agency), cujo objetivo era interligar os computadores dos seus departamentos de pesquisa para criar um sistema de defesa contra possíveis ataques em caso de guerra. Outros computadores, a partir daí, foram sendo interligados à rede original, até dar origem ao que se denomina atualmente de Internet. Ela chegou ao Brasil em 1995, aproximadamente. Desde então, com o aumento do acesso aos microcomputadores, a rede começou a se espalhar e, atualmente, já há certamente milhões de usuários.

Por meio da Internet podem ser obtidas as mais variadas informações, pelo sistema *World Wide Web* (www). São milhões de *sites* e páginas que trazem informações sobre os mais diversos assuntos, entre outros usos. Também, através dessa *teia ampla mundial de conexões*, são realizadas conversas, por meio de *chats* e *MSN* (conversas on-line), Orkut, *blogs*, entre outros. Nesse sentido, a Internet, revolucionária na comunicação, ao mesmo tempo que é um mecanismo de disseminação da informação, é um meio para colaboração e interação entre indivíduos e seus computadores, independentemente de suas localizações geográficas.

Ela provocou muitas mudanças, até mesmo no vocabulário empregado nas conversas dentro e fora do ambiente virtual. Vocábulos de origem inglesa, como *e-mail*, *chat*, *hacker*, *homepage* já se encontram nos dicionários de língua portuguesa. A influência da Internet na nossa língua é muito maior do que apenas a contribuição vocabular. Os espaços de conversa virtual, como as salas de bate-papo e o MSN, são caracterizados pelo uso de uma nova variedade da língua portuguesa, repleta de abreviações, gírias e *emoticons* (símbolos que representam

sentimento), sem respeito às normas ortográficas. O *Internetês*, nome dado a essa nova linguagem, é o reflexo da nova era.

As comunicações escritas atualmente, em tempo real, pela Internet, produzidas nos diálogos *on-line* apresentam características típicas da oralidade e da escrita, constituindo-se num gênero discursivo *misto*. Fala e escrita se entrecruzam. Antes, algumas propriedades, exclusivas da fala, hoje, são possíveis na prática da escrita à distância, graças à tecnologia. O *teclar* mostra a consciência da novidade.

1.2 FORMAS DE DISCURSO INTERATIVO

Na Internet, várias são as formas de discurso interativo. Descreveremos as mais comumente utilizadas.

O nome *blog* é uma abreviatura para o termo inglês *weblog*, derivado das palavras *Web* (rede) e *log* (diário de bordo). Popularizado no fim dos anos 90, o *blog* é uma página na Internet com uma infinidade de assuntos, que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, idéias até fotografias. Pode ser atualizado com facilidade por uma única pessoa ou um grupo. No entanto, a forma mais difundida foi mesmo o *blog* pessoal, em que o autor registrava idéias e sentimentos que poderiam ser compartilhados com amigos ou desconhecidos.

Depois surgiram os *fotologs* e *videologs*. Estas páginas pessoais possibilitam o compartilhamento de, respectivamente, fotos e vídeos. A lógica é a mesma dos *blogs*: interação com o público a partir de produção pessoal arquivada na forma de diário. Recentemente, surgiram os *podcasts*. Estes podem ser um programa aos moldes do rádio, ou uma aula, ou um seriado, como o autor desejar. Estes são produzidos em série. Portanto, existe coerência entre os programas e periodicidade de lançamento - como nas mídias tradicionais. A vantagem é que qualquer um pode montar o seu e lançá-lo na rede. É necessário apenas um microfone ligado a um computador. Assim, os arquivos produzidos são hospedados num site e disponibilizados para download.

O ICQ, em 1997, revolucionou o conceito de mensagens instantâneas *on-line*. Na esteira das conturbadas salas de chat, a novidade veio com os comunicadores instantâneos, que permitiram teclar reservadamente com contatos já estabelecidos, ao mesmo tempo em que se navegava pela Internet. ICQ é uma sigla pronunciada em inglês que representa *I seek you*. e em

português, *Eu procuro você*. Mediante uma senha, o usuário entra no programa, e seus contatos (participantes *on-line*) recebem um aviso de que está conectado.

O mesmo princípio deste programa evoluiu para o *MSN Messenger*. Este, criado pela *Microsoft Corporation*, apresenta comandos mais simples os quais possibilitam trocar arquivos e ver a foto de quem está do *outro lado*. O programa permite que um usuário da Internet relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos *virtuais* e acompanhar quando eles entram e saem da rede. O atrativo de programas desse tipo é a possibilidade de simular uma conversa via telefone, porém, escrita, ao mesmo tempo em que se navega pela Internet.

O programa do *MSN Messenger* possibilita que se veja quando os amigos e familiares estão *on-line* (conectados) e que envie mensagens instantâneas para eles. O serviço o avisa quando chegam novos e-mails (mensagens do correio eletrônico). Ao instalar o serviço, será solicitado o seu *Passport* (seu endereço no Hotmail ou no *MSN*) e uma senha. Depois de se cadastrar, a fim de enviar mensagens instantâneas, basta clicar no ícone: *contatos on-line*, situado na parte inferior direita da tela do computador. E, clicando no mesmo ícone, novamente poderão ser adicionados e exibidos seus contatos *on-line*. Então é só clicar no nome desejado para o bate-papo.

No que tange ao *Chat*, palavra de origem inglesa, é um termo que significa bate-papo, conversar. Um *chat*, em jargão internauta, significa um local virtual no qual diversas pessoas podem se *encontrar* (*on-line*) a fim de conversar sobre os mais variados temas. A conversa acontece praticamente em tempo real, ou seja, alguém digita uma mensagem e a envia por meio do computador. Logo outra pessoa ou todas a recebem do outro lado, em outro computador, podendo ler e responder a mensagem, dentro da mesma continuidade. Hoje os recursos da microinformática proporcionam até mesmo conversar, via computador, usando microfones e fones de ouvidos, além de ver e enviar áudio e vídeo (usando uma câmera digital).

As mensagens que circulam na tela principal são de conteúdos variados, muitos deles, os que se consideram *anúncios*, dizeres (mensagens públicas) de uma pessoa na tela principal que deseja conversar com este ou aquele grupo de pessoas. Essa pessoa repete essas mensagens, até que os outros que se encaixam no *anúncio* falem com ela em particular.

As pessoas também perguntam sobre outros amigos, se estão *on-line* ou não, contam piadas, torcem por times de futebol, dão notícias recentes, cantam, recitam poesias, perguntam e

recebem informações sobre os mais diversos assuntos (em especial sobre computadores), ajudam os novatos, entre outros. Quanto às mensagens particulares, não há como especular sobre a quantidade e variedade de temas. Uma boa parte dos usuários deseja fazer amigos, ou encontrar namorados (as). Alguns buscam somente conversar para passar o tempo, enquanto outros fazem das conversas no *chat* verdadeiras sessões de desabafo sobre problemas emocionais. Além disso, há os que se divertem, exclusivamente, provocando brigas e bagunças no *canal*.

Em relação ao *e-mail*, a tradução literal é *correio eletrônico*. Não é raro no Brasil as pessoas dizerem de maneira coloquial: *Vou te enviar um e-mail*. Na mídia escrita e falada essa expressão é comum. O mais apropriado seria dizer: *Vou te enviar um mail*., pois um dos significados de *mail* em inglês é *correspondência*. Caso alguém diga em nosso país, *vou te mandar uma correspondência*, pensaremos que será pelo correio tradicional e não pelo eletrônico. Poderíamos dizer: *Vou te mandar uma mensagem*, mas também tal expressão não apresenta o mesmo sentido que *mail*. Assim, adotamos o próprio termo.

O *e-mail* estabelece a comunicação entre as pessoas com interesses em comum. A troca de *mail* é um dos tipos de diálogo mais usados na Internet. Os indivíduos se comunicam de forma assíncronica, isto é, o emissor e o destinatário não estão necessariamente conectados ao mesmo tempo. O *mail* pode ser entendido da seguinte maneira: a mensagem é enviada, fica na *caixa de entrada* (caixa do correio do usuário) e depois é lida, podendo ser respondida ou não.

A correspondência eletrônica apresenta características típicas das cartas: a comunicação é escrita e existe uma distância espaço-temporal entre os indivíduos. O *mail* tinha um caráter bastante formal originalmente. Atualmente, utiliza uma linguagem informal, freqüentemente reproduz a fala coloquial. Pode-se de dizer que a correspondência através do correio eletrônico é um híbrido da oralidade e da escrita descuidada. Porém há também correspondência formal por *mail*.

Além dos discursos já citados, descreveremos o Orkut, trazendo informações relevantes sobre seu universo já que ele foi o selecionado para a análise das inferências implícitas, as implicaturas.

O Orkut¹ foi criado pelo Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do *Google*, em 19 de Janeiro de 2004 com a finalidade de ajudar seus membros a fazer novas amizades e manter relacionamentos.

Os usuários cadastrados no Orkut registram um *profile* (perfil) em que há informações básicas de acesso e secundárias. Cada membro tem um perfil, dividido em três partes:

- Social: perfil social ou geral no qual o usuário pode falar um pouco de si mesmo, de características como gostos, livros preferidos, músicas, programas de TV, filmes, entre outros;
- Profissional: seleção da atividade profissional com informações sobre o grau de instrução e carreira.
- Pessoal: apresenta o perfil pessoal de forma a facilitar as relações interpessoais. Há informações físicas e sobre o tipo de pessoa que ele gostaria de se relacionar, ou até mesmo namorar e casar.

As pessoas que freqüentam o site costumam se referir a seus perfis como *meu Orkut*, provavelmente porque o idioma era em inglês, no começo. Ficaria no mínimo estranho usar o termo *profile* no meio de um diálogo.

Desde o dia 22 de abril de 2006, os usuários do sistema podem contar com a ferramenta *visualizações do seu perfil* (mostra o número de vezes que outros membros do Orkut viram seu perfil e lista os últimos dez membros que o visitaram). O Orkut também disponibiliza um recurso para desativar a opção na página de configurações e assim permite o acesso a perfis anonimamente. Porém, isso faz com que o usuário também não saiba quem visualizou o seu. Para manter o recurso ativado e não deixar que saibam quem visitou, uma minoria criou perfis alternativos que têm a opção de visualização de perfis desativada.

Cada membro apresenta um grupo de amigos que pode chegar a, no máximo, 1000. O usuário pode classificá-los como *melhor amigo*, *desconhecido*, *conhecido*, *amigo* e *bom amigo*. Embora haja essa classificação, ela não é essencial, ficando a critério de cada um utilizá-la ou não. O usuário ainda pode classificá-los por grupos personalizados a fim de estabelecer melhor sua listagem.

As comunidades representam os fóruns (local de debate) modificados, com o diferencial de que sua estrutura foi planejada com o intuito de facilitar o uso. Dessa forma, qualquer pessoa

¹ Apesar de Orkut ser um nome próprio como outro qualquer, na programação visual do site (títulos) a palavra está em minúscula.

pode aprender a lidar com os recursos de uma comunidade com certa facilidade. Talvez esse seja um das razões do sucesso que é o Orkut atualmente, uma vez que facilitar o uso é uma sugestão para atrair usuários. Os recursos oferecidos por uma comunidade podem ser divididos em três categorias:

- Fórum: *Local* onde está a maior parte do conteúdo. Os membros debatem o assunto proposto em cada tópico e criam outro.

- Enquetes: Na segunda quinzena de março de 2007, foi criada essa opção para colher opiniões de membros de uma comunidade de forma quantitativa. Qualquer pessoa pode criar ou excluir uma enquete sua, porém excluir de outros usuários é um poder concedido somente ao dono e aos mediadores. O sistema também permite que se coloquem imagens para as alternativas e que se postem comentários nas enquetes, mas apenas o autor ou mediadores da comunidade podem apagá-los, caso os achem inconvenientes. Ao serem formuladas, as enquetes podem ter um prazo para encerramento de votos ou não.

- Eventos: O site estimula as relações sociais, sugerindo encontros fora da rede. Este é o espaço no qual tais encontros podem ser divulgados.

Todos esses recursos são administrados pelo autor da comunidade que pode escolher até dez mediadores a fim de auxiliá-lo. O dono pode fazer tudo aquilo que julgar necessário, desde apagar postagens até banir membros. De forma semelhante, os mediadores podem fazer tudo isso, porém não têm poder para modificar as condições de outro mediador.

O Orkut apresenta um grande sistema de busca de comunidades, amigos e mais recentemente de tópicos nas comunidades. O banco de dados do Orkut conta com milhões de comunidades e perfis. Assim, na hora de procurar, recomenda-se especificar a busca para obter resultados mais precisos.

Os mais jovens apresentam maior interesse no Orkut. Aproximadamente 59,41% estão entre os 18 a 25 anos. Porém esse número não é real, visto que menores de 18 anos também participam da rede, colocando idades incorretas. Pessoas de 26 a 30 anos têm o segundo colocado em participação de idades com 11,09%, (este número apresenta maior exatidão). Os interesses ao se cadastrar na rede são inúmeros. De acordo com as alternativas que o Orkut dispõe, 64,34% dos usuários estão participando para fazer novos amigos e encontrar os antigos; em segundo lugar estão aqueles que buscam contatos profissionais, com 19,51%.

Alguns dados estatísticos

| Ranking de usuários por países | | | |
|--|----------------|--|--------|
| Demografia do Orkut em 31 de Março de 2004 | | | |
| | Estados Unidos | | 51,36% |
| | Japão | | 7,74% |
| | Brasil | | 5,16% |
| | Países Baixos | | 4,10% |
| | Reino Unido | | 3,72% |
| Demografia do Orkut em 30 de Junho de 2007 | | | |
| | Brasil | | 55,29% |
| | Estados Unidos | | 18,88% |
| | Índia | | 15,47% |
| | Paquistão | | 1,30% |
| | Reino Unido | | 0,57% |
| | Japão | | 0,39% |
| | Portugal | | 0,38% |
| | México | | 0,35% |
| | Canadá | | 0,33% |
| | Itália | | 0,32% |

Nota: dados de 30 de junho de 2007.

Fonte: Wikipédia, 27/11/07

Em média, a cada oito dias, um milhão de novos usuários ingressa no Orkut por meio de convites enviados por e-mail ou criando uma conta no *Google*. Também são contabilizados milhares de perfis falsos (chamados *fakes*). A política do Orkut proíbe o uso de *fakes*, mas essa proibição não chega a ser cumprida na prática.

Criado no final de 2005 e em constante desenvolvimento, *O Detetive* é um programa o qual monitora as páginas do Orkut, avisando o usuário quando ocorre alguma mudança. Ele é capaz de identificar recados e depoimentos novos e/ou apagados, assim como fãs e amigos ganhos e/ou perdidos, de qualquer membro.

Cabe aos usuários, destinatários ou autores dos *scraps* (mensagens), a sua eliminação ou manutenção. Muitos os eliminam a fim de manter a privacidade. Outros os mantêm como *índice de popularidade*. Há várias formas de se *manter popular*. Uma delas consiste em adicionar um maior número de pessoas, até ficar com um perfil cheio. Recentemente, o termo *scrap* tornou-se tão popular que é comum ouvir um ou outro dizer, por exemplo: *Você recebeu o scrap da Paulinha ontem?* ou *Não li ainda seu scrap*.

Existem programas e *sites* os quais tornaram o *scrapbook* um alvo fácil para *spam*, desorganizando a página de recados da maioria dos usuários. Os programas vão desde um único recado sendo mandado várias vezes até uma mensagem enviada para todos os amigos de uma só vez. Na maioria das vezes, os usuários fazem isso para divulgar *shows*, *correntes* (*mande este scrap para 10 pessoas, e seu desejo vai se realizar em meia hora*), propagandas e mensagens de datas festivas. O *ScrapChat* é a concentração de várias pessoas no *Scrapbook* de um certo indivíduo a fim de conversar. Em outubro de 2007, foi adicionada a ferramenta para escolher entre receber recados de todos os usuários, amigos e amigos dos amigos e simplesmente dos amigos. O ato de convidar amigos para juntos conhecerem mais pessoas através desta forma de bate-papo é interessante para usuários.

Cometer um *Orkuticídio* é um termo usado no sentido figurado de *suicídio*, quando algum usuário exclui ou pretende excluir sua conta no sistema. O Orkut mantém-se tão atualizado com as tendências, que comunidades sobre todos os assuntos continuam a surgir. Já apareceram algumas para o termo *Orkuticídio*.

Existem perfis falsos (*fakes* ou *bogus*) que são criados apenas para anunciar produtos e correntes enganosas. Assim, são criados eventos e tópicos desagradáveis em muitas

comunidades, anunciando coisas como *Trabalhe em casa*. e outros tipos de mensagens indesejáveis. Eles surgem com alguns possíveis objetivos: fazer uma brincadeira (por exemplo, criar o perfil de uma pessoa famosa); difundir conteúdo ilegal, como racismo, pedofilia, etc.; proteger sua privacidade; visualizar quem viu o seu perfil oficial; discutir política; denunciar crimes no Orkut ou inimigos pessoais. Como é falso, os amigos deste perfil geralmente são também, tornando mais difícil o rastreamento do autor original. Os usuários podem fazer denúncias contra esses perfis, mas elas raramente atingem o seu objetivo: banimento do mesmo do sistema. Mesmo que seja deletado, o autor original pode criar um novo a qualquer momento.

Muitas vezes um usuário não deseja exibir sua foto no Orkut e coloca um desenho, foto de celebridade ou de algo de que ele gosta, o que teoricamente é proibido pelas regras. A cada dia isso é mais comum e relativamente aceito pela comunidade para os que querem permanecer anônimos. Neste caso, usa-se o nome verdadeiro e muitos até deixam fotos reais no álbum, entretanto preferem manter a do perfil com uma figura qualquer.

Vírus informáticos têm sido bem frequentes no Orkut: o usuário recebe uma mensagem com *links* para ver fotos de uma festa quando na verdade é um vírus. Como muitos não possuem programas antivírus ou não sabem como remover *as pragas*, acabam se tornando hospedeiros virtuais, disseminando os mesmos links por *scrapbooks*. Os danos para as pessoas que os contraem podem ser muito prejudiciais, como o seqüestro de seu próprio perfil, roubo de senhas para e-mail, MSN e contas bancárias. Mas agora o Orkut exige código de segurança para todos os *links* enviados. Isso evita que muitos programas enviem automaticamente mensagens com links de vírus.

Por motivos de privacidade, alguns usuários preferem apagar todos os recados do *scrapbook* e só deixar um próprio dizendo: *Scrap lido e apagado*. Isso é motivado pela preocupação de um estranho ou alguém que possa *vasculhar* a vida pessoal lendo os *scraps* e seguindo os *links* para outros perfis. Na verdade, ter um perfil no Orkut e usá-lo em todos os seus recursos de fato constitui uma exposição da privacidade do usuário, e o recente fenômeno de apagar todos os *scraps* reflete essa questão.

Muitas críticas têm sido feitas. Uma delas é que a linguagem escrita no Orkut, de certo modo derivada do *Internetês*, fere a norma culta da língua portuguesa. É considerado uma agressão o uso de gírias do estilo *vc* (você), *tb* (também), entre outras. Contudo há muitos locais

virtuais os quais utilizam essa forma, nascida muito antes do universo orkutiano. Logo, essa crítica é vista como um *argumento sem sentido* pelos adolescentes.

Apesar dos problemas provocados, o Orkut está experimentando um jeito diferente de socialização que deve interessar não só aos lingüistas, mas também aos pedagogos, aos psicólogos, aos antropólogos, aos sociólogos e a tantos outros cientistas que possam ter algum interesse acadêmico nesses novos relacionamentos interpessoais engendrados pela Internet.

2 SEMÂNTICA - PRAGMÁTICA - INTERFACES

2.1 SEMÂNTICA

Disciplina que antecede a Pragmática, a Semântica se refere ao estudo do significado, em todos os sentidos do termo. Diferentemente da Sintaxe, que se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como algo é expresso, a semântica se ocupa do que esse algo *significa*. Dependendo da concepção de significado que se tenha, há diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, por exemplo, estudam o mesmo fenômeno, mas com conceitos e enfoques diferentes.

A semântica, conforme define Katz (1982), é o estudo do significado linguístico. Ela se interessa pelo que é dito por sentenças e outros objetos linguísticos, não pelo arranjo de suas partes sintáticas ou pela sua pronúncia.

Quando pensamos em semântica, logo nos vem a idéia de que ela *é o estudo do significado*. A definição está correta, de fato, porém é muito ampla, possibilitando uma gama de especulações que surge a partir do melhor entendimento que se possa dar ao termo definidor: *significado*. Mas, e o que *é significado*? Essa dificuldade em conceituar não é recente. Desde a Antigüidade encontramos considerações sobre a motivação do signo, como, por exemplo, o filósofo Platão, no Crátilo.

O francês Michel Bréal foi quem, em 1897, empregou pela primeira vez e deu propriedade ao termo *Semântica*, que se definiu e se estabeleceu dentro das ciências humanas. Para o teórico a semântica não deve se preocupar com a etimologia das palavras, uma vez que o caráter histórico-temporal tem pouca relação com o emprego contemporâneo delas. Nesse sentido, a palavra deve ser revelada nas suas relações com outras dentro da frase.

Em seu tratamento mais recente, a partir do início do século XX, a disciplina segue um roteiro histórico de abordagens díspares, como o estruturalismo e o programa gerativista, para citar apenas algumas.

O linguísta Saussure é considerado pioneiro da disciplina visto que foi o primeiro a explicitar a existência de uma ciência da linguagem. O teórico introduz fundamentos da

Linguística, seus conceitos e sua metodologia. Tendo em vista o estabelecimento da metodologia da Linguística em construir sistemas, conceitos das chamadas dicotomias, Saussure não chegou a desenvolver um estudo sobre o significado. Entretanto, tratou do signo ao apresentar a idéia de que o signo linguístico tem duas faces, o significante e o significado.

Já Bloomfield (1933) representou o estruturalismo na Linguística americana. Em 1933, escreveu a obra *Language*, em que fundamentou a Linguística na Psicologia Behaviorista ou comportamental. Como o behaviorismo é apoiado em propriedades básicas da observação, Bloomfield deu início ao estudo da Linguística vinculada ao comportamento linguístico. Dentro desta tradição americana, o significado é algo considerado objeto da Linguística. Para tanto, o teórico chegou a afirmar que o estabelecimento da significação é o ponto fraco da língua. Tal como concebida, a Linguística privilegiou a Sintaxe em detrimento da Semântica.

Chomsky, na década de cinquenta provoca grande impacto na Linguística. Nos seus estudos não houve nenhuma contribuição especial ao desenvolvimento da Semântica. O teórico tornou-se conhecido principalmente pela crítica às teses mecanicistas do behaviorismo de Skinner em 1959. Sob a ótica da Psicologia Cognitiva, defendeu a concepção de linguagem como uma propriedade genética, na direção daquilo que veio a se chamar hipótese inatista.

Como Bloomfield, Chomsky privilegiou o estudo da Sintaxe. Para este autor, qualquer investigação que se diga relevante está nos limites da forma. Logo, a idéia de significado, ainda que reconhecida, permanecia alheia aos interesses chomskianos. A Semântica, nesse período, permaneceu de certa maneira estagnada.

Para Richard Montague (1974), diferentemente das abordagens referidas, a linguagem pode ser investigada da mesma forma que as linguagens artificiais da Lógica e da Matemática. Em 1970, em um artigo intitulado *English as a Formal Language*, ele defende que não existe diferença teórica importante entre a linguagem natural e a formal. Nesse sentido, o significado é caracterizado por suas propriedades formais. Assim, o teórico desenvolveu uma abordagem linguística em que a Sintaxe e Semântica estão absolutamente ligadas.

A Semântica de Montague (1974) dirige todo o processo linguístico, e conseqüentemente impõe restrições à Sintaxe. Trata-se de estabelecer, nessa perspectiva, o princípio essencial da composicionalidade proposto por Frege (1960) ao nível lexical e sintático. Neste princípio, Frege afirma que o sentido da estrutura do todo é uma função das estruturas das partes que a compõem. Na visão formal, o significado depende, assim, da determinação da Sintaxe para que seja

interpretado pela Semântica. Montague trabalha com a Semântica das línguas naturais apoiadas nos padrões da Semântica Lógica, introduzida por Tarski (1933), na qual o significado é análogo à noção de condições-de-verdade.

Atualmente há vários ramos e subdivisões de teorias semânticas que se desenvolveram a partir dessas abordagens. É o caso da semântica de Jackendoff, compatível com as idéias de Chomsky, e das semânticas de tradição estruturalista saussuriana, ou ainda das formalistas na linha de Montague.

2.2 PRAGMÁTICA

Não tardou, porém, que os lingüistas sentissem a necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica, visto que não havia um estudo focado na comunicação humana, ou seja, nos aspectos interacionais.

Ramo da Lingüística, a Pragmática visa a captar a discrepância entre o significado proposicional recuperável pela semântica composicional de um enunciado e o significado visado por um falante numa dada enunciação. Ela estuda os significados lingüísticos determinados não exclusivamente pela semântica proposicional ou frásica, mas dedutível de condições dependentes do contexto extralingüístico: discursivo, situacional, entre outros.

A partir da década de sessenta, especialmente com Austin (1962) e Searle (1969) a Pragmática desenvolveu-se de modo significativo, tornando-se um tópico abrangente e, de certa forma, vago. Trata-se de uma disciplina pouco rígida e sujeita a várias interpretações. Ao assumir esse tópico, podemos recusá-la como teoria até defender sua existência, fazendo vários tipos de construções do que deveria ser a Pragmática.

Um argumento em defesa da Pragmática é de cunho metodológico, apresentado por Grice (1957). Ele considera que, como o significado é complexo, não se deve tratar dos diversos aspectos do significado na mesma disciplina. O teórico defende que o significado não deve ser multiplicado sem necessidade. No exemplo *Irei à Itália.*, podemos extrair significados múltiplos. O enunciado pode expressar uma predição para o futuro, uma promessa, um desejo, entre outros. Assim, Grice propõe que o significado proposicional seja investigado nas suas condições-de-verdade na Semântica e o significado adicional ou as intenções pela Pragmática.

O rótulo *Pragmática* não foi criado na Lingüística. Na realidade, ela é um componente de qualquer ciência, pois o contexto está presente em toda disciplina.

Vejam os exemplos abaixo:

A. Uma criança pequena chega a porta da frente de casa e seu pai diz: *limpa os pés, filho*. Ele tira seus sapatos sujos de barro e suas meias e, cuidadosamente, limpa os pés no tapete.

B. Um pai está tentando fazer com que sua filha de três anos pare de levantar seu vestido. Ela quer mostrar para as outras pessoas do local sua nova calcinha. Ele, então, diz: *A gente não faz assim, querida!* E a menina responde: *Eu sei, pai! Tu não usa vestido!*

O conhecimento que tais crianças possuem a respeito do vocabulário e da gramática de sua língua não parece ser o problema. No momento em que o pai pede para o filho limpar seus pés, é exatamente isso que o garoto faz. No segundo caso, a menina explica ao pai por que ele não poderia levantar o vestido, utilizando uma estrutura gramatical perfeita e com certa lógica. Percebemos, então, que os filhos parecem ter compreendido o que as expressões significam, mas não o que seus pais queriam dizer. Os adultos normalmente compreendem o significado do falante tão facilmente, que não percebem a quantidade considerável de habilidade e conhecimento que se precisa ter para conseguir isso.

A Semântica e a Pragmática são as duas principais áreas da Lingüística que estudam o conhecimento que é posto em prática, tanto para se extrair significados quando lemos e ouvimos, quanto para transmitir significados no momento em que falamos ou escrevemos algo. Dentro da Lingüística, a linha divisória entre essas duas disciplinas é tópico de intenso debate.

Entretanto, em linhas gerais, dizemos que a Semântica concentra-se no significado que deriva do conhecimento puramente lingüístico, enquanto a Pragmática focaliza-se nos aspectos do significado que não dependem somente do conhecimento lingüístico, levando em conta o conhecimento sobre o mundo físico e social.

Se uma pessoa definisse, por exemplo, as palavras *gato*, *leite* e *beber*, provavelmente as repostas seriam: (a) um *gato* é um animal felino; (b) *leite* é o líquido extraído das vacas e (c) *beber* é consumir um líquido.

Ao fornecermos definições para palavras individuais, analisamos o tipo de significado que é tratado pela semântica lexical. Mas se tivéssemos a seguinte pergunta: O que *gatos bebem leite* significa? Quando são questionados a respeito de uma sentença, os indivíduos geralmente fornecem outra sentença que possui o mesmo significado, uma paráfrase. Há diversas paráfrases

possíveis para *Gatos bebem leite*. Poderíamos mudar (1) as palavras individuais, (2) a estrutura da sentença, ou (c) ambas, as palavras individuais e a estrutura da sentença. Aqui estão algumas das paráfrases possíveis para nossa sentença: *leite é bebido por gatos; felinos domésticos consomem o líquido que é extraído das vacas; o líquido que é extraído das vacas é bebido pelos felinos domésticos*.

No exemplo acima o foco é a semântica sentencial, sendo a ordenação das palavras um aspecto importante para estabelecer o significado da sentença em português. Mesmo que as palavras sejam as mesmas nas sentenças a seguir, se elas não estiverem ordenadas, não terão o mesmo sentido, por exemplo, *Gatos perseguem ratos*. e *Ratos perseguem gatos*. Analisemos outro exemplo:

Cátia, Paulo e seu gatinho Mimoso estão na cozinha. Ela diz a Paulo: *O que houve com o litro de leite?* Ele responde: *Gatos bebem leite*. Nesse exemplo, não estamos simplesmente falando o que as palavras ou sentenças significam, mas também sobre o que uma pessoa quer dizer. Entramos, neste momento, no terreno da Pragmática. Parece que, além de dizer que leite é bebido por gatos, Ana está, também, acusando Mimoso do *crime*. Poderíamos então pensar que como *Gatos bebem leite* e felinos domésticos consomem o líquido que é extraído das vacas, então, provavelmente, Mimoso bebeu o leite.

Podemos entender, então, que o significado da linguagem pode ser analisado em diversos níveis. A Semântica concentra-se no significado que vem do conhecimento lingüístico, enquanto a Pragmática concentra-se naqueles aspectos do significado que não dependem somente do conhecimento lingüístico, e que levam em conta nosso conhecimento sobre o mundo físico e social. O foco da análise pragmática é o significado dos enunciados dos falantes e não o significado das palavras ou sentenças. Cada enunciado é um evento físico único criado em um momento particular no tempo com vistas a um propósito comunicativo específico.

Em última análise, o argumento de defesa da Pragmática sintetizado por Grice, e seguido por Levinson e Sperber & Wilson, entre outros, consiste em construí-la como área complementar à Semântica.

2.3 INTERFACE SEMÂNTICA-PRAGMÁTICA

Trataremos, nesta seção, dos fundamentos mais importantes da Pragmática lingüística, estabelecendo sua relação com a Semântica como teoria do significado. Os autores em destaque são Grice (1957;1975), Levinson (1983; 2000) e Sperber & Wilson (1986;1995), por assumirem pressupostos teóricos mais coerentes com o propósito de nossa investigação.

Os sistemas formais de análise, derivados da lógica e da matemática, foram, por muito tempo, o foco nos estudos da linguagem. O interesse se dava na descrição e no significado de enunciados, sem a preocupação com quem e como esses enunciados eram pronunciados.

Investigações sobre a natureza do sentido do enunciado envolvem discussões a respeito do significado, da verdade e do uso da linguagem. O significado não é exclusivo da realidade, e faz interfaces com diversas áreas. Russell (1905) e Strawson (1950) são os primeiros representantes das discussões sobre o significado. Para o primeiro, que trabalhou com questões semânticas, o significado de uma proposição seria analisado de forma abstrata. Para o segundo, pode-se saber se a forma lógica de uma frase é verdadeira ou falsa, mas tudo depende da contextualização que se dá ao enunciado.

Para a Pragmática, vários são os fatores importantes que interferem no significado total dos enunciados. O contexto é um deles.

Com a evolução dos estudos da ciência lingüística, uma tendência bastante clara pode ser focalizada: a busca de um esclarecimento cada vez maior no que tange à significação da linguagem natural. Tradicionalmente sempre foi a Semântica – rumo formalista – a parte da lingüística que se dedicou ao *significado*. Dessa forma, a linguagem natural foi considerada como uma imperfeição lógica que não merecia estudo. Desde o início do século, filósofos e lógicos positivistas entendiam que a linguagem natural não se adequava aos seus estudos, uma vez que era inadequada e imperfeita para o rigor formal baseado numa lógica *standard*.

Frege, Russel e Wittgenstein são considerados os filósofos mais significativos da postura positivista que marcou os estudos da semântica formal. Esta originou a semântica das condições-de-verdade.

Frege (1898) e Russel (1905) apresentam esse positivismo lógico. Como a linguagem natural não conseguia refletir a estrutura do universo das formas logicamente precisas e perfeitas,

as sutilezas da linguagem representavam imperfeições, assim não havia razão para estudá-las. Logo, a Semântica era tão formal quanto a Sintaxe, evitando ao máximo se envolver com os problemas surgidos com o contexto de uso.

Não são de exclusividade da Lingüística os estudos semânticos. A Filosofia da Linguagem apresenta uma longa tradição nesse sentido. Por muito tempo, em ambas as áreas, houve o desejo de investigações com resultados rigorosos e consistentes. Dessa forma, cada área privilegiou o caráter abstrato-formal da linguagem, cada uma de acordo com seus interesses e inclinações metodológicas.

Os teóricos, assim, afastavam-se de estudos que exigissem ir além da estrutura da linguagem. Assim, aspectos comunicacionais da língua, contexto, uso e usuário eram evitados. Esses elementos poderiam comprometer os estudos uma vez que não havia como tratá-los formalmente. Os estudos poderiam ser comprometidos, diminuindo-lhes o rigor e atribuindo-lhes propriedades especulativas.

A manobra favorável ao formalismo foi de indiscutível importância para as áreas da Semântica e da Pragmática, porque possibilitou que as investigações, não somente pela quantidade de fenômenos que passaram então a ser delineados, e puderam ser abordados, mas também pelo rigor dos resultados obtidos. Porém, no que se refere à significação, ela criou algumas barreiras para o desenvolvimento dos estudos, pois o apelo ao aspecto comunicacional da língua, apesar de indesejável, tornava-se cada vez mais inevitável.

É importante ressaltar que a Filosofia contribuiu de forma excepcional para o estudo do significado em linguagem natural. Focalizando o estudo pragmático, é relevante mencionar o papel da Semântica das condições-de-verdade e a influência do debate travado dentro da Filosofia da Linguagem no que diz respeito ao ônus que uma postura essencialmente formalista trazia para os estudos da significação.

Herdamos, dos estudos desse tipo de semântica, um sistema altamente consistente para tratar do significado. A partir do rompimento do logicismo, o debate nos proporcionou uma nova estratégia para explicar questões semânticas por passar a contemplar aspectos extralingüísticos como importantes para a determinação do significado.

Os estudos sobre Semântica sempre fizeram parte das preocupações lingüísticas. No momento em que ela começa a adquirir um caráter mais formal, torna-se mais transparente a sua interface com o uso, propiciando o surgimento da Pragmática lingüística.

A Semântica se encontra na filosofia da linguagem. Ela pesquisa a proposição, o conteúdo da frase, a relação entre a linguagem e o objeto. Frege, Russel, Wittgenstein, Carnap e Tarski são os principais autores. Localizada na filosofia da mente, a Pragmática se preocupa com o uso, sendo o significado entendido como intenção. O foco de estudo dessa disciplina é o enunciado, a relação entre a linguagem e o usuário. Wittgenstein, Strawson, Grice, Austin, Searle são os principais teóricos.

Como nosso trabalho se focaliza no estudo dos implícitos nos enunciados presentes no Orkut, faz-se necessário explicar a relação existente entre o dito e o implicado sob uma perspectiva Semântico/Pragmática.

Platão, na obra *Crátilo* expunha alternativas de explicação sobre como a linguagem significa e como se refere, ou seja, o fenômeno pragmático já era percebido na Filosofia Clássica. Mas a disciplina Pragmática somente foi definida bem mais tarde. Costa (1984) em seu estudo acerca da Pragmática, afirma que a história da Filosofia e da Lingüística parece apresentar dois momentos na sua linha temporal: o momento clássico (final do século XIX até 1962), o qual clama por uma disciplina própria, mas sem grandes pretensões, e o momento contemporâneo (1962 até hoje) o qual busca uma autonomia científica. É com Austin (1962) em sua obra *How to do things with word* que há a divisão entre o momento Clássico e o Moderno.

Peirce (1897), Morris (1938), Carnap (1938) e Bar-Hiller (1954) são os principais autores da fase primeira da Pragmática, segundo Costa (1984). Para o autor, Frege (1898) e Wittgenstein (1953) tiveram grande intuição dos fenômenos pragmáticos, sem acusar a existência teórica da referida.

O termo *Pragmática* é atribuído ao filósofo Morris, inspirado por Pierce. Este parece ter sido um dos precursores a afirmar a existência da Pragmática. Aquele acreditava que era possível reconhecer a relação entre o signo e seus interpretantes. Dessa forma, determinou uma organização do estudo lingüístico em três eixos: Sintaxe (relações formais entre os signos); Semântica (relação entre os signos e os objetos aos quais são aplicáveis) e Pragmática (relação entre os signos e seus interpretantes).

Carnap, logo após, concluiu, com seus estudos, que a Pragmática é uma disciplina empírica (o conhecimento provém, sob perspectivas diversas, da experiência) e utiliza estudos na área da biologia, da psicologia e das ciências sociais, revelando que a Pragmática é uma disciplina inclinada para a interface.

Carnap (1938) buscou delimitar o conceito elaborado por Morris, a partir de sua tentativa de reformular a tricotomia. De acordo com Levinson (1983), o campo de investigação da Pragmática se dá a casos em que se faz referência direta ao falante, ou seja, ao usuário da linguagem. Se não considerarmos o usuário da linguagem e analisarmos somente as expressões e suas designações, fixamo-nos no campo semântico. Se deixarmos de considerar os referentes e os interlocutores e estudarmos apenas a relação entre as expressões, estaremos no campo da lógica da sintaxe. Levinson aponta a dificuldade em delimitar as fronteiras das ramificações teóricas: Sintaxe, Semântica e Pragmática. Para ele, há diversidade de métodos e uma falta de clareza na delimitação do objeto de estudo de cada uma dessas áreas. Qualquer definição, desse modo, é quase sempre insatisfatória.

Um grande avanço no sentido de definir o objeto da Pragmática surgiu com Bar-Hillel (1954). Com o artigo clássico *Expressões Indiciais*, o teórico trata de avaliar o papel do contexto para a determinação da referência de uma sentença. Ele demonstrou que existem sentenças que podem ser avaliadas como verdadeiras ou falsas, livres de informações contextuais. Todavia, há muitas outras as quais só podem receber valor-de-verdade mediante informações do contexto. O autor observa três tipos de sentenças a fim de avaliar o papel do contexto, não percebido até então:

| | | |
|-------------------------------|------------------|--------------------|
| a.O gelo flutua sobre a água. | b. Está chovendo | c. Estou com fome. |
|-------------------------------|------------------|--------------------|

A primeira sentença pode ser entendida e avaliada. Pode ser verdadeira ou falsa, sem que seja necessário o contexto. Corresponde a um estado do mundo. Será verdadeira se e somente se o gelo flutua sobre a água.² Já as demais apresentam problemas quanto à determinação do estado de coisas a que se referem. Em que lugar e momento está chovendo? Quem e quando esse alguém está com fome? Ocorre essa indeterminação devido a elementos indiciais os quais remetem a significação a uma dependência contextual. Bar-Hillel, então, distingue as três, chamando (a) de asserção, (b) e (c) de sentenças indiciais.

O gelo flutua sobre a água é uma sentença verdadeira, cuja verdade é retirada da experiência comum, de um estado do mundo. Já, *Está chovendo.*, para receber um valor-de-verdade, a sentença deve receber informações contextuais quanto ao tempo, ao espaço e à

² Fórmula de Tarski.

produção da sentença. *Estou com fome.* também necessita do contexto, visto que se produzida por dois indivíduos em duas ocorrências diferentes já não terá a mesma referência.

É possível atribuir-se valor-de-verdade a sentenças indiciais, porém sempre se levando em consideração o par ordenado sentença-ocorrência-contexto, como afirma Bar-Hillel (1954). Para Costa (1984 p. 27), Bar-Hillel se destacou já que foi o primeiro a definir o objeto da disciplina Pragmática com duas contribuições indiscutíveis:

Em primeiro lugar, ter caracterizado, de maneira clara, a importância do contexto, sob a forma de expressões indiciais para a interpretação semântica. A Pragmática estaria, por isso, articulada à Semântica das condições-de-verdade. Além disso, Bar-Hillel teve o cuidado de definir o contexto como “descrições-de-contexto”, para que ele fosse considerado como entidade lingüística e, assim, pudesse formar, junto com a sentença, um par ordenado de elementos de mesma natureza.

Numa concepção mais moderna em que os teóricos buscam uma posição mais definida para a Pragmática está Austin (1962) e Searle (1969).

How to do things with word, obra de Austin (1962), estabeleceu a linha divisória entre as fases Clássica e Moderna da Pragmática. O teórico chamou a atenção para o fato de que alguns enunciados numa língua são, em si mesmos, atos. Ele postulou existir um conjunto de verbos em inglês, chamados *performativos*, já que, ao se utilizar de um desses verbos na primeira pessoa, um falante estaria realizando um ato. Por exemplo, se alguém disser *Eu o aceito como meu marido*. estará, de forma explícita, realizando um ato por intermédio da fala – nesse caso, o ato de casar. Ele observou também que outras estruturas que não apresentam verbos performativos explícitos serviam também para realizar atos de maneira implícita, em outras palavras, o enunciado pode realizar um ato sem explicitamente nomeá-lo. No exemplo *Eu buscarei tua encomenda*. Não há o verbo *prometer*, porém nesse ato de fala, ele aparece implicitamente.

Segundo Austin, tudo o que falamos é um ato complexo ou um complexo de atos. Para o autor, três aspectos são essenciais para o uso da linguagem, os atos de fala:

- Ato locucionário é o ato de dizer algo e, para tal, se requer elementos completos do discurso: sons (ato fonético), palavras de um vocabulário empregadas conforme as regras gramaticais, entonação. Além disso, o enunciado possui certo sentido e certa significação que o capacitam a referir. Ou seja, aspectos fonéticos, sintáticos e semânticos envolvem o ato

locutório.³ No exemplo “Ela falou que o menino estava na sala”., algo é nomeado e algo é relatado. Se um enunciado não estiver de acordo com a gramática, não há significação. Se o enunciado falha em relatar ou nomear, o discurso fica vago, obscuro.

- Ato ilocucionário: dá-se sempre que se pronuncia um ato locucionário e com ele executa-se, pelo fato mesmo de dizê-lo, um ato ilocucionário. Por meio de um ato ilocucionário, pergunta-se, responde-se, avisa-se, anuncia-se um veredicto, fazem-se apelos, descreve-se algo. Trata-se de enunciações que têm valor convencional.

- Ato perlocucionário: quando se produz este ato, produz-se também o ilocucionário dotado da força do dizer. Mas, além disso, muitas vezes provoca-se um efeito no ouvinte, no auditório. Uma advertência pode provocar temor no interlocutor. Dissuadir, importunar, reconduzir ao bom senso são efeitos perlocucionários.

Uma das maiores contribuições de Austin foi distinguir dois níveis, o do enunciado e o da força dos atos de fala, advinda do fato de serem ditos por alguém em situação de discurso. Gramaticalmente, sentido e referência ocorrem na elaboração de todo e qualquer enunciado bem formado, com significação; ao ser enunciado em determinadas circunstâncias, o ato de fala concreto fica revestido de um valor. Esse valor advém da fala, do fato de enunciar-se algo a alguém.

No seu clássico *Speech Acts*, Searle não só retoma as idéias de Austin, mas também as amplia. Para aquele, não se pode tratar significado e ato ilocutório como a mesma coisa. Sugere, então, os seguintes atos:

- a. atos de proferimento: atos de articulação de cadeia sonora;
- b. atos proposicionais: o locutor se refere a um objeto e predica algo dele;
- c. atos ilocucionários: asserções, promessas, pedidos, advertência etc.;
- d. atos perlocucionários: as conseqüências e os efeitos provocados pelos atos ilocucionários.

Para Searle, a referência é um ato de fala. Não é a frase que expressa uma proposição, mas o locutor que, por meio dela, pratica o ato proposicional.

³ Ao dizer *Semântica*, Austin pensa aqui em uma análise do sentido e da referência em termos mais ou menos fregeanos.

A década de 60 inaugura um período no qual os teóricos procuram definir o campo próprio da Pragmática e uma metodologia específica que permita caracterizá-la como disciplina científica.

Bar-Hillel em parte influenciou os estudos de Montague (1974). Para este, a Pragmática deveria seguir os passos da Semântica. Dentro do seu modelo, a Semântica e a Pragmática são bastante semelhantes metodologicamente. Ao nível semântico, Montague trabalhou a noção de mundo possível a fim de ajustar-se à de contexto-de-uso, embora os dois conceitos apresentem diferenças.

Abordamos de forma superficial os teóricos que iniciaram a Pragmática moderna. Passamos agora a analisar os estudos de Montague (1974) que aceitou a Pragmática como disciplina formal a qual investiga as expressões indiciais, ou seja, aquelas cujos valores semânticos dependem do contexto-de-uso. Nesse passo, foi adotada a proposta de Bar-Hillel, todavia em parte. Ele defendia a idéia de que a Pragmática deveria seguir os passos da Semântica, ou seja, a Pragmática, pelo menos em seu nível inicial, deveria seguir a teoria dos modelos, que aborda conceitos de verdade e satisfação, tanto no nível da interpretação como no de contexto-de-uso. Para Montague, o objetivo da Pragmática seria a capacidade de sistematizar aspectos relevantes do contexto para que uma sentença com elementos indiciais pudesse ser interpretada.

Para Gadzar (1979) a Semântica deveria trabalhar conjuntamente com a Pragmática, caso o estudo fosse de condições-de-verdade e enunciados. Segundo o teórico, a Pragmática – significado menos as condições-de-verdade – deveria se preocupar com a descrição e a explicação do excesso de significado, e a Semântica deveria considerar as condições-de-verdade. Analisemos os exemplos abaixo, focalizando o que ocorre com o *e* lógico e o *e* da linguagem natural:

- (1) Karen ganhou um computador e criou seu perfil no Orkut.
- (2) Karen criou seu perfil no Orkut e ganhou um computador.

No primeiro exemplo, Karen primeiro ganhou um computador e depois criou seu perfil no Orkut. Já no segundo exemplo, Karen primeiro criou seu perfil e depois ganhou um computador. Dessa forma, para que as condições-de-verdade sejam determinadas, é indispensável especificar de maneira pragmática o *e* e sua relação temporal. A Semântica das condições-de-verdade não resolve certos aspectos lingüísticos. Em se tratando de conversação, enquanto prática comunicativa concreta, a significação apresenta muitas inferências não descritas totalmente.

Levinson (1983) afirma que o conteúdo semântico parece ser a base sobre a qual outras manifestações do sentido ocorram.

Vejamos os enunciados abaixo:

(3) Mônica tem Orkut.

(4) Até Mônica tem Orkut.

As condições-de-verdade são as mesmas para os dois enunciados. Porém, no segundo enunciado parece que além de Mônica, outros indivíduos têm Orkut, e que ela não seria a mais provável a ter o Orkut. À Semântica, então, caberia considerar as condições-de-verdade e à Pragmática a descrição e explicação do excesso de significado.

Para Gadzar, tratar-se a Semântica de forma autônoma é muito difícil. Nos dois exemplos abaixo, ele evidencia que o mesmo enunciado poderá apresentar proposições falsas ou verdadeiras conforme as informações contextuais.

(5) No orkut, a Mônica escolheu Vinícius para namorado.

(6) No orkut, a Mônica escolheu Vinícius para namorado.

A informação contextual se refere à acentuação maior do enunciado onde está sublinhado. Para que a primeira seja verdadeira, a Mônica escolheu Vinícius para namorado por um equívoco, já que deveria ter escolhido outro candidato. Para que o segundo enunciado seja verdadeiro, o equívoco de Mônica está no fato de ela ter escolhido Vinícius como namorado e não como um amigo, por exemplo.

Assim, para que as condições-de-verdade sejam estabelecidas é necessário que haja informações contextuais. Semântica e Pragmática, neste caso, devem trabalhar conjuntamente uma vez que os aspectos significativos diversos constituintes de um enunciado não se separam no estabelecimento das condições-de-verdade.

No que diz respeito ao contexto, este ainda é uma entidade lingüística problemática. A busca do significado, não de forma abstrata, porém, concreta, ou seja, inserido no uso em um contexto é o ponto mais relevante da Pragmática. A noção de contexto pode ser retirada da crítica que se faz ao estudo de Katz (1977). Ele busca a diferença entre Semântica e Pragmática levando em consideração o exemplo de uma carta anônima como ponto de referência para um contexto nulo. Dessa forma, parece ter insinuado que o remetente, numa carta anônima, está neutralizado como indivíduo real. Porém, como indivíduo possível, não. Isso já adquire uma importante propriedade, o anonimato. Embora sem a identificação do remetente, o destinatário efetua juízos

sobre quem teria escrito a carta. O próprio contexto pode também apresentar propriedades as quais nunca poderão ser eliminadas pelo caráter anônimo da carta. Imaginemos, por hipótese, uma menina com seu *profile* no Orkut receber anonimamente um bilhete com os seguintes dizeres:

(7) A: Tu és uma menina interessante! Quem sabe um dia eu não esteja no lugar do teu namorado!

Embora não haja identificação do remetente de forma direta, não será difícil para o julgador compreender que o bilhete foi escrito por alguém, provavelmente do sexo masculino que está interessado nela. Assim, mesmo no caso de anonimato, livrar-se do contexto ou neutralizá-lo não é uma tarefa fácil, como desejava Katz.

A idéia fundamental é a de que uma teoria do significado completa para uma linguagem requer um procedimento de combinação entre sentenças e um conjunto de condições que, quando aplicado a cada uma das infinitas sentenças de uma linguagem, gera um enunciado das condições necessárias e suficientes para a verdade da sentença⁴. É a Semântica das condições-de-verdade, condições que precisam ser satisfeitas na realidade a fim de que uma oração possa ser considerada verdadeira. Determinar as condições-de-verdade de uma oração é o mesmo que determinar o seu sentido ou a sua intenção.

A lingüística passou a dar mais atenção para o aspecto comunicativo da língua – resultado da crise semântica das condições-de-verdade. A Pragmática se ocupa assim, de fenômenos da significação lingüística, não tratados numa semântica das condições-de-verdade, como a noção de contexto que segue.

Embora seja importante, o contexto ainda é considerado por muitos estudiosos uma entidade lingüística problemática. Uma maneira de tratar os diversos problemas de significação que ocorrem, quando a linguagem natural é abordada, é relacionar Semântica e Pragmática, ou seja, uma interface Semântica/Pragmática.

Levinson (1983) sugere que cabe à Pragmática se preocupar com aspectos do significado dos quais uma teoria Semântica não consiga dar conta. Gadzar (1979) propõe que o significado

⁴ A origem dessa maneira de analisar a Semântica pode ser vista nos estudos de Tarski (1944).

caberia à Pragmática já que ele não pode ser analisado pelo critério lógico das condições-de-verdade.⁵

Em outras palavras, caso o conceito de Pragmática fosse aquele proposto acima, a natureza de seu escopo seria variável de acordo com a natureza do escopo da teoria Semântica adotada. Assim, a Pragmática seria complementar à Semântica.

Segundo Levinson (1983), essa relação de complementaridade é só aparente, uma vez que existem algumas áreas específicas que continuam não encontrando respostas em nenhuma das teorias semânticas correntes. Para o autor, alguns componentes do significado ou de inferências entram em jogo na composição do significado de enunciados em linguagem natural. Algumas inferências apresentam comportamentos diferentes nos contextos que interagem.

Além da posição de Gazdar que situa a Pragmática, mediante uma definição negativa, em relação à Semântica, cabe considerar, ainda, as tendências que a encaram como teoria da compreensão dos enunciados. O objetivo fundamental, nesse sentido, de uma teoria Pragmática seria explicar como um falante e um ouvinte dialogam e se entendem dentro de um contexto. Colocada a questão desse modo, um modelo teórico de um ato comunicativo bem sucedido deve apreender as relações entre esses três elementos, ou seja, falante, ouvinte e contexto.

Esse tipo de abordagem também depende, obviamente, de uma conceituação clara de *contexto*. Trata-se, então, de caracterizá-lo, teoricamente, nas suas propriedades, bem como nas propriedades que decorrem das relações dos interlocutores com ele.

Conforme Levinson (1983), a Pragmática é o estudo daquelas relações entre linguagem e contexto que são gramaticalizadas, ou codificadas na estrutura da linguagem. Essa definição apresenta uma vantagem: abre a possibilidade do estudo de fenômenos dêiticos, pressuposições e atos de fala. Porém ficam excluídas do objeto da Pragmática as implicaturas, como referidas por Grice.

Conforme o modelo inferencial de comunicação proposto por ele, não só se produzem e se interpretam enunciados, mas também se fazem inferências mediante o que foi dito

⁵ A semântica-das-condições de verdade referida aqui é aquela cuja origem está nos trabalhos em lógica de Tarski, que foram também estendidos para o tratamento da linguagem natural. A idéia essencial dessa proposta é que uma teoria do significado completa para uma linguagem exige um procedimento de combinação entre sentenças e conjuntos de condições que, quando aplicado a cada uma das infinitas sentenças de uma linguagem, automaticamente produz um enunciado das condições necessárias e suficientes para a verdade da sentença.

efetivamente, já que este modelo apresenta suficientes argumentos que comprovam que as pessoas dizem mais do que comunicam realmente.

A partir das constatações vistas nesta seção, mostramos que há dificuldade em estabelecer os limites claros entre Semântica e Pragmática. A semântica das condições-de-verdade, a qual explica somente as propriedades do dito da sentença não dá conta dos aspectos comunicativos do enunciado. A Pragmática, disciplina atual e revolucionária, que se focaliza no estudo das propriedades implícitas dos enunciados, coloca-se como a mais adequada para o tipo de análise dialogal, embora de forma isolada não dê conta dos enunciados nos atos comunicacionais. O dito é preciso a fim de que possamos analisar o implicado. Assim, sentença e enunciado não são indissociáveis e precisam ser analisados juntos, aliados ao contexto de fala dos enunciados.

3 TEORIAS PRAGMÁTICAS – A ARQUITETURA CONCEITUAL

3.1 GRICE E A TEORIA DAS IMPLICATURAS

Este capítulo abordará a Teoria das Implicaturas de Grice (1957; 1975) já que esta representa o tratamento pioneiro do estudo da intencionalidade na linguagem natural. A teoria de Grice será tratada de forma não-problemática, sendo somente descrita. O Modelo Clássico de Grice, ou a Teoria das Implicaturas de Grice é uma teoria pragmática do significado que pode fazer interface com a Semântica. Esta interface nos permite estudar como funciona o aspecto do raciocínio na comunicação do dia-a-dia.

Na década de 60, alguns estudiosos iniciaram pesquisas sobre a linguagem natural que pudessem desempenhar uma função na teoria do significado. Isso ocorreu tendo como foco a possibilidade de sistematização do aspecto comunicacional da linguagem natural. Nesse período surge a Teoria das Implicaturas (TIG) de Paul Grice, inserida no artigo *Logic and Conversation* (1975).

O artigo, considerado o mais importante, foi apresentado pelo filósofo em uma conferência em Harvard. O trabalho parte de uma discussão que se localiza na Filosofia da Lógica, ou seja, houve uma tentativa de abordar a linguagem natural pela Lógica. Com base na interface da linguagem natural com a lógica, Grice, a partir disso, buscou comprovar a necessidade de se estudar a significação que foge ao conteúdo proposicional das expressões, salientando que tal debate se fundamentava em uma questão mal colocada de divergências na significação entre os símbolos formais e seus supostos análogos na linguagem natural.

Os formalistas, conduzidos pela possibilidade de uma formulação de padrões gerais das inferências lógicas, partiam da idéia de que os símbolos formais apresentavam vantagens em relação aos conetivos correspondentes na linguagem natural. Assim, o foco do estudo não era uma reforma da linguagem natural para o uso, mas um estudo voltado a fim de torná-la mais rigorosa e precisa para a ciência. Essa concepção era contestada pelo informalistas já que a linguagem serve a vários outros propósitos igualmente importantes. Dessa maneira, não

concordavam com a proposta formalista de tomar como critério de análise da linguagem a sua capacidade de servir às necessidades da ciência.

Nesse universo, considerado de certa maneira um informalista, pelo fato de se relacionar mais à Filosofia da Mente do que à Filosofia da Lógica, Grice – apesar de não ter contribuído para a Lógica – procura mostrar que não há obstáculos entre os conetivos da Lógica Clássica e da linguagem natural. Embora houvesse diferenças entre ambas, para o teórico tal disparidade não era vista como um problema para a linguagem natural. Ele não concordava com os que buscavam o desenvolvimento de uma lógica própria para a linguagem natural já que acreditava na necessidade de preservar as propriedades da Lógica Clássica.

Embora ele se opusesse aos formalistas, discordava em alguns pontos dos informalistas. Avaliou como equivocada a discussão entre essas duas correntes e apresentou uma maneira diferente de abordar a questão. O impasse entre as correntes, segundo Grice, se dá por não analisarem com o devido cuidado a natureza da conversação. Com o propósito de desenvolver uma teoria da comunicação, ele parte de uma análise das condições que se aplicam à conversação em geral.

Grice, ao analisar a variação do significado, chega à conclusão de que é preciso fazer menção à intenção do falante. Além disso, acredita que não seja interessante ampliar a noção de contexto a fim de explicar a variação do significado, diferentemente da visão de Wittgenstein (1953) e de Austin (1962).

Grice assume que há certa regularidade de intenções no uso das palavras e, dessa forma, propõe a existência de uma significação *standard*. Dessa forma, as variações de significado ocorrem sobre uma base proposicional estável. Contudo, o seu objetivo se focaliza no desenvolvimento de um estudo a fim de explicar aquelas ocorrências de significado que não são consideradas convencionais.

Nesse sentido, no artigo *Meaning*, Grice (1957) aborda a teoria da significação natural e não-natural. Mostra o ponto de partida para um modelo inferencial da comunicação como sendo aquele em que se consegue a interatividade: pistas intencionais são proporcionadas pelo emissor, e as intenções do emissor por meio de pistas verbais são inferidas pelo ouvinte.

Nos exemplos a seguir, podemos ilustrar com o enunciado (8) um significado natural e com (9) um significado não-natural, ou seja, convencional:

(8) “Andressa, manda logo essa mensagem que o céu está carregado de nuvens escuras!”⁶

(9) “Há vários feriados este ano. Assim posso viajar mais seguido.” (*Feriado* implica que há mais dias livres; não precisa trabalhar, isto é, convenção).

Segundo o teórico, o significado de uma expressão pode ser explicado em termos daquilo que os usuários da língua querem dizer, ou significam. O exemplo (9) demonstra que o significado convencional foi determinado pelo dito e pelo implicado (convenção).

A comunicação não está resumida na codificação e decodificação de mensagens. O teórico sugere, em especial, uma análise de casos em que o significado vai além do que está expresso na estrutura lingüística. Ele busca a resposta para como é possível um enunciado significar mais do que é dito e ainda assim ser capturado pelo ouvinte. Deve haver algum tipo de regra que faz com que um falante A transmita algo além da frase e um ouvinte B entenda esta informação extra.

Contestações, interpretações e revisões em grande número ocorreram com a divulgação da Teoria da Comunicação feita por Grice através das idéias abordadas em *Meaning*. Mediante esses diferentes olhares, sua pesquisa se tornou importante visto que toda a teoria forte está sujeita a críticas. De muita importância, *Meaning* divulgou a Teoria da Comunicação de Grice. Alguns anos depois dessa publicação, ele organizou uma teoria acerca da implicação pragmática, distinta da implicação semântica, como uma ferramenta para resolver certos problemas lingüísticos na teoria da comunicação.

O que causou maior impacto entre os estudiosos da área foi a Teoria das Implicaturas, no artigo *Logic and Conversation* (1975). Caracterizada como uma teoria da conversação, esse modelo consiste em um sistema conceitual formado por quatro categorias compostas por máximas conversacionais, que constituem o Princípio de Cooperação.

Nesta teoria, Grice afirma que para haver entendimento na comunicação sem a necessidade de explicitação deve existir, dessa forma, um Princípio da Cooperação. Então ele assume a suposição de que os indivíduos devem ter regras automáticas que compartilham de maneira natural. Ele toma como modelo a conversação, uma vez que ela representa a forma mais básica de comunicação para reformular uma teoria da comunicação em geral. Supõe-se que a conversação ocorra de maneira cooperativa. Esta é a base do Princípio de Cooperação.

⁶ *Nuvens escuras* implicam chuva; ou seja, natural, perceptível.

Por meio de um exemplo de conversação, podemos ver, usando a mesma estrutura do exemplo clássico de Grice, como se caracteriza a noção de implicatura. Fernando e Mateus estão falando sobre Pedro. Este, um rapaz de comportamento agressivo, levou um *fora* da namorada.

(10) *Fernando: Como está o Pedro, depois que a Núbia rompeu com ele?*

Mateus: Jóia! Ele não destruiu nenhum computador até agora!

O que *Mateus* implica, sugere, ou quer dizer para *Fernando* ao dizer *Jóia! Ele até não destruiu nenhum computador até agora.* é que *Pedro* é um rapaz capaz disso uma vez que ele apresenta um comportamento agressivo; talvez o rompimento com a namorada o levasse a ter uma atitude de quebrar algo, o que é esperado pelos que o conhecem. O que *Mateus* implicou não é de fato o que ele disse. Grice introduz os termos técnicos implicitar (*implicate*), implicatura (*implicature*) e implicitado (*implicatum*) e organiza ao redor deles, segundo Costa, um sistema que explica essa significação a qual *Fernando* e *Mateus* podem entender, porém que não foi dito efetivamente. O *dito* é o literal, o que apresenta valor semântico. Foco do artigo de Grice, o Princípio de Cooperação (PC), ligado às Categorias e às Máximas Conversacionais, é o que rege a conversação.

Princípio da Cooperação:

Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.

Segundo Grice (1975), o Princípio de Cooperação é um acordo de cooperação entre quem fala e quem ouve. A comunicação só ocorrerá se esse princípio for respeitado. Caso isso não aconteça, a comunicação perde sua força, interesse, enfim, seu sentido.

A partir do Princípio de Cooperação, são distinguidas as Categorias (segundo o modelo de Kant – Quantidade, Qualidade, Relação e Modo) e suas Máximas, como examina Costa (1984), resultado do acordo com o princípio aqui estabelecido e que descreverá como as pessoas comunicam mais do que dizem:

I Categoria da Quantidade

Relacionada à quantidade de informação a ser fornecida. Suas máximas são:

- Faça com que sua mensagem seja tão informativa quanto requerida para a conversação.

- Não faça com que sua mensagem seja mais informativa do que é requerido.

Esta máxima explica a mensagem como dita, porém não trata do significado que está além do dito, pois, segundo Grice, o respeito às máximas produz o dito. Vejamos o exemplo.

Carol, uma garota extremamente ciumenta deixa um *scrap* (mensagem deixada no Orkut) para o namorado.

(11) Carol: Onde tu estavas ontem à noite que não consegui falar contigo?

Anderson: Saí com meus amigos para jogar bola.

A resposta de Anderson parece corresponder à quantidade de informação necessária para a pergunta feita por Carol. Caso o indivíduo diga menos do que a informação requerida, implicaturas podem ser geradas. Analisemos o exemplo abaixo:

(12) Carol: Onde tu estavas ontem à noite que não consegui falar contigo?

Anderson: Por aí, dando umas voltas.

Anderson está oferecendo aparentemente menos informação, e Carol é levada a entender algo que está além do dito. Neste caso, Anderson parece não estar disposto a falar sobre o assunto.

Vejamos outro exemplo:

(13) Carol: Onde tu estavas ontem à noite que não consegui falar contigo?

Anderson: Primeiro cheguei ao meu apartamento. Depois liguei para meus colegas e fomos para o clube. Logo conseguimos uma quadra para jogar. Como o celular estava sem bateria, nem o levei para o treino já que nem ia poder ligar e nem receber chamadas. Quando acabou o jogo, deixei os guris em casa e fui para casa dormir.

Quando se diz mais do que o requerido, como neste contexto em que Carol e Anderson são namorados, por exemplo, a resposta dele leva a inferir que deseja comunicar algo além do dito, uma vez que ela, uma namorada ciumenta, quer saber detalhes da rotina do rapaz.

II Categoria da Qualidade

Relacionada à supermáxima *Procure afirmar coisas verdadeiras*. Contém ainda as máximas:

- Não afirme o que você acredita ser falso.

- Não afirme algo para o qual você não possa fornecer evidência adequada.

Esta máxima pressupõe que todas as vezes que os indivíduos estiverem se comunicando, estejam dizendo algo no qual acreditam. Em alguns momentos, numa conversa, uma pessoa pode mentir, porém o indivíduo o qual a ouve supõe ser verdadeiro o que ela diz. O fato de ambas saberem não torna explícita a suposição de que é falso.

III Categoria da Relação

Esta máxima, segundo Grice, está de acordo com o tópico. Dessa maneira uma conversação como a seguinte não pode ocorrer.

Diego, ao ver o perfil de Pâmela, interessa-se por ela e deixa um *scrap*:

(14) Diego: Gostaria muito de te conhecer. O seu perfil me deixou curioso! Vamos marcar um encontro?

Pâmela: Bem que o Grêmio podia ter vencido a Libertadores!

Todos estão, em princípio, envolvidos no mesmo tópico. Para Grice, *seja relevante* quer dizer que a comunicação é sobre o mesmo tópico e por essa razão não pode ser entendida como algo paralelo.

Lucas, apaixonado por uma menina a qual viu no Orkut, deixa um recado para seu amigo Fábio:

(15) Lucas: Preciso melhorar minha argumentação, senão vai ser difícil conquistá-la!

Fábio: Conversa com um lógico e um lingüista.

Lucas acredita que Fábio deve estar respeitando a máxima e, dessa forma, Fábio está dizendo de maneira implícita que Lucas, ao falar com um lógico e um lingüista, vai conseguir conquistá-la. Portanto, toda vez que existir comunicação cooperativa Grice assume que, em princípio, o tópico é o mesmo. Tal concepção não serve a uma língua em particular, uma vez que o princípio de cooperação é universal.

IV Categoria de Maneira (Modo)

Relaciona-se com o *modo* como o que é dito deve ser dito. Sua supermáxima é *Seja Claro*. Apresenta como máximas:

- Evite obscuridade de expressão.

- Evite ambigüidades.
- Seja breve (evite prolixidade).
- Seja ordenado.

A supermáxima de modo pressupõe que a conversação prioriza pela clareza, brevidade e objetividade. Assim, se um falante se expressar de modo não-objetivo, possivelmente ele deve estar implicando alguma coisa.

A teoria das implicaturas, tal como concebida, organiza uma abordagem para o tratamento de todas as formas de além-dito, mediante a observância ou suposta violação das máximas. Para Grice, não existe na conversação o desrespeito às máximas, mas supostas violações. O desrespeito se refere à incomunicabilidade e não está no escopo da teoria griceana, a qual busca explicar como certos raciocínios são feitos numa conversação com o objetivo de compreender o que o falante se propõe a dizer, além do que ele disse efetivamente, ou seja, como as pessoas compreendem a informação a qual não foi dita na comunicação.

Outras regras são reconhecidas por Grice, como a polidez, por exemplo, que governam a comunicação. Porém, segundo o teórico, bastam essas quatro categorias para explicar o fenômeno das implicaturas conversacionais. O termo *implicatura* foi criado a fim de ser utilizado como um termo geral que permitisse diferenciar aquilo que é dito daquilo que é implicado. Ligado ao significado convencional das palavras está o dito. O *implicado* permite ao falante demonstrar sua intenção de comunicar um significado diferente do que as palavras literalmente expressam.

Grice dividiu as implicaturas em convencionais e conversacionais. As primeiras partem do significado convencional das palavras, ou seja, da convenção do léxico. Não são baseadas no Princípio de Cooperação e suas máximas, assim como não são dependentes de contextos especiais para serem interpretadas. Quando um enunciado é proferido, o falante diz algo e o significado do que foi dito está ligado ao significado literal das palavras:

(16) Até o Pedro convidou a Priscila para participar do debate na comunidade *Meu cachorro pensa que fala*.

Uma informação a mais está veiculada a essa sentença: a palavra *até*. A implicatura é outras pessoas convidaram a Priscila para o debate na comunidade *Meu cachorro pensa que fala*, e Pedro ter convidado comprova isso. As condições-de-verdade da sentença não são afetadas por tal relação. Elas são derivadas a partir da intuição lingüística das pessoas e, assim, dadas por convenção.

Vejamos o exemplo a seguir:

(17) Luís é orkuteiro, mas não mente.

Está dito nessa sentença que *Luís é Orkuteiro e não mente*. Além dessas informações, há algo implicado: orkuteiros mentem. Esta é uma implicatura convencional, derivada do termo *mas*.

A essência da teoria da comunicação de Grice é formada pelo significado conversacionalmente implicado. As generalizadas e as particularizadas compõem as implicaturas conversacionais. Pode haver confusão entre as implicaturas generalizadas e as convencionais uma vez que aquelas não dependem de um contexto especial para serem desencadeadas.

Analisemos este exemplo:

(18) Arádi: A comunidade *Seicho-No-Ie* deixou recado para a Karla e para a Renata este final de semana?

Cadu: A comunidade deixou para a Karla.

Arádi acredita, ao escutar a resposta do Cadu, que ele deve estar cooperando, consciente da máxima de quantidade. Logo, se menos informações foram dadas por ele, isso quer dizer que *a comunidade deixou recado para a Karla*, não deixou para Renata. Como ele não mencionou *Renata*, implica-se que ela não recebeu recado por não ter sido mencionada.

As implicaturas generalizadas são normalmente comunicadas em conceitos de escalas, chamadas de escalares. Consideremos o exemplo abaixo:

(19) A: O sistema do Orkut investiga perfis racistas e já tirou da rede alguns deles.

A frase de A – independente do contexto - implica que o Orkut não tirou da rede todos os perfis racistas. Aliás, caso alguém em seguida acrescentasse que, na verdade, *o Orkut tirou da rede todos os perfis racistas*, a frase de A causaria surpresa por parecer romper com o princípio da cooperação. Porém essa situação poderia ocorrer, já que as implicaturas são canceláveis. Grice observa que esse tipo de implicatura é muito semelhante às convencionais.

Conforme o teórico, essas implicaturas são controversas, mas também são ricas para propósitos filosóficos uma vez que elas estariam presentes em qualquer enunciado, de certa forma, porém, como toda implicatura conversacional, não são representadas como parte do significado das palavras ou formas. Levinson (1983) aborda que Grice estava particularmente interessado nas implicaturas generalizadas exatamente por serem difíceis de distinguir do conteúdo semântico ou convencional.

A implicatura conversacional particularizada exige informação contextual e explora as máximas. Metáforas, ironias e tautologias são geralmente originadas pelas particularizadas. Conforme Grice (1989), para inferir que existe uma implicatura conversacional, o ouvinte fará operações com os seguintes dados (Levinson, 1983, p. 113):

- a. O significado convencional da sentença P proferida;
- b. O Princípio Cooperativo e suas máximas;
- c. O contexto de P;
- d. Outros itens de seu conhecimento anterior, o *background*;
- e. O fato de que os fatos supostos de *a* a *d* são de conhecimento mútuo compartilhado pelos participantes.

Este não é um cálculo prático, porém teórico, feito para as pessoas se entenderem da melhor forma possível. Este é um modelo ilustrativo o qual apresenta como os indivíduos raciocinam, no momento em que percebem as implicaturas que falantes/ouvintes constroem.

Propriedades das implicaturas conversacionais

▪ Calculabilidade

Grice organizou um cálculo inferencial descritivo, ou seja, padronizou um modelo para a dedução de uma implicatura conversacional. A calculabilidade é uma das propriedades de maior importância. Embora seja compreendida pelo ouvinte, a presença de uma implicatura conversacional deve poder ser calculada.

O cálculo elaborado por Grice é composto dos seguintes passos:

1. A disse *P*;
2. Há colaboração, não há razão para pensar que A não esteja obedecendo ao PC;
3. A não diria *P* dessa maneira (sem quebrar as máximas), a não ser que ele pense *Q*;
4. A sabe, e sabe que eu sei que ele sabe, que eu poderia inferir *Q* a partir do que ele disse;
5. A não fez nada para impedir que eu, o receptor, pense *Q*;
6. A implica *Q*.

Essa propriedade autoriza mostrar que a implicatura seria uma inferência provável no contexto em que o enunciado foi dito. Logo, a calculabilidade comprova a suposição de que não se trata de um significado convencional.

- Cancelabilidade

As implicaturas permitem a cancelabilidade uma vez que o falante pode adicionar algo e cancelar o que havia sido implicado anteriormente. Já na Semântica, a implicatura não pode ser cancelada. Vejamos o exemplo a seguir:

(20) O governo parou de processar comunidades pedófilas no Orkut.

O governo parou de processar comunidades pedófilas no Orkut, acarreta semanticamente que antes o governo fazia essa atividade. Já a sentença seguinte não seria possível:

(21) O governo parou de processar comunidades pedófilas, apesar de que ele nunca tê-las processado.

O cancelamento das implicaturas pode ser feito de forma explícita, mediante o acréscimo de uma oração ou pelo próprio contexto.

(22) A: Quantas comunidades de pedofilia no Orkut foram denunciadas pelo governo?

B: Umas 100, senão mais.

O acréscimo cancela a implicatura inicial de que foram denunciadas não mais que 100.

- Não – destacabilidade

Nessa propriedade, a implicatura não está ligada à forma lingüística, mas ao conteúdo semântico. Embora haja troca de termos de um determinado enunciado por outros sinônimos, a implicatura se mantém. Observemos nos exemplos a seguir que a implicatura é a mesma para ambos em um contexto de ironia.

(23) Vânia: Aquele depoimento que a Ana fez para o seu namorado é maravilhoso!

Vânia: Aquele depoimento que a Ana fez para o seu namorado é admirável!

+> Aquele depoimento que a Ana fez para o seu namorado não é maravilhoso.

- Indeterminabilidade

Dependendo do momento, diferentes implicaturas podem ser geradas por um enunciado. Já que elas não fazem parte do dito, não podem ser determinadas com rigor.

(24) A: O que você acha dos depoimentos dos amigos da Taiane?

B: Inusitados.

Algumas vezes, é desejável que haja indeterminabilidade pelo fato de permitir interpretações diferentes. Alguns indivíduos podem usar essa expressão (inusitado) justamente para dar margem a vários sentidos. Quanto menos determinável for, mais informativo pode ser.

▪ Não-convencionalidade

A implicatura nessa propriedade não é veiculada ao significado convencional das expressões lingüísticas. Grice confirma a idéia de que a implicatura não pode ser só determinada pelas condições-de-verdade. O dito pode ser verdadeiro e o implicado, falso.

(25) Rui: Tu achas que a Bruna é diferente?

Ricardo: Mulher é mulher.

Por ser tautológico, o enunciado de Ricardo é verdadeiro. A resposta que Ricardo oferece parece não-informativa e óbvia. Se ocorre a tautologia é porque Ricardo quer implicar algo: quer dizer que todas as mulheres são iguais, por exemplo.

Grice, quando construiu as máximas, previu que tais regras, inatas, existiam e eram seguidas por todo falante em uma conversação a fim de respeitar o princípio cooperativo. Elas, na verdade, são base para tentar modelar como as implicaturas podem surgir a partir do que é dito e interferir no significado da estrutura expressa lingüisticamente.

As implicaturas conversacionais podem ser geradas através do respeito ou violação das máximas. O teórico sustenta que o respeito ao Princípio Cooperativo é de interesse dos falantes para que haja uma comunicação bem-sucedida. Quando o falante viola uma máxima, mesmo que de forma aparente, ele permite que o ouvinte tire suas conclusões segundo o contexto conversacional.

I – A máxima não é violada, pelo menos obviamente.

(26) Sabrina: Raquel, tu vens comigo à festa dos amigos do Orkut hoje à noite?

Raquel: Eu não estudei para o teste de Direito Constitucional que terá amanhã.

No exemplo, parece que há uma quebra da máxima de relação pelo motivo de Sabrina não ter recebido a resposta negativa ou afirmativa a qual seria exigida. Assim, pode ser deduzida pela Sabrina uma implicatura conversacional por pressupor que Raquel esteja respeitando as regras

conversacionais. Por implicatura, Sabrina conclui que Raquel, ao se referir ao *teste amanhã*, quer destacar que estudar para o teste é prioridade, ou seja, o estudo vem antes da diversão. Logo, a inferência de Sabrina é *Raquel está dizendo que não vai à festa*.

II – Uma máxima é violada para evitar que outra o seja, supondo que a máxima preservada seja mais relevante.

(27) Fábio: A Carol não entra no Orkut há dias. Tu sabes onde ela anda?

Émerson: Ela deve estar por aí, passeando.

Comumente usada essa implicatura não é difícil de ser reconhecida uma vez que Émerson não contribui de modo informativo tanto quanto necessário e não o faz pelas razões de não ter mais informações. Ele assim responde para respeitar a máxima da qualidade, sobre a veracidade da informação a ser mais preciso. Há uma implicatura de que Émerson não sabe onde Carol está, mas provavelmente é do costume dela dar uma *sumida*, sair com frequência. Ele, dessa maneira, busca cooperar ao tentar responder, mesmo que de modo impreciso.

III – Desconsideração de uma das máximas para gerar implicaturas conversacionais

A máxima, neste caso, não é considerada a fim de ser explorada. O falante viola de maneira aparente a fim de transmitir alguma coisa com essa quebra. Assim, obtém-se uma implicatura conversacional. As figuras de linguagem se encaixam neste caso.

● *Abandono de máxima de quantidade*

a. Por falta de informação

(28) Rafaela: Tu chegaste a ver as comunidades das quais a Letícia participa?

Ramiro: Cada um é cada um.

A resposta de Ramiro é uma tautologia. Esta desconsidera a máxima de quantidade por ser totalmente não-informativa ao nível do dito. Porém, quando Ramiro utiliza *cada um é cada um*, quer implicar alguma coisa, ou seja, que cada pessoa tem uma maneira de agir ou que se deve respeitar a individualidade dos outros.

b. Por excesso de informação

(29) Elaine: Vi teu Orkut. Como você é?

Samuel: Sou loiro, alto, porte atlético. Estudo Medicina na PUC. Gosto de malhar. Adoro sair à noite. Sou fiel, companheiro, carinhoso. Adoro fazer programas interessantes. Ah, e tenho senso de humor!

O contexto do diálogo acima está inserido numa conversa em que Elaine, depois de ter visto o perfil de Samuel, mandou um e-mail a ele, querendo saber mais coisas a seu respeito, ou seja, informações que não constavam no Orkut do rapaz. Assim, ao ser superinformativo, busca fazer com que ela infira: *ele é um cara interessante para mim*.

- *Abandono da máxima de qualidade*

- a. Abandono da primeira máxima

(30) Jean: Tu gostarias de ter uma vida de princesa ao meu lado?

Joice: Não, na verdade, a vida de plebéia é ótima!

Com o objetivo de violar a primeira máxima, afirma-se algo que se sabe ser falso a fim de implicar outra coisa. Um caso típico de suposta violação da máxima de qualidade é a ironia. Joice utiliza uma ironia com o intuito de implicar que a pergunta do Jean teria uma resposta óbvia.

- b. Abandono da segunda máxima

(31) Iuri: Por onde anda a Priscila?

Vera: Adivinha... Atrás do namorado!

O abandono da segunda máxima se refere à falta de evidência de Vera acerca do paradeiro do namorado. Porém, ela quer que Iuri implique que Priscila está sempre junto com seu namorado, por gostar muito dele, por exemplo.

- *Abandono da máxima de relação*

(32) Catarina: Amor, tu não vais deixar um depoimento no meu Orkut dizendo o que sente por mim?

Diogo: Linda, acabei de lembrar que preciso mandar um e-mail urgente para meu professor de Semântica!

Diogo, nesse exemplo, viola a máxima de relevância a fim de sugerir que não quer falar sobre o assunto. Porém, ele foi relevante ao mudar de assunto para que Catarina infira que ele talvez não queira expor seu sentimento para todas as pessoas ou que não nutre um sentimento verdadeiro pela namorada, por exemplo.

- *Abandono da máxima de modo*

Essa máxima pode ser violada de diferentes maneiras, dependendo da submáxima.

- a. Obscuridade

(33) Eder: Te vejo naquele bar e naquele dia, certo?

Márcio: OK, então conversaremos lá.

A fim de que outras pessoas não saibam, por exemplo, Eder utilizou a obscuridade para que Márcio entenda e implique que o amigo não quer que outras pessoas tomem conhecimento de onde eles irão se ver e em que dia será esse encontro.

b. Ambigüidade

(34) Adir: Talita, tu gostaste do debate que realizei no Orkut?

Talita: Interessantíssimo!

Nesse exemplo, o termo *interessantíssimo* pode significar que o assunto era coerente, tinha conteúdo. Porém, de forma negativa, a palavra pode ser interpretada como um debate sem sentido, banal, fraco. Podem surgir essas implicaturas visto que a palavra *interessantíssimo* nesse contexto é ambígua.

c. Falta de concisão

(35) Álvaro: Alguém pode me informar quem criou o Orkut?

Leonel: Foi um jovem engenheiro turco chamado Orkut Büyükkökten, funcionário do Google, uma companhia americana de serviços de busca na Internet. Inicialmente o Orkut foi criado como um trabalho paralelo às atividades profissionais. Elaborado nas horas vagas, era como um projeto que objetivava a inclusão de um serviço baseado nos conceitos de engenharia social já explorados por outros, como o *MySpace*. Porém, Orkut pensava que uma interface mais amigável e simples poderia tornar ainda mais popular esse tipo de serviço, de maneira especial em mercados pouco explorados.

Nesse exemplo, a explicação longa de Leonel implica o seu interesse pelo assunto ou mostra que o domina para Álvaro. Ocorre uma violação da máxima de brevidade com o intuito de fornecer dados mais detalhados.

d. Falta de ordem

(36) Úrsula: Vi um gato no Orkut! Tu sabes de onde o William é?

Mildren: Eu não saber de onde ele ser.

Intencionalmente Mildren viola as regras do português, pois deixa o verbo sempre no infinitivo, caso em que ele necessariamente seria conjugado. Geralmente pessoas falantes do inglês que estão aprendendo a língua portuguesa utilizam essa construção. Assim, Mildren não só violou a categoria de Qualidade porque afirmou algo falso (sabia da origem de William), mas também utilizou uma estrutura sintática não usada pelos falantes do português. A partir dessa construção inusitada ocorre uma implicatura para mostrar a nacionalidade da pessoa.

Com a Teoria das Implicaturas, Grice estabelece um sistema adequado para tratar da significação implícita na comunicação dos indivíduos. Levinson (1983) constata que o modelo griceano merece ser valorizado já que ele, além de ter uma capacidade de explanação pragmática para fenômenos lingüísticos, também apresenta um poder de simplificação da estrutura e do conteúdo das descrições semânticas.

A partir da idéia de relevância de Grice, uma interpretação cognitiva e comunicativa foi feita por Sperber & Wilson (1986-1995) a fim de tratar das inferências, especialmente, da implicatura conversacional particularizada. Tal operação se estabelece na relação do menor custo para o maior benefício.

Já Levinson valoriza o modelo griceano e critica a teoria da relevância de Sperber & Wilson por estes explicarem demais e descreverem pouco. Isso se deve à noção de relevância que acaba por explicar tudo e extrapola a análise para muito além do estudo da linguagem. Para Levinson, tal projeto é muito ambicioso. Ele, então, se posiciona na defesa do significado preferencial e assume que sua proposta é mais modesta. Não apresenta nenhum compromisso com a cognição humana em geral, uma vez que ele objetiva tratar apenas de um tipo lingüístico. Levinson, utilizando a noção de implicatura conversacional generalizada trazida por Grice, trata somente do tipo de significado o qual depende de convenções existentes nas diferentes línguas.

3.2 LEVINSON E AS IMPLICATURAS GENERALIZADAS

Levinson (2000) assume, dentro da sua teoria, a existência das interpretações preferenciais ou *default*. O foco da teoria se dá em analisar como estas interpretações preferenciais permanecem invariáveis mesmo que haja mudança de contexto. O teórico focaliza na aceitação de uma capacidade humana geral da inferência. Para ele, a velocidade da comunicação entre os indivíduos (tempo necessário para formar sons fonológicos discretos) é quatro vezes mais lenta que outros aspectos de produção na comunicação humana. Essa perda de velocidade deve ser compensada pelo processo inferencial. Assim, a comunicação pode ser feita usando menos palavras, ganhando-se em velocidade.

Outro aspecto é a idéia de que os indivíduos parecem apresentar comportamentos coordenados somente alicerçados nas inferências *default* e suposições acerca do que o outro estaria fazendo. Essas duas idéias e o domínio da teoria da informação formam o *background*

para sua discussão das três heurísticas as quais conduzem as implicaturas conversacionais generalizadas. Esses três novos princípios, discutidos por Levinson, correspondem às máximas de Grice relacionadas a sistemas de raciocínio mais gerais.

Alguns pragmaticistas, psicolinguistas e estudiosos da inteligência artificial não aceitam um nível intermediário das implicaturas conversacionais generalizadas (ICGs) entre o significado literal e as inferências particularizadas. Levinson critica essa visão, defendendo a idéia de que a hostilidade ou negligência à noção da interpretação *default* se deve a uma noção errada sobre a teoria da comunicação em geral.

É relevante destacar que a Teoria da ICG busca tratar de um terreno relativamente pequeno da inferência humana, ou seja, não é uma teoria da competência pragmática humana. A importância teórica dessa área vem da natureza estável, generalizada, de tais inferências e, logo, apresenta relações muito mais próximas com um universo estável de regras de formação e construção que formam o sistema gramatical. Assim, essa teoria não está competindo de forma direta com teorias como a Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (1986).

Levinson (2000) aborda que para a teoria geral da comunicação ter maior relevância, uma teoria das implicaturas particularizadas deve complementar a teoria das ICGs. Estas apenas têm maior importância para a teoria linguística.

O significado da sentença, tratado pela Semântica e o significado do falante, focalizado pela Pragmática são os dois níveis no estudo do significado, conforme uma teoria da comunicação *standard*. O significado do falante será uma questão das inferências particularizadas, as quais são disparadas a partir de contextos com todas as suas particularidades. Segundo Levinson, essa abordagem é inadequada uma vez que subestima a regularidade e a sistematicidade de vários tipos de inferências pragmáticas.

Um terceiro nível, o do significado tipo do enunciado é omitido. Este trata da inferência pragmática sistemática que não está submetida às intenções do falante, mas em expectativas gerais sobre como a linguagem é geralmente utilizada. Para o teórico, é neste nível que se pode esperar uma sistematicidade da inferência ligada com a estrutura linguística e seu significado, a ponto de tornar um problema decidir se a teoria Semântica ou a Pragmática deve tratar o fenômeno.

Austin (1962) ao distinguir entre os atos locutórios, ilocutórios e perlocutórios para os atos de fala já apresentava algo dessa direção: um terceiro nível. O primeiro nível diz respeito ao

nível do significado da sentença; o segundo, ao nível intermediário composto por convenções ou hábitos de uso; o terceiro corresponde de forma parcial ao nível do significado do falante (a intenção do falante para fazer com que o destinatário acredite ou faça algo como consequência do enunciado).

A teoria das ICGs não representa uma teoria das expressões idiomáticas convencionais, clichês e fórmulas; é uma teoria da idiomaticidade, ou seja, um conjunto de princípios que guiam a escolha da expressão correta para sugerir uma interpretação específica. Vejamos os exemplos abaixo:

(37) Te ligo no Sábado. (quando amanhã é sábado, mas sugere que não amanhã)

(38) Deletei alguns amigos do meu Orkut. (sugere que nem todos)

Levinson (2000) afirma que a teoria das ICGs oferece um tratamento sistemático, portanto pertence a um nível intermediário da teoria da comunicação, o nível do significado tipo dos enunciados. Já Sperber & Wilson (1995) buscam colocar esse terceiro nível ou ao nível do significado da sentença ou ao do falante. Levinson se posiciona dizendo que as ICGs não serão reduzidas tão facilmente em ambas as direções, porque elas estão no meio, de modo sistemático influenciando a Gramática e a Semântica de um lado e o significado do falante de outro.

As máximas como heurísticas

Levinson introduziu as heurísticas inferenciais a fim de estimular as normas de comportamento. Ele não as apresentou como regras de conduta. Os princípios são derivados pela eliminação das quatro máximas originais griceanas. A máxima de Qualidade fornece o *background* na geração das ICGs. A máxima da Relação serve para fins conversacionais gerando particularizadas e não ICGs. A máxima de Quantidade vai aparecer através dos princípios I e Q. O princípio I representa *o que é dito de forma simples é exemplificado estereotipicamente*. E o Q pode ser entendido como *o que não é dito não é o caso*. Duas submáximas, pertencentes à máxima de Modo, são capturadas pelo princípio M. Esses três princípios parecem captar uma grande quantidade de fenômenos que servirão para amplificar o conteúdo do enunciado.

As três heurísticas servem como o objetivo de evitar o problema criado pela velocidade de articulação da comunicação dos indivíduos. Cada heurística amplia o conteúdo da comunicação do que é dito, fazendo com que o ouvinte de uma mensagem exclua várias situações que são de fato compatíveis com o conteúdo da mensagem codificada. Tomadas juntas, o conjunto de

heurísticas serve para multiplicar o conteúdo de informações de qualquer mensagem em um acordo tácito entre os comunicadores de que tais heurísticas podem ser assumidas como funcionando, a não ser que haja indicações do contrário. Ao mesmo tempo que as heurísticas restringem o escopo das pretendidas extensões das expressões, elas significativamente restringem o espaço de procura das intenções do falante e assim ajudam na recuperação da intenção.

Para cada heurística Levinson lista e organiza diferentes aplicações. Por serem mais produtivas através das implicaturas escalares e oracionais, as implicaturas Q recebem maior destaque.

Heurística Q

Quando um enunciado contém uma expressão tirada de um conjunto de expressões que contrastam, é assumido que a preferência descreve uma situação na qual o falante não está em posição de assumir uma expressão mais forte.

Heurística I

Se o enunciado é construído usando formas simples e não marcadas, isso mostra que a situação descrita apresenta todas as propriedades estereotípicas esperadas.

Heurística M

Se o enunciado é construído usando formas marcadas, prolixas, isso mostra que a situação descrita é não usual ou apresenta propósitos especiais.

Heurística Q: O que não é dito não é o caso

Esta heurística se relaciona com a máxima de Quantidade: *Faça sua contribuição tão informativa quanto o necessário*. A idéia fundamental que envolve essas implicaturas é noção de um conjunto de expressões lingüísticas em contraste que diferem na quantidade de informação. Levinson apresenta uma máxima do falante e um corolário do ouvinte para cada heurística. Para a heurística Q:

Máxima do falante

Não profira um enunciado que é informacionalmente mais fraco do que o seu conhecimento de mundo permite, a não ser que fornecer informação mais forte vá contra o princípio da informatividade.

Corolário do ouvinte

Considere que o falante proferiu o enunciado mais forte de maneira a ser consistente com o que ele sabe.

Tanto as implicaturas escalares de Horn (1972) como as implicaturas oracionais de Gazdar (1979) se relacionam com essa heurística. As escalares são geradas a partir de um conjunto de expressões lingüísticas contrastivas da mesma categoria gramatical. Esse conjunto pode ser organizado em uma ordem linear de informação ou de força semântica. Dada uma escala de valores, elas produzem inferências que estão relacionadas a um valor na escala. Vejamos o exemplo:

(39) Algumas comunidades foram tiradas do meu Orkut.

+> nem todas as comunidades foram tiradas.⁷

Existe uma escala de contraste < alguns, todos > tal que ao falar (39) implica o raciocínio de que o falante teria escolhido a alternativa mais forte se fosse o caso. Da mesma maneira nas implicaturas oracionais, o uso de um condicional mais fraco fica em oposição ao uso de construções mais fortes.

(40) Se existem maus elementos no Orkut, as pessoas vão descobrir.

+> pode ou não existir maus elementos.

Essas inferências são metalingüísticas: o que é implicado faz referência ao que poderia ser dito, mas não foi. E também são proposições negativas: o que é implicado é a suposição de que tal expressão não é o caso.

● Implicaturas do tipo Q

Todas induzem às implicaturas Q da maneira já abordada anteriormente como característica das implicaturas Q: a asserção de uma expressão mais fraca implica que o falante não está na posição de asserir uma expressão mais forte no caso.

⁷ Este símbolo +> significa 'implica que'.

Escalar: <alguns, todos> ‘alguns’ +> não todos.

Oracionais: <desde que p, q; se p, q > ‘se p, então q’ +> p é incerto.

Verbos: <tentar, conseguir > ‘tentar’ +> não conseguir.

Cores: <azul, vermelho, branco, amarelo> ‘amarelo’ +> não vermelho, não azul, não branco.

Implicatura Escalar

As implicaturas escalares clássicas derivam da estrutura do vocabulário, especificamente de alternativas salientes e contrastantes ordenadas segundo a força da informação. Essas escalas podem agrupar expressões as quais possuem uma relação de acarretamento ou não:

Com escalas de acarretamento:

Pode-se entender uma escala de acarretamento, segundo Horn (1972), como um conjunto ordenado de expressões $\langle x_1, x_2, x_3, \dots, x_i, x_j, \dots, x_n \rangle$ tal que S, uma sentença simples e $x_i > x_j$, Sx_i acarreta unilateralmente $S(x_j)$. O significado de $x_i > x_j$ é de que a expressão x_i apresenta um valor de informação mais forte que x_j . Dessa forma, a implicatura escalar aparece quando uma determinada expressão da escala é selecionada, e todos os antecedentes dessa escala são negativamente implicados e os abaixo são positivamente acarretados.

1. Quantificadores: <todos, a maioria, muitos, alguns, poucos>
2. Conectivos: <e, ou>
3. Modais: <necessariamente, freqüentemente, às vezes>
4. Verbos: <saber, acreditar>, <amar, gostar>

Vejamos exemplos para ilustrar o número 1

(41) Todos os jovens gostam do Orkut.

(42) Alguns jovens gostam do Orkut.

(43) Nem todos os jovens gostam do Orkut.

A sentença (41) acarreta (42) e, por isso, se alguém afirma (42) implica conversacionalmente (43).

(41) = > (42)

(42) +> (43)

(44) A: Dani, tu amas a comunidade das balzaquianas?

B: Eu gosto.

Q +> Dani não ama a comunidade das balzaquianas.

Na escala de Horn, algumas condições devem ser colocadas. Os itens da mesma escala deve ser *salientes* em sua oposição: ser da mesma classe, do mesmo registro e lexicalizados no mesmo nível. Para Levinson (2000), também os itens de uma escala devem ser do mesmo universo semântico e ter as mesmas relações semânticas.

No caso da negação, esta inverte a escala. Existe um formato especial para as expressões que introduzem expressões negativas por uma metaregra: para qualquer escala do formato $\langle x_1, x_2, \dots, x_n \rangle$ existirá uma escala correspondente $\langle \sim x_1, \sim x_2, \dots, \sim x_n \rangle$. Da seguinte forma: $\langle \text{todos, alguns} \rangle$ - $\langle \text{nenhum, não todos} \rangle$

Nos exemplos abaixo, somente os termos mais fracos disparam implicaturas. Escalas $\langle \text{todos, alguns} \rangle$ e sua escala negativa correspondente $\langle \text{nenhum, nem todos} \rangle$:

(45) a: Alguns *scraps* foram excluídos do Orkut da Sami.

+> Nem todos

b: Todos os *scraps* foram excluídos do Orkut da Sami.

+> nenhuma implicatura escalar.

c: Nem todos os depoimentos foram aceitos por mim.

+> alguns foram aceitos.

d: Nenhuma das comunidades racistas está na rede.

+> nenhuma implicatura escalar.

Na negação as implicaturas escalares são bloqueadas, tanto para Horn (1972) como para Gazdar (1979). Levinson se posiciona contra essa argumentação salientando que a implicatura de *alguns* não é compartilhada por sua contraparte negativa.

Levinson (2000) discute que a relação entre escalas positivas e negativas não foi bem compreendida por muitos teóricos. Gazdar (1979) afirma que a negação impede a projeção de implicaturas. Ele não percebeu que a negação por meio de escalas inverte a escala, oferecendo implicaturas diferentes das implicaturas derivadas das escalas positivas. Outro ponto interessante

dessa relação se mostra acerca da natureza dos operadores lógicos, particularmente ao tradicional *quadrado de oposições*.⁸

Escala de números

(46) Ana tem três perfis no Orkut.

+> Ana tem somente três perfis.

Sobre os numerais na conversação, Horn (1972) avalia essa questão e sugere que, dependendo do contexto, os numerais podem implicar o limite inferior pelo *menos n* ou o limite superior *mais n*. A escolha será feita a partir das pistas deixadas pelo contexto.

(47) A: Leti, tu tens 500 amigos no Orkut?

B: Sim, na verdade, tenho 1000 amigos.

B: Não, tenho 1000 amigos.

Os numerais cardinais disparam implicaturas escalares porque a seqüência numérica representa uma escala.

O uso da ICG do tipo Q é problemático quando se trata de números uma vez que em alguns contextos funciona e em outros, não. Por essa razão vários estudiosos desistiram dessa abordagem escalar para as expressões numéricas visto que elas são consideradas ambíguas entre a interpretação de ‘exatamente’ ou ‘pelo menos’, embora possam ser desambiguadas em contextos lingüísticos específicos.

Escalas com morfemas e palavras de funções:

<o, um>

(48) A: Eu vi Paula saindo com um homem ontem da festa.

+> Eu vi a Paula com alguém que eu hesitaria em descrever como seu namorado, marido.

⁸ Aristóteles sugeriu o quadrado de oposições para a Lógica em que a geometria do quadrado é utilizada a fim de mostrar as relações de acarretamento e as relações contrárias dos quantificadores.

<presente, passado>

(49) A: A Virgínia participava da comunidade *Quero um amor para a vida toda*.

+> A Virgínia não participa mais da comunidade *Quero um amor para a vida toda*.

Outro exemplo de implicatura escalar poderia ser:

<sempre, freqüentemente, às vezes>

(50) Eu sempre entro no Orkut.

(51) Freqüentemente eu entro no Orkut.

(52) Às vezes eu entro no Orkut.

Contrastes do tipo Q em outros tipos de oposição lexical

As implicaturas Q podem ser fundamentadas na estrutura do léxico entre uma expressão mais forte informativamente e uma mais fraca. Existe diferença entre a força das implicaturas da mesma escala. A implicatura mais saliente, segundo Horn (1972), é a negação do termo que encabeça a escala. Observemos no exemplo abaixo:

< tentar, conseguir>

(53) A: Valéria tentou participar do debate da comunidade dos intelectuais orkuteiros.

+> Valéria não conseguiu participar do debate da comunidade dos intelectuais orkuteiros.

< branco, vermelho, azul>

(54) A: A página do Orkut é vermelha.

+> A página não é branca e vermelha, é predominantemente vermelha.

Uma escala pode ser constituída por um conjunto de expressões, desde que haja qualquer relação de ordenação definida sobre elas em uma maneira contextualmente saliente.

< George Clooney, Leonardo Di Caprio> escala por prestígio

(55) A: Tu estás na comunidade do George Clooney?

B: Eu estou na do Leonardo Di Caprio.

+> Não está na do George Clooney.

Esta escala pode apresentar implicaturas interessantes, onde a afirmação de uma expressão da escala implica a negação de outra:

(56) A: A Laurinha tem Orkut?

B: Ela tem MSN.

+> A Laurinha não tem Orkut.

Implicatura Oracional

As implicaturas oracionais se baseiam na seguinte intuição: se uma sentença S1 que inclui uma outra p , e compromete o falante com p , é preterida por outra S2 que não estabelece tal relação de comprometimento, então afirmar S2 é implicar que p é possível ou não. Em outras palavras, o falante implica que não está em posição epistêmica para fazer a afirmação mais forte.

(57) Aninha acredita que Lucas é o amor da sua vida.

+> é possível que Lucas seja o amor da vida da aninha, é possível que não.

(58) Aninha acha que Lucas pode ser o amor de sua vida.

+> Lucas pode ser o amor da vida da Aninha ou não.

Vejamos o que acontece se Evelise prefere afirmar (60) em vez de (59):

(59) Evelise: Eu sei que Laura brigou com Lucas.

(60) Evelise: Eu acho que Laura brigou com Lucas.

Tanto em (59) como em (60) implicam que é possível que 'Laura tenha brigado com Lucas'. Porém, ao escolher a forma mais fraca (60), Evelise não está estabelecendo uma relação de compromisso com o enunciado, implicando não ter condições de assumir a forma mais forte.

Heurística I: o que é dito de forma simples é exemplificado estereotipicamente

Esta heurística está relacionada à segunda máxima de quantidade griceana: *Não faça sua contribuição mais informativa do que o requerido*. A idéia que subjaz é a de que uma pessoa não precisa dizer aquilo que pode ser tomado como assumido. Uma versão de tal princípio é denominada por Atlas e Levinson (1981) de Princípio da Informatividade. Segue-se a máxima do falante e o corolário do ouvinte:

Máxima do falante

Diga o mínimo necessário. Produza a informação lingüística mínima necessária a fim de alcançar seus fins comunicativos.

Corolário do ouvinte

Amplifique o conteúdo informacional do enunciado do falante pela descoberta da interpretação mais específica, até que você avalie ser o ponto pretendido pelo falante, a menos que o falante tenha rompido com a submáxima de quantidade pelo uso de expressões marcadas ou prolixas.

Vejamos os exemplos abaixo que ilustram as implicaturas do tipo I:

(61) O poema da Karla está na página da Daiane.

+> o poema que a Karla escreveu, criou, dedicou,...

(62) Uma amiga

+> uma mulher

(63) Se eu mudar meu perfil, eu terei mais amigos no Orkut.

+> se e somente se eu mudar meu perfil é que eu terei mais amigos no Orkut.

Em se tratando de implicaturas escalares, essas inferências são heterogêneas e o tipo de procedimento que está envolvido na derivação das implicaturas em questão pode diferir de modo significativo. A heurística I opera como uma instrução a fim de encontrar uma interpretação que satisfaça certos requisitos.

As inferências introduzem relações semânticas ausentes no dito e, assim, podem ser tomadas como remodelagem da proposição expressa (enquanto que a Q introduz somente uma barreira negativa dentro do campo semântico), pois cada expressão pode ter um sentido e uma denotação mais restrita.

(64) Domênica falou com Danilo e acabou o namoro.

A expressão ‘falou...e acabou’ pode ter a interpretação ‘falou *e então* acabou’.

(65) Depois de ver o *scrap* do Gustavo, Cecília tomou um *drink* atrás do outro.

A expressão ‘tomou um *drink*’ pode ter a interpretação de ‘bebeu bebida alcoólica’, entre outras.

Enquanto que as implicaturas I são inferências da ausência de especificação pela falta de necessidade de fazê-la, as implicaturas Q são inferências da ausência de riqueza de informação pela impossibilidade do falante de oferecê-la. Essa é uma distinção clara entre ambas as inferências.

A heurística I opera como uma instrução a fim de encontrar uma interpretação que está de acordo com certas exigências. Segundo Levinson (2000, p.119), as propriedades das inferências I são:

- a. São inferências para interpretações mais específicas: o que é implicado é uma especialização do que é dito;
- b. A inferência apresenta um caráter positivo;
- c. A inferência é orientada por suposições estereotípicas. Expressar tais inferências seria talvez redundante e oneroso e talvez não desejável socialmente em caso de eufemismo;
- d. Esta inferência não faz referência essencial a algo que poderia ter sido dito, porém não foi.

Vejamos os exemplos abaixo que ilustram as implicaturas conversacionais generalizadas do tipo I.

(66) Priscila conheceu Roberto e o adicionou aos seus amigos no Orkut.

+> p e então q.

Em (67), o ‘e’ indica que Bárbara e Francisco, ambos criaram a comunidade e não a idéia de sucessão.

(67) Bárbara e Francisco criaram uma comunidade de auto-ajuda no Orkut.

+> juntos

Na determinação de referente, a utilização de um pronome permite que se faça a inferência de que ‘ela’ se refere a ‘Darjela’.

(68) Darjela abriu o Orkut tarde na noite e depois ela foi dormir.

+> Darjela = ela

Essas inferências são pragmáticas e por essa razão podem ser canceladas.

(69) Cristina entrou na comunidade *Sou solteiro (a)* e conheceu seu marido.

I +> Cristina entrou na comunidade *Sou solteiro (a)* e então conheceu seu marido.

Cancelamentos possíveis

A. Cristina entrou na comunidade *Sou solteiro (a)* e conheceu seu marido com antecedência.

B. Cristina entrou na comunidade *Sou solteiro (a)* e conheceu seu marido, mas não necessariamente nessa ordem.

Segundo Levinson (2000, p. 123), outra maneira de cancelar a interpretação *default* é o nosso conhecimento de mundo. A suposição de simultaneidade gera uma implicatura do tipo M.

(70) Paola mandava *scraps* e Lúcio assistia à televisão.

M+> Paola mandava *scraps* e, ao mesmo tempo, Lúcio assistia à televisão.

A implicatura I aparece também a fim de preencher a relação entre os enunciados:

(71) Amanda questionou a comunidade *Doença não é existência verdadeira*. O debate trouxe muitas polêmicas.

I +> o debate da comunidade *Doença não é existência verdadeira*.

Heurística M: O que é dito de uma forma anormal, não é normal

Essa heurística está relacionada à Máxima de Modo griceana, de modo específico, à submáxima *evite obscuridade de expressão* e à submáxima *não seja prolixo*.

Máxima do falante

Mostre uma situação anormal, não estereotípica, devido à utilização de expressões marcadas que contrastam com aquelas que você deveria usar a fim de descrever a situação correspondente normal, estereotípica.

Corolário do ouvinte

O que é dito de um modo anormal indica uma situação anormal ou mensagens marcadas indicam situações marcadas.

A suposição é de que deve haver motivos para evitar o uso de expressões simples. Também certas expressões são excluídas por essa heurística, nesse caso, as que teriam aparecido de suposições estereotípicas por expressões não marcadas.

Vejamos os exemplos abaixo que ilustram várias situações envolvendo as implicaturas conversacionais generalizadas do tipo M:

(72) Depois que Fabrício deixou o recado para Tatiana, caiu uma lágrima dos olhos dela.

M+> Ela não chorou exatamente.

A idéia que subjaz aqui é a de que existe uma oposição implícita entre a segunda e a terceira heurística. A instância a qual indica mais evidência entre expressões marcadas e não marcadas é a co-referência.

(73) Renato mandou uma mensagem e o rapaz saiu do debate.

M+> o rapaz é alguém diferente de Renato.

Segundo Levinson (2000), empregada aqui, a noção de *marcado* é uma generalização do conceito o qual Jakobson da Escola de Praga apresentou para a Fonologia. Pela forma, as expressões marcadas, comparando com as não marcadas, são morfologicamente mais complexas, menos freqüentes, mais prolixas. Pelo significado, tais expressões sugerem um significado adicional ausente na forma não marcada.

(74) No debate Denise tinha competência para argumentar.

M +> No debate Denise não argumentou.

(75) Úrsula estava vendo o Orkut. Ocasionalmente, a garota tomava chimarrão.

M +> a garota não se refere à Úrsula.

Tipos de implicatura M:

As implicaturas M para Levinson também podem aparecer ao utilizar termos mais formais ao invés das estruturas mais simples, como nas expressões abaixo, que pertencem a diferentes registros.

(76) Rita estava pesquisando uma *comunidade*.

I +> Rita estava pesquisando uma comunidade qualquer.

(77) Rita estava lendo um *alfarrábio*.

M +> Rita estava lendo um livro antigo e de pouca importância.

(78) A *casa* da Joana foi invadida por orkuteiros.

I +> Uma casa típica foi invadida por orkuteiros.

(79) A *mansão* da Joana foi cenário de debates.

M +> A enorme e abastada casa da Joana foi cenário de debates.

As implicaturas M – em expressões contrárias negativas – surgem do uso de duas expressões com idéias negativas que não alteram o sentido da proposição para uma idéia totalmente positiva.

(80) Denúsia não é uma mulher injusta com seus amigos do Orkut.

M++> Denúsia é uma mulher razoavelmente justa.

(81) O Anderson não é feio.

M++> O Anderson é bonitinho.

Interação entre as implicaturas Q, M e I

Cada heurística abrange um grupo de implicaturas distinto. As implicaturas são as generalizadas que apresentam o *status* de interpretação *default*. As heurísticas serão compreendidas como forças as quais dão a eficiência comunicativa.

Nível dos gêneros: Q>M>I (> = cancela a inconsistência)

Nível de espécie: oracionais do tipo Q> escalares do tipo Q

As ordens de prioridade estão em concordância com a interpretação preferencial. Ao contrário de I, as inferências Q e M induzem a um modo metalingüístico de inferência. Enquanto que a inferência Q é baseada em um conjunto de expressões alternativas que contrastam no conteúdo semântico, a inferência M contrasta na forma.

As inferências Q e M são essencialmente negativas, conforme Levinson, pois a implicatura é que o falante está evitando uma expressão mais forte (Q) ou mais simples (M). Isso indica que ele não está na posição de usar tais expressões. As inferências Q apresentam prioridade em relação às outras inferências inconsistentes de outros tipos, e a inferência M sobre a I.

Para Levinson (2000, p. 153), as três heurísticas trabalham unidas a fim de predizerem as inferências nas sentenças. Consideremos os exemplos abaixo:

(82) Letícia entrou no Orkut ou ligou para sua amiga.

Escalar -Q +> Letícia não fez as duas coisas.

Oracional -Q +> Eu não sei se Letícia entrou no Orkut ou se ligou para sua amiga.

Não existe implicatura I de *p ou q* (porque as implicaturas Q bloqueiam as implicaturas I)

Não existe implicatura M de *ou p ou q* (porque as implicaturas Q bloqueiam as implicaturas M).

(83) Letícia entrou no Orkut e ligou para sua amiga.

I +> Letícia primeiro entrou no Orkut e, então, ligou para sua amiga.

Não existe implicatura Q de *p e q* porque o 'e' é o membro mais forte na escala <e, ou>.

Não existe implicatura M, porque não há forma marcada.

(84) Letícia entrou no Orkut e, além disso, ligou para sua amiga.

M++> Contraste com a idéia de fazer as duas atividades independentemente.

A intersecção das heurísticas – com a ilustração dos exemplos – produz as predições mais ricas.

A não-monotonicidade e o raciocínio *default*

A interpretação *default* pode ser vista como uma característica atribuída às implicaturas conversacionais generalizadas que captura as nossas intuições para uma interpretação preferencial ou normal. Os sistemas dedutivos a priori são monotônicos⁹ e não canceláveis. As implicaturas para Levinson não são dedutivas uma vez que podem ser canceladas. Vejamos os exemplos abaixo:

(85) Deletei alguns recados do meu Orkut.

Implicatura *default*: Não deletei todos os recados.

Cancelamento da implicatura: Deletei alguns recados do meu Orkut, na verdade, todos.

O raciocínio que se utiliza para a teoria das ICGs é a Lógica *default*, uma vez que ela possui as mesmas propriedades das implicaturas: cancelabilidade e raciocínio preferencial. As regras *default* podem ser entendidas como extra lógicas da inferência que podem ser utilizadas para aumentar conhecimento. Conforme Levinson (2000, p 47), a forma dessa regra pode ser a seguinte:

(86) α : M β ¹⁰

—————

β

Esta forma pode ser lida ‘se α é verdadeira, e β é consistente com o que é conhecido, então assumam-se β ’.

(87) peessoa (a): M fala (a)

fala (a)

Deve-se assumir que se a é pessoa, então a fala, a não ser que se tenha conhecimento contrário. Conforme Levinson (2000, p. 47), nas ICGs as implicaturas escalares podem ser tratadas com um quantificador existencial mais fraco, mas de modo semelhante.

⁹ A monotonicidade é uma função que não permite às partes perderem o significado na derivação. A Semântica que assume este princípio não trata das variações de significado. A expressão monotônica é uma noção matemática.

¹⁰ β e α são sentenças e M β significa ‘ β é consistente com o que é conhecido’.

(88) α (alguns): M (α (nem todos))

α (nem todos)

Dessa forma um enunciado como *Alguns colegas participaram do debate no Orkut*. irá implicar *nem todos participaram*, sempre que essa suposição for consistente com o que é conhecido, público. Para Levinson, existem, porém, várias dificuldades para aplicação direta de tais sistemas de lógica *default* a fim de modelar as ICGs.

A Teoria da Relevância é criticada por Levinson uma vez que ela não apresenta uma formalização com resultados mais claros. Poder-se-ia concluir que Levinson tenha sua teoria formalizada. Apesar de assumir as ICGs como implicaturas *default*, o teórico não assume lógicas *default* como instrumento de formalização. Ele se posiciona afirmando que elas não têm muito a oferecer para uma teoria geral das implicaturas já que possuem um universo limitado de regras de inferência. Dessa forma não são capazes de modelar um universo aberto e indefinido de inferências que aparecem dentro da teoria griceana.

Põe-se, então, em questão se a teoria das ICGs pode ou não ser formalizada. Levinson argumenta que tais inferências pragmáticas, como são fundamentadas em heurísticas, não necessitam de uma lógica não-monotônica para modelá-las. Ele utiliza o argumento de Johnson-Laird (1983) de que não é necessário modelar as propriedades da dedução das pessoas mediante um sistema dedutivo formal.

Em relação à propriedade da cancelabilidade, Levinson utiliza uma metáfora para introduzir a forma como as expressões são canceladas ou aceitas na linguagem. Uma nova asserção terá seu conteúdo posto em uma base comum como um *recipiente* capaz de reunir todos os fatos assumidos mutuamente, se eles são de conhecimento comum ou porque eles têm sido asseridos e aceitos. E, estritamente, na seguinte ordem e se cada incremento é consistente com o conteúdo do recipiente, é adicionado ao conjunto:

- a. Acarretamento
- b. ICG (Q)
 - b1. Oracional
 - b2. Escalar

- c. ICG (M)
- d. ICG (I)

Há situações em que um enunciado apresenta um acarretamento inconsistente com uma implicatura. Esta, então, é cancelada:

(89) Alguns depoimentos, e de fato todos, são vistos pelos internautas.

Acarretamento: todos os depoimentos são vistos pelos internautas.

Implicatura escalar: nem todos os depoimentos são vistos pelos internautas.

O acarretamento é adicionado ao recipiente antes das implicaturas, então quando se adiciona uma implicatura inconsistente, a exigência por consistência evita tal adição.

Esta proposta representa, assim, a base teórica das ICGs. Levinson propõe uma teoria da interpretação preferencial que pretende descrever um nível de inferência sistemática e conectada à estrutura lingüística. Com essa proposta, ele aborda questões acerca da relação entre a Semântica e a Pragmática. Nesse sentido, a seção seguinte relata a hipótese de interface assumida pelo teórico.

As Implicaturas Conversacionais Generalizadas na Interface

As ICGs são tomadas por Levinson (2000, p. 169) como um grande conjunto de fatos pragmáticos. Segundo o autor, as razões para se focalizar nas ICGs são:

- (a) São bem entendidas. Diferente de outros tipos de inferências pragmáticas, apresentam predições claras sobre quais interpretações devem aparecer nas devidas condições;
- (b) A sua natureza *default* as mantém enraizadas na Sintaxe e na Semântica. Até por essa razão são difíceis de distinguir do conteúdo codificado e exercem pressão funcional no léxico.
- (c) Não é nítido ainda que as implicaturas conversacionais particularizadas desempenhem tal papel na determinação do conteúdo proposicional.

Conforme Levinson, não há uma preocupação de fazer mudanças terminológicas com as noções de representação semântica, significado do enunciado, contanto que o foco seja os processos das representações ao invés delas mesmas. Representações híbridas são abordadas pelo

teórico, porém os processos que constroem as representações e as interpretações são os mesmos processos semânticos e pragmáticos, com adição apenas de significados preferenciais.

Para Levinson, o *dito* e o *implicado* de Grice não apresentam uma distinção clara. Há um contentamento por parte dos lingüistas com a noção griceana de dito mapeando o conteúdo veritativo-funcional a uma interpretação estimulada pelo tratamento griceano dos conetivos. Conforme Atlas e Levinson (1981), o dito deveria ter relação com a representação semântica ou com a forma lógica porque este nível é muito mais abstrato e indefinido.

Tomado como o conteúdo veritativo-funcional, o dito é o *output* da interpretação semântica, que consiste do domínio da teoria do significado lingüístico. Já o implicado abrange todo o processo da inferência pragmática que constitui o domínio da teoria da comunicação. Para Levinson, o conteúdo veritativo-funcional depende praticamente de todas as espécies de inferência pragmática e não apenas dos dêiticos.

Segundo Grice, três pré-condições são necessárias para determinar o dito:

- (a) Identificar as expressões referencias;
- (b) Determinar os dêiticos;
- (c) Desambiguar palavras que possuem mais de um significado.

O que é dito servirá de *input* para a implicatura na Pragmática. Mas Levinson sugere que mais de duas condições sejam consideradas na determinação do dito:

- (d) Desfazer as elipses;
- (e) Restringir as generalidades.

Para o teórico, tais operações lingüísticas envolvem mecanismos inferenciais os quais caracterizam a Pragmática de Grice Pós-Semântica.¹¹ Assim, alguns exemplos os quais ilustram cada um dos processos lingüísticos referidos anteriormente, com o objetivo de comprovar que todos eles sofrem interferência Pragmática para a determinação do dito, são apresentados por Levinson.

¹¹ A Semântica serve de *input* para a Pragmática. Grice está incluído nessa visão através da sua distinção entre o dito e o implicado. Nessa visão tradicional, a Semântica fornece significados gerais que a Pragmática deveria posteriormente restringir. A proposição expressa tem um conteúdo semântico fraco *disparando* restrição pragmática. No exemplo *Vi o Orkut.*, a palavra *hoje* não foi dita, mas deve aparecer para acrescentar ao dito.

DESAMBIGUAÇÃO

O tipo de desambiguação normalmente atribuído ao conhecimento enciclopédico bruto pode ser mediado por procedimentos griceanos: o falante deve presumir que o ouvinte vai utilizar o mesmo estereótipo saliente a fim de resolver a ambigüidade.

Segundo Levinson (2000, p. 175), a interpretação exata é apenas implicada e conteúdo o semântico, somente, não pode decidir a leitura favorecida. Vejamos os exemplos abaixo:

(90) Estudo três teorias e teóricos.

Interpretação: Eu estudo três teorias e um número indeterminado de teóricos.

ICG: Eu estudo só três teorias.

Interpretação: Eu estudo três teorias e três teóricos.

ICG: Eu estudo só três teorias e só três teóricos.

(91) No Orkut Paloma tem cindo perfis e comunidades.

Interpretação: Paloma tem cinco perfis e um número indeterminado de comunidades.

ICG: Paloma tem somente cinco perfis.

Interpretação: Paloma tem cinco perfis e cinco comunidades.

ICG: Paloma tem somente cinco perfis e somente cinco comunidades.

Para Levinson (2000), a interpretação minimiza as entidades e em muitas situações seleciona entre as estruturas e os significados ambíguos.

Como a desambiguação envolve conhecimento de mundo, na suposição de que a interpretação é somente implicada, o conteúdo semântico, apenas, não pode dar conta da leitura preferencial. A inferência envolvida na desambiguação é a implicatura I.

RESOLUÇÃO DE ÍNDICES

Os índices pragmáticos servem de *input* para a semântica, porém supõe-se que são de tipos e formas limitadas. Levinson se posiciona contrário à idéia de que a resolução indexical, em particular, ou de que a determinação de valores dêiticos não apresentam relação com inferências pragmáticas em geral e, conseqüentemente, com as ICGs.

(92) Algumas daquelas mensagens foram enviadas; aquelas são para a Saionara; as outras são para o Norberto.

Segundo Levinson (2000), a ICG delimita para *algumas mensagens, mas não todas*. É o conjunto pragmaticamente delimitado, isto é, o subconjunto apropriado de *mensagens*, que é inserido como referente do discurso pelo *algumas daquelas mensagens*. Isso ocorre já que o pronome demonstrativo *aquelas* deve referir a um outro subconjunto de mensagens. Dessa forma, a expressão *aquelas* é anafórica e dêitica. Assim, as condições-de-verdade de *aquelas são para Saionara* estão dependentes das ICGs para restringi-las.

Levinson aborda a necessidade de a Pragmática interferir para determinação dêitica de lugar, pessoa e tempo.

LUGAR

(93) Leonardo, corre *aqui* para ver essa comunidade!

Aqui é dêitico, mas há uma restrição anafórica na relação com antecedentes, um processo que se dá pela implicatura I.

(94) Priscila, manda estes quatro depoimentos para aquelas quatro pessoas lá do meu Orkut. E estas cinco mensagens são para aqueles cinco amigos lá do meu MSN.

Q+> Mande estes depoimentos que *são exatamente quatro* para aquelas pessoas do Orkut que *são exatamente quatro*, e mande estas mensagens que *são exatamente cinco* e mande para aqueles amigos do MSN que *são exatamente cinco*.

PESSOA

(95) Alguns de vocês sabem do meu encantamento pelos *scraps*, eu não estou falando com vocês, mas com o resto de vocês.

Q+> delimita vocês para alguns, porém não todos vocês.

TEMPO

(96) a reunião dos orkuteiros é no sábado.

Q+> implica não amanhã quando amanhã é sábado.

(97) Tanise costumava mandar mensagens reflexivas para o Júnior.

Q+> Tanise não manda mais mensagens para o Júnior.

Dêiticos temporais e pessoais necessitam de mecanismos pragmáticos, conforme Levinson.

IDENTIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA

Levinson (2000, p. 180) apresenta duas ocasiões em que a referência pode falhar:

(a) Casos em que não existe nada no domínio do discurso que se encaixe no conteúdo descritivo da expressão referencial.

(b) Casos em que há mais de uma entidade que se encaixa na referência.

Conforme Levinson (2000), para determinar o dito, tanto o primeiro como o segundo caso são críticos. As expressões anafóricas são, geralmente, menos prolixas e mais semanticamente gerais do que a expressão que primeiramente introduz o referente. Isto é derivado natural do princípio I. Vejamos o exemplo abaixo:

(98) a. Jocasta mandou uma mensagem e ela não gostou.

Princípio I: referência local

b. Jocasta mandou uma mensagem e a garota não gostou.

Princípio M: referência disjuntiva

c. Rosa escreveu por ela.

Ela não se refere a Rosa por uma metaescala <reflexivos, não reflexivos>.

O uso da expressão mais longa *a garota* em (98b), no lugar de um pronome, só se garante pela suposição de que o falante quer evitar a interpretação que relacionaria os dois sujeitos no enunciado como um mesmo indivíduo. Uma implicatura (ICG) resulta, assim, dos mecanismos necessários para determinar a expressão referencial. Já em (99), o referente só é adequado com o auxílio de fortalecimento pragmático (2000, p. 221):

(99) A garota que tomou vinho e dirigiu para casa está presa; e a garota que dirigiu e tomou vinho está livre.

Os filósofos da linguagem Strawson e Searle trabalharam com a idéia de que a Pragmática tem um papel na referência. O primeiro, em 1950, tratou da descrição definida de pressuposição. Já o segundo, em 1969, abordou o tratamento da referência como ato de fala.

Para Levinson, a resolução anafórica é guiada em parte pelo jogo entre inferência I e M. Em outras palavras, os pronomes anafóricos são ligados ao antecedente das expressões referenciais pelo menos parcialmente por implicaturas.

Segundo Martin (1987), dado o princípio da composicionalidade da referência, segue-se que as extensões da expressão máxima não podem ser determinadas sem determinar as extensões

de cada expressão constituinte que devem depender, por suposição, da implicatura. Dessa forma, as condições-de-verdade só podem ser obtidas com o tratamento da Pragmática.

Levinson aborda que a visão do teórico tradicional seria a de que se deve distinguir referência determinada por implicatura e referência pura (Semântica).

(100) A Cíntia lá tomando caipirinha está feliz com sua nova comunidade.

Dado contexto em que a caipirinha não é uísque, na teoria de Russel, (100) deveria ser falsa e, na de Strawson, não seria nem verdadeira nem falsa. Logo a referência não será satisfeita quanto àquela pessoa. Mas, ao mesmo tempo, a intenção é de referir àquela. A intenção de referir, às vezes, não coincide com o referido. O foco da questão está na determinação da referência a partir da linguagem ou pela intenção dos indivíduos.

Kripke (1977) trata a distinção referência e atributo como correspondente à distinção entre Semântica e Pragmática. Levinson trata o caso de referência como um caso de ambigüidade veritativo-funcional somente porque as condições semânticas são normalmente enriquecidas por condições pragmáticas que são prioridade para o julgamento das condições-de-verdade. Dessa forma, a distinção adotada na TICG entre referência pura e referência determinada pela implicatura é a diferença da distinção proposta por Kripke.

Os mecanismos de situação descrita não resolvem o problema da referência porque eles falham em descrever unicamente sem o fortalecimento da implicatura. Assim, os referentes são mal definidos sob o olhar de Levinson. A referência determinada pela implicatura pode ter a leitura tanto de atributo como de referência, nos casos de Levinson. O autor afirma que as referências determinadas por implicaturas são distinções semânticas disfarçadas, são apenas casos em que as implicaturas apresentam papel crucial nas condições-de-verdade.

DESENVOLVIMENTO DE ELIPSES

Essencialmente lingüística, a elipse é conduzida por princípios sintáticos e semânticos. Na Teoria das ICGs, elas dependem da interpretação do não-dito governada pelo princípio I. Levinson (2000, p. 395) admite que aborda de modo sucinto o desenvolvimento das elipses, porém onde a Sintaxe não preenche os constituintes que faltam, a interpretação I - para a máxima da coesão e coerência - deve prover tal desenvolvimento.

Vejamos os exemplos abaixo:

(101) a. Quem deixou essa mensagem para você, Cris?

b. Bárbara <deixou essa mensagem para você, Cris.> (Relevância e implicatura I)

Levinson (2000, p. 183) afirma que o material elíptico é motivado pelo princípio de relevância, ou seja, a razão de utilizar elipses objetiva minimizar o custo. O conteúdo da elipse só pode ser interpretado como uma implicatura do discurso antecedente:

(102) a. Meus amigos mudaram as suas comunidades no Orkut cinco vezes e as namoradas deles também.

Q+> As namoradas deles mudaram não mais que cinco vezes as comunidades no Orkut.

RESTRIÇÃO DE GENERALIDADES

As ICGs são determinadas na restrição de generalidades, especialmente as restrições do tipo Q e I (2000, p. 185):

(103) a. Alessandro alterou alguns dados do seu perfil.

+ > nem todos (restrição Q)

b. Depois de ter lido o *scrap* do namorado, Betina tomou um *drink*.

I + > Bebida alcoólica (restrição I)

c. O perfil do Eduardo é amarelo.

I + > o perfil é todo amarelo.

d. O país que a Marion mora é grande.

Q + > não é enorme.

e. Já li minhas mensagens.

I + > já li minhas mensagens hoje.

Para Levinson, caso as restrições pragmáticas não sejam levadas em conta, as proposições expressas por várias sentenças serão muito gerais, de modo a serem consideradas vagas.

E os adjetivos devem ter um padrão de restrição implícita.

(104) Denise é alta.

I + > Denise é alta para sua idade e não para ser jogadora de basquete.

Levinson supõe – para tratar de tais processos lingüísticos pela Pragmática – dois processos semânticos que se intercalam com dois processos pragmáticos no tratamento das duas proposições expressas: significado literal e significado do falante.

CONSTRUÇÕES INTRUSIVAS

Levinson busca evidências nas estruturas complexas a fim de comprovar que a determinação das condições-de-verdade sem acesso às implicaturas nos dará condições-de-verdade erradas. Baseadas nas construções já vistas anteriormente, as construções intrusivas são exemplos que não são tão naturais, porém buscam mostrar que tais construções dependem da intrusão pragmática.

Comparativos

O autor constrói exemplos nos comparativos em que A e B – na estrutura: A é melhor do que B – são semanticamente semelhantes, porém diferentes pragmaticamente. Ele trabalha com termos das escalas como morno/quente, três/quatro, alguns/todos, mulher/rainha, algumas vezes/sempre.

Vejamos os exemplos:

(105) a. Deixar *uma parte* da mensagem é melhor do que deixar a mensagem *toda*.

Q + > não toda.

b. Ter um namorado é melhor do que ter dois.

Q + > não mais que um namorado.

O condicional

O condicional mostra evidências mais claras de intrusão pragmática. É tomado como geral a idéia de que não existe análise semântica adequada dos condicionais na linguagem natural. Porém, as análises que existem concordam com a seguinte análise: se A então B é verdadeiro se e somente se *cada número de possibilidades em que A é verdadeiro carrega com ele uma forma de B ser verdadeiro* (Kamp, 1981).

Levinson, com este olhar semântico em mente, considera casos em que a Semântica predirá uma falsidade, porém nossas intuições declaram uma verdade plausível. Em seu modelo, propõe que: *se A então B* é intuitivamente verdadeiro se, e somente se, ao verificar os acarretamentos e as implicaturas de A, verifica-se B. Observemos o exemplo a seguir:

(106) a. Se tu leste algumas das mensagens e ninguém mais leu, então deve haver ainda algumas mensagens para serem lidas.

Q + > nem todas as mensagens

b. Se tu pensas que a Marcela tem 22 anos, tu estás errada, ela tem 26.

Se concordamos com estes exemplos, estamos interpretando de modo a fortalecer o antecedente pela implicatura Q que em (b) deve ser interpretada como 22 e não mais e em (a) *algumas* como *algumas e não todas*. Caso contrário, não é possível aceitar o antecedente.

(107) a. Se Alice tem um bebê e se casa, então o filho é ilegítimo.

I + > e então. Implicatura de ordem

b. Se a comunidade que a Talita criou é boa, ela será aceita pelos orkuteiros.

I + > comunidade que a Talita criou.

c. Se os recados que o Ricardo deixou são tão interessantes, eu não vou deletar tão cedo.

I + > recados que o Ricardo deixou

Implicatura M:

d. Se a Raica bateu e bateu no seu namorado, então ela é mais culpada do que se ela bateu no seu namorado.

M + > a repetição do verbo indica maior intensidade

Disjunções

(108) Ou Bianca aceitou as desculpas do seu noivo e se casou, ou se casou e aceitou as desculpas de seu noivo, mas não sei qual.

A asserção de ignorância do falante em (108) sobre duas possibilidades será inconsistente ou anômala com o disjuncto que tem o mesmo conteúdo semântico levaria, assim, ao paradoxo de Moore *P ou P mas eu não sei que P*. Assim, a implicatura dever fortalecer a disjunção.

A IMPLICATURA E A EXPLICATURA

| Autor | Representação Semântica | Dêiticos e Resolução Referencial | Proposição mínima | Proposição enriquecida | Proposições adicionais |
|-----------------|--------------------------------|---|--------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| Grice (1989) | O que é dito | | | Implicatura | |
| S & W (1986) | Semântica | Explicatura | | | Implicatura |
| Carston (1988) | Semântica | Explicatura | | | Implicatura |
| | O que é dito | | | | |
| Recanati (1989) | O que é dito | | | | |
| | Significado da sentença | Explicatura | | | |
| Levinson (1988) | O que é dito | | | | |
| | O codificado | Implicatura | | | |
| Bach (1994) | O que é dito | | Implicatura | Implicatura | |

Tabela 1 (Levinson, 2000, p. 195)

Este quadro mostra as terminologias no domínio do que é dito e do que é implicado, já que elas apresentam diferença na parte considerada como o enriquecimento do dito, mas que não está dito. Carston (1988) chama este enriquecimento de explicatura, Bach (1994) de implicatura e Levinson acredita que as ICGs participam desse enriquecimento interpretativo, porém são mais abrangentes.

As implicaturas e as explicaturas, para Carston (1988), não se sobrepõem em conteúdo, ou seja, apresentam formas proposicionais completas, suas próprias condições-de-verdade e funcionam de forma independente. A explicatura deve enriquecer a proposição para que permita a determinação das condições-de-verdade. Dessa forma, é necessário usar o conteúdo implícito para a formação da explicatura.

Este autor discutiu o problema do conetivo *e* a fim de abordar a questão da diferença entre implicatura e explicatura. Analisemos os exemplos a seguir:

- (109) a. Úrsula estava no quarto e estava conversando com seus amigos no MSN.¹²
 b. Bárbara entrou no seu Orkut e começou a chorar.
 c. O perfil do Luciano é divertido e o da Lígia é depressivo.

O significado do *e* nos exemplos em *a*, *b* e *c* difere. No primeiro, há idéia de simultaneidade; no segundo, relação casual e no terceiro, ligação, isto é, o *e* da lógica. Para Carston (1988) os casos acima não apresentam ambigüidades lexicais, mas a forma como a informação é organizada na mente. Se colocássemos ponto final no lugar do *e*', a conexão casual ou temporal não alteraria. Assim, podemos notar que há uma conotação pragmática para compreender o *e* nos exemplos de *a* e de *b*.

As explicaturas são desenvolvimentos pragmáticos de formas lógicas semânticas subdesenvolvidas, segundo o olhar de Sperber & Wilson (1995). Para os teóricos elas não são produtos de inferências *default*, porque o que é comunicado depende muito de contexto específico e não simplesmente da presença ou ausência de determinados itens lingüísticos.

Diferente dos que adotam a idéia de explicatura, Levinson acredita que esta noção faz um enriquecimento mínimo para ter condições-de-verdade. Trocar o nome para implicatura ou explicatura não altera a questão de que existe uma intrusão pragmática no conteúdo semântico que promete questões para a interface. Para o teórico não há um critério confiável para distinguir explicatura de implicatura até mesmo para fins terminológicos. E nada indica que tal distinção ajudaria na compreensão da natureza das inferências em questão.

Há um meio-termo entre o que é dito e o que é implicado nos termos de Bach (1994). Entre ambos está a implicatura, ou seja, o que está implícito no dito. O que é implicado envolve tanto uma finalização (*completion*) que completa o dito até uma proposição mínima, quanto uma expansão (*expansion*), que vai da proposição mínima até o significado implicado.

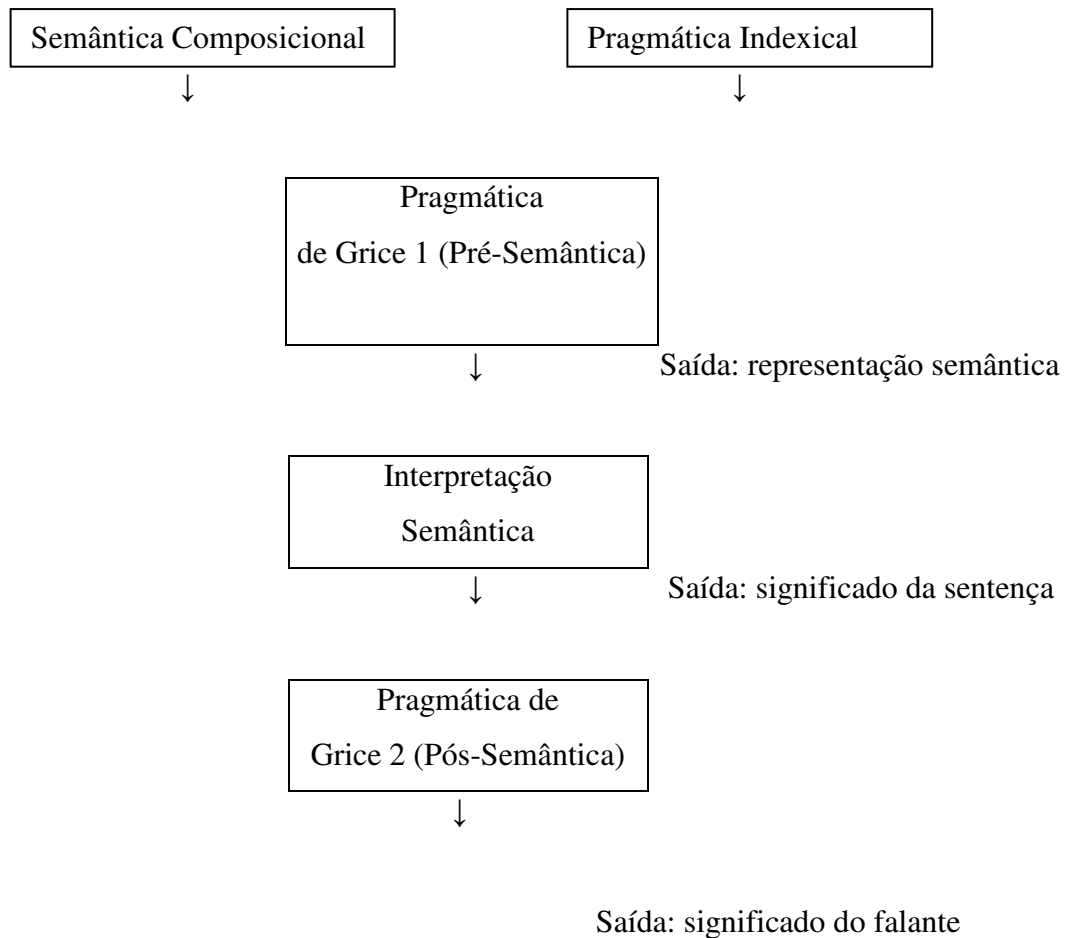
Em muitas situações as ICGs serão implicaturas, porém Levinson acredita que ao apresentar a distinção entre implicatura e implicatura Bach falha.

Explicatura ou implicatura de Bach podem ter sido usadas a fim de denotar as inferências que mapeiam a representação semântica em uma proposição. Para Levinson, a explicatura de Sperber & Wilson (e Carston, 1988) e a implicatura de Bach (1994) vão muito além da

¹² Site na Internet que permite o diálogo instantâneo.

proposição mínima expressa, mais próxima de uma noção intuitiva do que é dito como o que é efetivamente afirmado.

O gráfico abaixo ilustra onde as implicaturas generalizadas exercem sua função em uma Pragmática Pré-Semântica.¹³



Esquema 2 (Levinson, 2000, p. 188)

Levinson afirma que o esquema apresentado não deve ser visto como um modelo de processamento. Apresenta somente o tipo de informação necessária para cada módulo de designação do significado. O módulo Sintaxe não é aqui apresentado, porém é assumido pelo teórico. A proposição do que é dito é a saída do módulo de interpretação semântica que por sua

¹³ Esta pragmática pode ser entendida com o seguinte exemplo: *Eu te acho atraente*. Antes de se analisar as implicaturas, completa-se o *eu* e o *te*, por exemplo, *Maria* (eu) e *João* (te). Ela preenche a lacuna deixada no dito.

vez é dependente de inferências pragmáticas para permitir desambiguação, estabelecimento de referentes, tratamento de elipses e outras.

Dessa forma, para Levinson as inferências pragmáticas são necessárias para que as condições-de-verdade se estabeleçam no módulo da interpretação semântica. O módulo da Pragmática de Grice 2 tem o mesmo papel proposto por Grice, sendo responsável pela determinação de inferências pragmáticas Pós-Semânticas em que são tratadas, por exemplo, as figuras de linguagem.

MODULARIDADE E CONTROLE

A teoria lingüística tem uma arquitetura particular. Tradicionalmente, a teoria consiste de um conjunto de componentes em que cada um pode ser tomado em uma função que relaciona um *input* a um *output*.

A Sintaxe, que trata das estruturas de superfície, seria o primeiro componente na Lingüística. O segundo, a Fonologia, torna as estruturas de superfície em representações fonológicas, etc. Trazida por Chomsky essa proposta é precisa e evita a necessidade de uma teoria de controle que especificaria como os componentes devem interagir.

Entretanto, se a intrusão pragmática for mesmo estabelecida, como pretende Levinson, a proposta seria mudar o diálogo unilateral entre os componentes por um diálogo bidirecional. Isto permitiria um diálogo mais livre entre os participantes.

Observa-se que o processamento semântico pode se dar até certo ponto, e então se faz necessária a presença da Pragmática para colaborar na determinação das condições-de-verdade a fim de que a Semântica siga adiante. Porém, cada componente se mantém homogêneo e com seus princípios, ou seja, a Semântica trabalhando com seus princípios lógicos e a Pragmática com seu sistema abduativo preferencial. Assim, segundo Levinson (2000), a nova tarefa se dá em construir uma teoria de controle modular.

ARGUMENTAÇÃO DO MODELO DA TICG

A resolução pragmática – ou pelo menos a fixação de referente indexical e a desambiguação – em todas as teorias semânticas é requerida antes que uma representação semântica expresse uma proposição ou descreva uma situação pelo menos de forma restrita. Para Atlas e Levinson (1981), a inferência de Grice não está restrita a mapear proposições do que é

dito, em proposições do que é implicado. Também deve mapear significados da sentença abstratos em proposições (significado tipo do enunciado). E o fenômeno de intrusão é a evidência para isto.

As ICGS são importantes uma vez que elas sugerem uma solução parcial a fim de obter de representações semânticas fragmentadas as representações proposicionais completas ou formas lógicas. Como são ‘presumidas’, elas dependem, primeiramente, da recuperação do significado e da forma das expressões particulares que lhes dão origem. Pode-se fazer a inferência sem o completo acesso à forma lógica do enunciado inteiro.

Conforme Levinson (2000), uma teoria dos significados pressupostos bem desenvolvida apresenta um papel crucial: quanto mais pode ser dito sobre as inferências pragmáticas *default*, mais se pode supor acerca da natureza das representações semânticas em que elas se baseiam. A contribuição central da teoria das ICGs é sugerir formas específicas em que, dada uma representação semântica indeterminada ou não específica do significado da sentença, as possíveis interpretações não são equivalentes visto que há uma parcialidade sistemática das interpretações.

O autor enfatiza que a teoria das ICGs supõe que existe um universo de conhecimento e de prática que trata do uso da linguagem. E esse conhecimento envolve conhecimento metalingüístico sobre a estrutura do léxico, especificamente, conhecimento da estruturação dos campos semânticos, disposição de expressões alternativas, acessibilidade de frequência e marcabilidade de expressões específicas, conhecimento de associações estereotípicas de conceitos lingüísticos na comunidade de falantes, suposições mútuas de princípios para solucionar conflitos entre inferências, etc.

A teoria a qual Levinson trabalha apresenta razões para vencer restrições da comunicação humana por três heurísticas que, por sua vez, remetem às máximas griceanas da Quantidade 1, da Quantidade 2¹⁴ e de Modo. De forma parcial, motiva a tipologia das ICGs em Q, I e M e seus subtipos. Assim, um único enunciado geralmente levanta conflitos entre as ICGs, e tal problema de projeção é solucionado por um conjunto de propriedades $Q > M > I$.

Levinson traz um outro nível na teoria da comunicação, além do nível do significado da sentença e do significado do falante: o nível do significado do enunciado. Este capta as sugestões de que o uso de uma expressão normalmente se dá por *default*.

¹⁴ Estas duas máximas se referem às submáximas da Quantidade de Grice.

Para Levinson, a Semântica não pode ser vista como um nível independente, mostrando que ela e a Pragmática se intercalam. Grice, na Teoria das Implicaturas faz com que as implicaturas sejam dependentes da determinação do ‘dito’. O ‘dito’, por sua vez, depende dos referidos processos lingüísticos (desambiguação, por exemplo). Tais processos lingüísticos, por outro lado, parecem depender de processos inferenciais que se igualam às implicaturas. Logo, o que é dito parece tanto determinar como ser determinado pela implicatura.

Ao apresentar que o dito pode ser determinado pela implicatura – o teórico assume um terceiro nível de significado: o significado **tipo** dos enunciados. Este deve ser analisado pela Pragmática, visto que é não-monotônico, ou seja, cancelável. Pode-se dizer que o argumento está fundamentado no fato de que a ICG é uma espécie de inferência não-monotônica.

Com sua teoria, Levinson acredita ter identificado um fenômeno lingüístico com muito mais generalidade do que Grice havia pensado para as implicaturas generalizadas, a inferência *default*. E atribui a este significado a possibilidade de reforçar a idéia de uma nova formulação de interface entre a Semântica e a Pragmática.

3.3 A TEORIA DA RELEVÂNCIA DE SPERBER & WILSON

Uma crítica a Grice diz respeito à inexistência de uma explicação adequada sobre como as pessoas seguem as regras e o princípio de cooperação. Essas regras apresentam um caráter excessivamente normativo, e é improvável que as pessoas sigam-na dessa forma. Sperber & Wilson passaram, então a questionar certos aspectos da Teoria:

- A natureza do Princípio de Cooperação e as máximas;
- A necessidade da cooperação entre os participantes, de se postular quebras e violações das regras;
- De se supor a veracidade, a informatividade, a clareza e a relevância como objetivos dos falantes durante o processo de comunicação;
- O próprio conceito de “relevância”.

Para Sperber & Wilson, as respostas a esses questionamentos se encontram subjacentes enraizados na cognição humana, a partir do que se explicaria como é possível a comunicação entre os seres humanos.

No modelo de comunicação de Grice, como já vimos, a noção de relevância foi incorporada à comunicação no que tange à mudança topical da conversa. Costa (1984) percebeu que era mais ampla essa noção de relevância. Deveria ser uma supermáxima que pudesse englobar todas, e não mais uma máxima, conforme a proposta griceana. A referida noção foi ampliada ainda mais por Sperber & Wilson. Segundo esses autores, ela é um princípio cognitivo inerente à mente humana. Dessa forma, a fim de termos o quadro teórico adequado à análise que será feita no último capítulo, compete-nos descrever a Teoria da Relevância.

Grice com a Teoria das Implicaturas influenciou Sperber & Wilson a desenvolverem a Teoria da Relevância. A primeira – devido ao suporte teórico - foi basilar para que a segunda pudesse existir. Sperber & Wilson buscam explicar “o que é relevância”. Desse modo, acabam ampliando o modelo inferencial de Grice, alterando-o para o modelo ostensivo-inferencial.

Sperber & Wilson publicaram cinco artigos denominados pré-TR, antes da Teoria da Relevância. Discorreremos apenas sobre *Pragmatics* e *How do we communicate*. No primeiro artigo, os teóricos se propõem a responder às suas próprias perguntas acerca da Pragmática. Embora Sperber & Wilson tenham se inspirado em Grice para construir sua teoria, isso não fez com que eles compartilhassem totalmente das idéias griceanas. Há quatro aspectos que diferenciam as idéias de Sperber & Wilson das de Grice:

1. Suas afirmações são mais discretas e explícitas.
2. Definem a máxima de ‘Relevância’.
3. O trabalho é mais psicológico do que filosófico.
4. A Relevância é um princípio que possui um papel único na interpretação de enunciados.

Grice vê a Pragmática somente como a compreensão de enunciados. Já eles acreditam que é a interpretação do enunciado que pertence ao domínio natural de uma teoria Pragmática; finalmente, focalizam o aspecto diferente, no que se refere ao papel atribuído à *Relevância*: para estes estudiosos a relevância tornou-se um princípio o qual tem um papel único na interpretação dos enunciados.

Wilson (1995) afirma no artigo *How do we communicate?* que os indivíduos se comunicam a todo o momento e de várias maneiras: ouvindo, falando, desenhando, lendo, gesticulando, enfim, eles elaboram de alguma forma o pensamento (raciocínio) e o transmitem a fim de que ele seja entendido pelos outros.

As frases podem transmitir significados diferentes em situações diferentes, segundo Wilson. Dessa forma, há uma crença por parte dos lingüistas de que se distinga o significado do enunciado do significado do falante. O fato é que só os lingüistas estão conscientes do significado do enunciado, porque para os outros indivíduos ele é um meio para atingir o verdadeiro fim, que é compreender as pessoas e se fazer entender, enquanto o significado do falante vai além do significado do enunciado e, por isso, apresenta um conteúdo implícito rico, constituindo-se num verdadeiro esquema. Para que se possa, então, entender o significado do falante é necessário passarmos pelo significado do enunciado, fazendo uso da inferência.

É importante salientar que os falantes não têm conhecimento do Princípio de Cooperação, do Cálculo das Implicaturas, nem do Princípio de Relevância. O processo é inconsciente e intuitivo. Esses conhecimentos cabem aos lingüistas, não ao falante. O objetivo deste é a interatividade.

Passaremos da forma de superfície para a forma profunda da teoria, com a finalidade de entendermos o raciocínio feito pelos falantes quando mantêm um diálogo e constróem premissas e inferências a fim de chegar a uma implicatura: a conclusão do que foi dito efetivamente através da mensagem.

Sperber & Wilson publicam em 1986 o *Relevance: Communication and Cognition* (a *Teoria da Relevância*). A segunda edição foi publicada em 1995. A partir do modelo griceano de 1975, os autores apresentam uma nova abordagem para o estudo da comunicação e cognição humanas. Eles buscam explicitar como se processa a informação na mente mediante inferências durante interações na comunicação do dia a dia. Os teóricos apostaram na teoria de Grice - modelo inferencial e as noções de dito, implicado e de intencionalidade – focalizando-se especialmente na máxima conversacional de relação.

Desenvolvem, então, a Teoria da Relevância, um conceito teórico-cognitivo compreendido como uma propriedade psicológica de processos mentais. Uma característica básica da cognição está ligada a esse conceito: as pessoas dirigem sua atenção ao que consideram mais relevante na informação. Assim, os indivíduos, ao se comunicarem, expõem de modo efetivo seu desejo de comunicação, revelando ostensivamente a importância da mensagem transmitida pelo falante a fim de ser processada inferencialmente pelo ouvinte. A TR é sustentada pela hipótese de que a interpretação dos atos comunicativos verbais e não-verbais está sujeita à

busca da relevância na informação, um aspecto completamente enraizado na própria biologia da cognição dos indivíduos.

Procuraremos explicar, mediante a arquitetura conceitual – Teoria das Implicaturas de Grice, Implicaturas Conversacionais Generalizadas, de Levinson e Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson –, o raciocínio (os implícitos) do *ouvinte/falante* nos enunciados dos orkuteiros. Assim, analisaremos aspectos importantes presentes na TR e que estão em concordância com os nossos objetivos propostos anteriormente. As teorias citadas serão suficientes para explicar os enunciados e a interação dos significados lingüísticos com os fatores contextuais na interpretação dos discursos on-line. A Teoria da Relevância descreve e explica desde os modelos de comunicação, passando pela metáfora e ironia, até os atos de fala. Dessa forma, selecionamos alguns pontos indispensáveis a serem descritos aqui. Cuidamos para não tornar a teoria “ad hoc”. Para isso a analisamos de forma bem abrangente e os pontos selecionados foram:

- Ambientes cognitivos
- Manifestabilidade mútua
- Relevância e ostensão
- Comunicação ostensivo-inferencial
- Inferência não-demonstrativa
- Formas lógicas
- Efeitos contextuais
- Princípio de relevância.

Sperber & Wilson não compartilham com Grice a noção de conhecimento mútuo. Eles substituem esse conceito pelo de ambiente cognitivo mutuamente manifesto e o caracterizam como os conceitos e as representações do mundo e experiências que os indivíduos apresentam diferentemente. Conforme Sperber & Wilson (1987), eles se formam quando os acontecimentos do mundo se manifestam a uma pessoa e esta tem capacidade de representá-los mentalmente e aceitar a sua representação como válida. Ou seja, o ambiente cognitivo de uma pessoa é um conjunto de suposições que se tornam mais ou menos manifestas para o falante e o ouvinte. Dessa forma, o ambiente cognitivo mútuo se dá quando este conjunto de suposições as quais a pessoa tem acesso se tornam mutuamente manifestas.

O ambiente cognitivo total de um indivíduo consiste em “não só em todos os fatos que conhece, mas também em todos os fatos que é capaz de conhecer em um momento e lugar determinados”, segundo Sperber & Wilson (1995:40). Vejamos um exemplo:

(110) a. Jantei com Cleópatra.

Mesmo que (100) não tenha ocorrido, conseguimos imaginar essa situação, uma vez que não temos apenas os conhecimentos que possuímos, mas também os conhecimentos que podem ser deduzidos dos conhecimentos que possuímos.

No momento em que dois indivíduos dialogam ocorre a intersecção de ambientes cognitivos diferentes que eles possuem e isto cria um conjunto de todos os fatos que são manifestos para eles. A comunicação, então, visa à alteração dos ambientes cognitivos do falante e do ouvinte.

Sperber & Wilson expandem o ambiente cognitivo, inclusive as suposições e introduzem a noção de graus de suposição. No momento em que identificamos um fenômeno, algumas suposições sobre a sua natureza são mais acessíveis que outras. Dessa forma, a informação nova é mais fraca que a informação conhecida (possuímos uma representação mental).

É sugerida pelos autores a noção de manifestabilidade mútua – diferente de conhecimento mútuo – uma vez que aquilo que é manifesto é mais fraco do que aquilo que é conhecido. Quando dialogamos, estamos expostos a uma quantidade de informações contextuais de caráter físico e conceitual. Às vezes, segundo os teóricos, temos provas diretas das suposições dos outros indivíduos, quando eles mesmos dizem o que supõem. Quando o ambiente cognitivo compartilhado com os outros é mútuo, teremos provas de que é mutuamente manifesto para todos nós. Como essas provas não são seguras, determinar as fronteiras dos ambientes cognitivos não é possível, uma vez que é impossível marcar o limite entre suposições fracas e suposições inacessíveis. Para os autores, as suposições de conhecimento mútuo nunca estão garantidas realmente. O ambiente cognitivo mútuo proporciona diretamente toda a informação necessária para a comunicação e a compreensão, porém, é meramente um conjunto de suposições que é mentalmente representado e considerado verdadeiro.

Outros termos que focalizamos são a relevância e a ostensão. Como já vimos, o ambiente cognitivo de uma pessoa é um conjunto de suposições as quais ela tem acesso. Mas como sabemos quais suposições concretas são mais prováveis que o indivíduo venha a construir e processar? Os autores respondem dizendo que a Teoria da Relevância trabalha com a idéia de que

há uma propriedade única – a relevância – que permite com que as pessoas processem a informação da melhor maneira possível. A relevância trata-se de um conceito teórico útil, segundo Sperber & Wilson centrado na relação de equilíbrio entre efeitos cognitivos e esforço de processamento.

Em relação à informação, nela pode existir uma parte velha, uma nova ou estarem uma somada a outra. Vejamos cada caso:

1. Quando existe uma parte da informação velha, ela se faz presente na representação que a pessoa tem do mundo;

2. Quando uma parte da informação é nova e não está ligada com nenhuma representação que o indivíduo tem do mundo, há um grande esforço de processamento para um benefício muito pequeno.

3. Quando uma parte da informação é nova e está ligada a uma parte velha, possivelmente se deduz a informação nova. Esta não seria inferida sem a combinação de informações velhas e novas.

4. Assim, quando o processamento da informação nova provocar este tipo de efeito, Sperber & Wilson afirmam que há relevância. Quanto maior o efeito dado, maior será a relevância.

A fim de que haja clareza, exemplifiquemos:

Imaginemos a situação em que Mirna e Graziela conversam sobre a situação na qual Mirna está passando: depressão profunda. Ambas têm Orkut e Graziela – com mais algumas amigas – criaram uma comunidade chamada *A Mirna é uma amiga e tanto*. Graziela, já na porta, despedindo-se da amiga, pergunta a ela:

(111) *Mirna, tu viste as novas comunidades que colocaram na rede? Dá uma olhada no meu Orkut.*

À noite, Mirna acessa a Internet, entra no Orkut e vê todas as novas comunidades da Graziela. Ela olha várias, mas o que mais lhe atrai é justamente *A Mirna é uma amiga e tanto*. Esta comunidade é a única que merece atenção já que Mirna, por estar depressiva, fica feliz em ter uma só para ela. Assim ela pode inferir que a intenção de Graziela foi chamar sua atenção sobre a comunidade que aborda aspectos positivos de uma grande amiga. Qualquer outra suposição sobre a conduta ostensiva de Graziela seria irrelevante.

Os falantes precisam comunicar de maneira ostensiva a fim de que os ouvintes tenham interesse e construam inferências a partir do que foi dito. Porém, isso somente ocorrerá se o dito tiver relevância, caso contrário, não existirão inferências construídas. Para Sperber & Wilson, ao nos comunicarmos, é preciso que chamemos a atenção do ouvinte. Só é relevante a informação que o ouvinte estabelece com as suposições que tem acerca do mundo, sendo que sempre é necessário maximizar a relevância da informação processada, visto que isto implica esforço, e só há esforço se é sabido que se tem alguma recompensa. Não há sentido em chamar a atenção de uma pessoa para um fenômeno que pareça irrelevante.

Outro ponto importante da teoria é o modelo ostensivo-inferencial de comunicação. Este modelo afirma que a comunicação humana apresenta duas propriedades:

- Uma é ser ostensiva da parte do falante;
- A outra é ser inferencial, da parte do ouvinte.

Ou seja, há um esclarecimento por parte de Sperber & Wilson acerca da comunicação inferencial e da ostensão: ambos são um único processo, porém são vistos de maneira diferenciada: o *falante* efetuará a ostensão e o *ouvinte* efetuará a inferência.

Dessa forma, é necessário processar a informação de modo eficaz a fim de reconhecer a intenção que está atrás da ostensão, conforme Sperber & Wilson. O indivíduo que não reconhecer a intenção pode ficar sem notar a relevância da informação. Um ato de comunicação ostensivo deve atrair a atenção do ouvinte para, assim, ter sucesso.

Imaginemos, por exemplo, se na comunidade criada por Graziela e suas amigas não constasse o nome *Mirna*, somente *Uma amiga e tanto*. Se Mirna não prestar a atenção na insinuação de Graziela, possivelmente não pensará que aquela comunidade pudesse ser em sua homenagem. Ao contrário, se prestar a atenção na ostensão *olhará* as comunidades com atenção, lembrando que Graziela pretendeu ser relevante, quando interrogou Mirna sobre as comunidades no momento em que estavam falando sobre amizade e depressão. Se a comunidade se chamasse *Uma amiga e tanto*, o estímulo ostensivo seria mais fraco do que o exemplo anterior.

Assim como Grice, Sperber & Wilson assumem o posicionamento de comunicação inferencial e propõem duas variantes de intenção:

- A *informativa* – intenção de informar alguma coisa;
- A *comunicativa* – intenção de informar a intenção de alguma coisa.

A comunicativa é chamada de *atenção do ouvinte*. Nesta, faz-se manifestar a intenção de informar, dessa maneira o estímulo adquire um caráter ostensivo. Estes estímulos necessitam satisfazer três requisitos:

- Chamar a atenção do ouvinte;
- Conduzir essa atenção para as intenções do falante;
- Revelar as intenções do falante.

O estudo da inferência não-demonstrativa é outro ponto importante a ser analisado. Para Sperber & Wilson, a comunicação pode falhar. Podemos ter confirmações de uma suposição, porém não temos provas. Além disso, o processo inferencial não-demonstrativo possui acesso à memória conceitual.

Conforme Sperber & Wilson, a inferência não-demonstrativa espontânea dos indivíduos não é, em termos globais, um processo lógico (em sentido restrito, lógico formal). Também afirmam que este tipo de inferência não pode consistir em uma dedução.

Vejamos o exemplo a seguir. No Orkut, Silvana e Camila conversam sobre uma comunidade chamada *Violência, estou fora!* a qual recebe muitas pessoas e apresenta um debate sempre enriquecedor. Camila resolve participar, juntamente com Silvana. Na comunidade, há espaço apenas para 30 participantes. No momento em que dialogam já há 26.

(112) Camila: Bá, daqui a pouco será encerrado o número de participantes do debate na comunidade.

Silvana: É o que se nota.

A observação de Silvana não prova que vai haver 30 participantes no debate, mas confirma a crença de Camila, e isto é relevante. Para os teóricos, a informação relevante modifica e melhora uma representação geral do mundo. A confirmação de uma suposição através de um processo inferencial não-demonstrativo é um exemplo desse caso.

As formas lógicas também são um conceito importante para o nosso estudo. Para Sperber & Wilson (1995: 94-95), estas são fórmulas bem elaboradas, um conjunto estruturado de constituintes, submetido a operações lógicas formais determinadas pela sua estrutura.

Segundo os teóricos, uma representação, a fim de sustentar um processo lógico, necessita ser bem formada e para que seja (V) ou (F) tem de ser semanticamente completa. Ou seja, a forma lógica é proposicional caso for semanticamente completa, então poderá ser (V) ou (F), e não proposicional se for semanticamente incompleta, então não poderá ser (V) ou (F).

Analisaremos a seguir, os efeitos contextuais descritos por Sperber & Wilson (1995:138). Para eles, uma dedução fundamentada na união de uma nova informação {P}, e uma velha informação {Q}, é uma contextualização de {P} em {Q}. Esta contextualização dá origem ao que os teóricos da relevância chamam de efeitos contextuais.

De forma intuitiva o que está atrás da noção de efeito contextual é que alterar e melhorar um contexto consiste em gerar algum efeito sobre este contexto, mas não é possível qualquer tipo de mudança. O maior número de efeitos contextuais gera uma maior relevância para os autores. De maneira geral os efeitos contextuais se relacionam com o contexto de três modos:

| |
|--|
| Reforçando uma suposição; |
| Indagando sobre uma suposição anterior e eliminando-a; |
| Combinando uma suposição anterior a fim de produzir efeitos contextuais. |

Esses efeitos podem acontecer de três formas:

- Por implicação contextual - informações velhas + informações novas = suposições novas
- Pelo fortalecimento ou enfraquecimento das suposições – sem suposições novas, ou elas são reforçadas ou enfraquecidas. Nesta, acionamos as quatro fontes de informação: percepção, decodificação, memória enciclopédica, dedução.
- Pela eliminação de suposições contraditórias – a suposição mais fraca é eliminada em detrimento da mais forte.

Os teóricos questionam de que maneira se estabelece a força relativa das premissas a fim de conferir a força das conclusões. Respondem que pode vir tanto de um enfoque lógico como de um cognitivo. Analisemos o exemplo a seguir:

(113) O debate na comunidade *Violência, estou!* fora trouxe bons resultados. (implicação)

(114) Se as pessoas contribuíram efetivamente, se houve idéias inovadoras, e se houve a participação de 30 pessoas, então o debate trouxe bons resultados.

(A) As pessoas contribuíram efetivamente.

(B) Houve idéias inovadoras.

(C) Havia 30 participantes.

(113) O debate da comunidade *Violência, estou fora!* trouxe bons resultados.

Consideramos (113), que é a coordenação de (113 A-C), e que também implica (114).

O efeito contextual e o esforço de processamento contribuem na importância da Teoria da Relevância. Segundo Sperber & Wilson, quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a relevância; quanto menos efeitos contextuais e mais esforço de processamento, menor a relevância.

A fim de analisarmos qualquer forma de comunicação precisamos ter de maneira clara os conceitos abaixo:

Dito – significado das palavras enunciadas pelo falante e somente uma pista para o que ele pretendeu transmitir.

Explicatura – resultado de completar ou desenvolver a representação semântica, é a explicação do que é dito. Está entre o dito e o implicado.

Implicatura – toda a suposição comunicada, porém não de forma explícita. Está implicitamente comunicado.

Esses três conceitos formam a base para se analisar qualquer diálogo. Para desmembrar a tríade, é preciso dispor de algum diálogo. A partir dele, tem de haver o seu contexto – que é a informação nova. Então as informações velhas são acessadas e se constrói o raciocínio ostensivo-inferencial – feito a partir de premissas a fim de chegar à implicatura final.

A cognição dos indivíduos está conduzida pela busca da relevância nos estímulos que acessam os órgãos de processamento mental. A informação nova recebida é comparada com as suposições que estão guardadas na memória enciclopédica dos indivíduos. O resultado pode ser:

| | | |
|--------------------------------|--------------------------------|---|
| O reforço de alguma suposição; | A exclusão da nova informação; | A combinação da informação nova com as suposições guardadas para obter efeitos contextuais. |
|--------------------------------|--------------------------------|---|

Segundo Sperber & Wilson (1986), no momento em que dois indivíduos dialogam, determinadas suposições sobre os ambientes cognitivos de cada um deles são manifestos, alguns dos quais podem chegar a ser *mutuamente manifestos*, e passam a formar parte do *ambiente cognitivo mútuo*. Este pode ser essencial a fim de garantir o bom desenvolvimento do diálogo. Por essa razão, os interlocutores buscam estabelecer hipóteses sobre quais suposições são *mutuamente manifestas* no desenrolar de uma dada conversação. Cada falante estabelece hipóteses sobre que suposições são ou podem chegar a ser manifestas para o ouvinte, e este

estabelecerá hipóteses sobre que suposições podem contribuir para achar a interpretação precisa que o falante tem intenção de comunicar com o seu enunciado.

Analisemos o exemplo abaixo:

(115) (a) Kalinca: Tu se interessarias por um homem que tem uma BMW?

(b) Fabíola: Eu me interessaria por um homem que tem um carro caro.

Para compreender (115) é preciso adicionar - acessando informação enciclopédica sobre carros novos – a premissa (1), o que forneceria a implicação contextual (2):

(1) Uma BMW é um carro caro.

(2) Fabíola se interessaria por um homem que tivesse uma BMW.

Poderia se supor que Fabíola não soubesse que uma BMW fosse um carro caro. Então, (115b) poderia originar uma desconirmação dessa suposição, caso Kalinca reconhecesse a intenção informativa de Fabíola e acreditasse nela, e a sua suposição (errônea) anterior seria apagada do mecanismo dedutivo. Supõe-se ainda que respeitadas tais condições, Kalinca apenas suspeitasse que BMWs fossem carros caros. Neste caso, (115b) fortaleceria sua suposição inicial.

Sperber & Wilson (1995) distinguem, a partir daqui, entre *premissas implicadas* e *conclusões implicadas*:

| | |
|---|-------------------------------|
| Uma BMW é um carro caro. | Premissa implicada de (115b) |
| Fabíola se interessaria por um homem que tem uma BMW. | Conclusão implicada de (115b) |

Também, quando se desenvolve um diálogo, a informação contextual *Uma MBW é um carro caro* se torna mutuamente manifesta, ou seja, a partir de agora é evidente para Kalinca e Fabíola que ambas compartilham esta informação sobre o alto preço de uma MBW. Logo o ambiente cognitivo mútuo de ambas aumenta, graças a esta interação conversacional.

Para Sperber & Wilson, a consciência de compartilhar uma certa informação está na dinâmica conversacional e não em um conhecimento compartilhado que os interlocutores *sabem que possuem com antecedência*, ou seja, a conversação, comumente analisada.

Vejamos o exemplo a seguir:

(116) Helena: Gostei do teu álbum no Orkut! Que gato lindo! É macho ou fêmea?

Rúbia: É tricolor.

Helena: Como?

Rúbia: Nada. É fêmea.

Há neste exemplo, uma intenção de estabelecer quais suposições são mutuamente manifestas na conversação. Rúbia, neste caso, estabelece a hipótese de que a informação contextual (1) é mutuamente manifesta, e que Helena a usaria para alcançar a interpretação desejada (2). Porém a troca conversacional falha pela falta da mutualidade de suposições: se (1) Todos os gatos tricolores são fêmeas; então, (2) O gato é fêmea. Explicar posteriormente a informação (1) seria uma alternativa, o que haveria contribuído para aumentar o ambiente cognitivo mútuo entre Helena e Rúbia, apesar da falha interpretativa que ocorreu no diálogo.

Por fim explanaremos sobre o princípio da relevância descrito por Sperber & Wilson. Como princípio desta teoria, temos o Princípio da Relevância que, conforme os teóricos (1995:153), *Todo o ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua relevância ótima*. Este princípio possui duas premissas:

a. O estímulo ostensivo é suficientemente relevante para que valha a pena o ouvinte processar a mensagem.

b. O estímulo ostensivo é mais relevante e, às vezes, compatível com a capacidade e preferências do falante.

Tanto este princípio quanto suas premissas são fundamentais para explicar a comunicação entre os indivíduos e a interação dos significados lingüísticos com os fatores contextuais na interpretação dos enunciados. Somente existe relevância na informação que o ouvinte estabelece com as suposições que tem sobre o mundo, segundo Sperber & Wilson. Eles também demonstram que este princípio é suficiente por si mesmo para explicar a interação do significado lingüístico e os fatores contextuais na interpretação dos enunciados.

O Princípio da Relevância faz parte de um modelo cognitivo, inerente às operações mentais. Falantes e ouvintes não precisam necessariamente conhecê-lo para se comunicar. Grice, com o Princípio da Cooperação, afirmava que este resultava de um processo racional e consciente, contrário ao primeiro e, dessa forma, suscetível à violação.

Se conhecêssemos o Princípio da Relevância, isso não seria garantia de uma comunicação bem-sucedida, uma vez que é inerente ao ser humano, logo inviolável. O que nos importa é analisar a forma do raciocínio dos falantes/ouvintes, sabendo que não temos como controlá-la.

Abordados os tipos de implicaturas conversacionais particularizadas do Modelo Clássico de Grice, também as implicaturas generalizadas de Levinson e, tendo descrito aspectos marcantes da Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson, sentimo-nos capazes de analisarmos o nosso *corpus*: os discursos on-line via Orkut.

4 UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICA DO ORKUT

4.1 O ORKUT AOS OLHOS E NO CORAÇÃO DOS ORKUTEIROS

Primeiramente faremos uma interpretação de sete enunciados do Orkut, de forma intuitiva, sem aplicar as teorias em questão.

As escolhas foram selecionadas levando-se em conta a riqueza de implícitos.

Enunciado (1)

Quem eu sou: **Alguém que nunca fui.**

Ela provavelmente quer dizer que é uma pessoa diferente da que fora no passado. Pode ser que anteriormente a autora apresentava um comportamento que atualmente já não faz mais parte da sua vida. Possivelmente ela tenha adotado uma nova postura. Com esse enunciado, ela chama a atenção do leitor, fazendo-o pensar em como ela poderia ter sido antes e como ela é hoje.

Enunciado (2)

Quem eu sou: **Eu sou aquele que passa sem ninguém ver... eu sou aquele que olha sem perceber... eu sou aquele que fala sem ninguém ouvir...Eu sou um cara legal.**

Ao mesmo tempo em que ele passa a idéia de ser neutro, de não ter importância para os outros, considera-se uma pessoa de valor ao utilizar *Eu sou um cara legal*. Primeiramente, parece que ele não quer ser visto, notado. Mas, como todo membro do Orkut tem um perfil e precisa se marcar, possivelmente ele elegeu essa expressão como uma característica de sua personalidade.

Enunciado (3)

Quem eu sou: **Protetor dos frascos e comprimidos. Nas horas de folga gosto de bons relacionamentos e amizade, estou à procura de alguém especial....**

Geralmente uma pessoa que leva a vida muito seriamente não é vista com tanta evidência. Como, provavelmente, ele é um rapaz que valoriza os bons relacionamentos, utiliza uma metáfora bem humorada, quebra o ar de seriedade, mas não deixa de se mostrar comprometido com os seus ideais.

Enunciado (4)

Quem eu sou: **Uma baixinha nervosa, mas que está bem mais calma, agora! Obrigada, gotinhas...**

No conhecimento de mundo, geralmente as baixinhas são invocadas. Provavelmente ela utiliza essa expressão para se marcar. Porém, muda o foco, enfatizando que no momento atual está melhor (*mais calma*) devido a certas gotinhas que, possivelmente, sejam florais.

Enunciado (5)

Quem eu sou: **Eu seria diferente se eu fosse mauricinho, criado com sustagem e leite ninho.**

O autor utilizou recursos de linguagem, como a metáfora e a rima, a fim de provavelmente tocar o leitor. Nesse discurso ele diz que as pessoas as quais têm mais condições e mais tempo para usufruir a vida são as privilegiadas. Por dizer dessa maneira, talvez ele não tenha o estilo (ou vida) de que gostaria, ou seja, o de *mauricinho*. Ele reforça essa idéia com as palavras *sustagem* e *leite ninho*, alimentos consumidos geralmente por pessoas com poder aquisitivo maior.

Enunciado (6)

Quem eu sou: **Avalanche, terremoto, tsunami.**

Pick up your sword and come! I'll meet you face to face, eye to eye !!!

Picante, sem-vergonha, delícia!

Hear me Roar!!!

O autor quer dizer que a sua presença é mais que notável. Assim, utiliza fenômenos naturais de grande impacto para enfatizar que, por onde ele passa, deixa marcas profundas. Além disso, evidencia um lado sensual, possivelmente característica de uma pessoa provocativa. Pode ser que, ao utilizar as expressões em inglês (requisito de linguagem), ele queira se mostrar um erótico refinado.

Enunciado (7)

Quem eu sou: **Existem muitas coisas muito interessantes para serem estudadas ou conhecidas, experimente-se e permita-se.**

Ele sugere às pessoas experimentarem e se permitirem fazer coisas. Com isso, o autor também se marca, dizendo que possivelmente é uma pessoa aberta, que foge à rotina, ou seja, ele não é acomodado e deve viver diferentes aventuras.

4.2 O ORKUT AOS OLHOS FRIOS DAS TEORIAS

Nesta parte do capítulo analisaremos, mediante o quadro teórico do terceiro capítulo, as inferências pragmáticas, implicaturas do Orkut. O estudo está se desenvolvendo, como vimos na segunda parte do trabalho, sob uma perspectiva Semântico/Pragmática para tratar dos discursos on-line. Cabe ressaltar que se trata de uma análise lingüística, portanto, não assumimos que a interpretação dada seja a única possível.

Grice foi o primeiro teórico a sistematizar as diferenças entre o significado do falante com o significado da sentença. Sua tese tem-se mostrado um dos melhores modelos para explicar as ocorrências pragmáticas da linguagem natural, uma vez que é informativo e suficientemente organizado para dar conta de um fenômeno lingüístico: as implicaturas.

O problema central da pragmática é que cada enunciado apresenta uma variedade de interpretações possíveis, todas compatíveis com a informação lingüisticamente codificada. O trabalho do ouvinte é reconhecer a interpretação pretendida pelo falante. A função da pragmática é explicar como isso se dá. Dessa forma Grice estabeleceu uma nova abordagem para a pragmática: a teoria da interpretação do significado.

A Teoria das Implicaturas aborda a distinção daquilo que é dito do que está implícito, ou seja, o que vai além do modelo de códigos. Nossa linguagem não está presa somente ao código, assim, há muito mais por trás daquilo que é enunciado pelo falante. O que está além do código está implicado, sofrendo interpretação pelo ouvinte e é dependente da situação comunicativa.

Uma expressão gera automaticamente expectativas que conduzem o ouvinte para o significado do falante. Essas expectativas são descritas nos termos do Princípio Cooperativo e as quatro máximas. Para que o dito além do dito seja compreendido, locutor e interlocutor interagem de forma cooperativa, segundo o Princípio de Cooperação, conforme Grice. Esse princípio consiste em se respeitarem certas máximas, tais como quantidade, qualidade, relação e modo. As máximas têm o propósito de oferecer uma troca de informações efetiva. Ligando-se o Princípio de Cooperação e as máximas com as implicaturas conversacionais, nota-se que o falante se utiliza das máximas e, ao violá-las, produz implicaturas, recurso reconhecido tanto pelo locutor como pelo interlocutor.

Enunciado (8)

Quem eu sou: **Uma caixinha de surpresas!!!**

A Categoria da Qualidade está relacionada à supermáxima “Procure afirmar coisas verdadeiras”. Contém ainda as máximas: Não afirme o que você acredita ser falso; não afirme algo para o qual você não possa fornecer evidência adequada. Esta máxima pressupõe que todas as vezes que os indivíduos estiverem se comunicando, estejam dizendo algo no qual acreditam. Em alguns momentos as pessoas mentem, porém ambas supõem que o que a outra diz é verdadeiro, ou seja, o fato de ambas saberem não torna explícita a suposição de que é falso. No enunciado dois, o falante (escritor) abandona uma máxima com o propósito de obter uma implicatura conversacional por meio de algo cuja natureza se aproxima de uma figura de linguagem. Mesmo com a aparente violação ao nível do dito, o ouvinte (o leitor) tem o direito de confiar em que esta máxima, ou pelo menos o princípio fundamental da cooperação, está sendo observada ao nível do que é implicitado.

Sou uma caixinha de surpresas. contém uma falsidade porque um ser humano não pode ser um objeto, ou seja, não é isso que ela está comunicando. A suposição mais provável é que está atribuindo a seu ouvinte (leitor) algum traço ou traços pelos quais ela se assemelha à coisa mencionada (caixinha de surpresas). Na verdade, de maneira implícita, ela diz que foge aos padrões convencionais. Pode-se esperar diferentes atitudes dela uma vez não deixa marcas pessoais do tipo *sou querida, amiga, instável, passional, inteligente, mal-humorada, irritada*, por exemplo.

Como o usuário é uma garota, ao utilizar essa expressão tão comumente vista em diferentes contextos, provavelmente ela, por ser solteira, deseja encantar ou atrair alguém por meio desse discurso. Muitos acreditam que deve existir um mistério entre as relações pessoais já que isso chama a atenção do outro. O explícito não permite que façamos reflexões. Parece que a vida apresenta mais colorido quando somos envolvidos por enigmas. Isso nos move, modifica-nos. O não-dizer ou o dizer de maneira vaga ou metafórica provoca o outro e esse jogo dialógico envolve os participantes. Os implícitos sugerem idéias, imagens, atraindo, dessa forma, muito mais que o dito.

No tocante à teoria de Levinson, há uma espécie de revalorização griceana, uma vez que para ele a Teoria das Implicaturas se destaca devido a sua capacidade de explanação pragmática para fenômenos lingüísticos, além de seu poder de simplificação da estrutura e do conteúdo das descrições semânticas. Para o teórico, existem interpretações preferenciais ou *default*. A teoria das ICGs se detém em analisar como estas interpretações preferenciais se mantêm invariáveis mesmo com a mudança do contexto. O teórico assume a Semântica das condições-de-verdade para a interpretação do conteúdo proposicional. Em relação à Pragmática assumida na teoria das ICGs, é apenas definida, tendo apresentado o papel das ICGs para a relação das teorias do significado. Através das heurísticas desenvolvidas a partir das máximas griceanas, Levinson afirma que elas são capazes de tratar do significado tipo dos enunciados por enriquecimento interpretativo. Ele supõe que os processos lingüísticos (identificação de expressões referenciais; determinação de dêiticos; desambiguação; desenvolvimento de elipses; restrição de generalidades) são determinados pelas ICGs. A partir daí, as heurísticas não cobrem somente estes aspectos, porém uma diversidade de casos vindos da sistematicidade do uso.

As implicaturas do tipo Q são as que apresentam maior destaque na teoria das ICGs e se dão especialmente através de contrastes salientes. A heurística Q corresponde à máxima de quantidade de Grice e considera que ‘o que não é dito, não é’. Dessa forma, a intuição subjacente é a de quantidade de informação requerida. A Heurística I é formulada por Levinson como sendo o que é expresso simplesmente, é estereotipicamente exemplificado. Esta opera como uma instrução a fim de encontrar uma interpretação que está de acordo com certas exigências. Conforme Levinson, a Heurística M afirma que o que é dito de uma forma anormal, não é normal. Ela se relaciona com a Máxima de Modo de Grice, de modo específico, à submáxima *evite obscuridade de expressão* e à submáxima *não seja prolixo*.

Enunciado (9)

Quem eu sou: **Nasci careca, pelado e sem dente. Nessa vida, já to no lucro.**

O usuário ao dizer quem ele é *Nasci careca, pelado e sem dente. Nessa vida já to no lucro.*, se encaixa na heurística I a qual se relaciona com a segunda máxima de quantidade de Grice: *Não faça a sua contribuição mais informativa do que o requerido*. Segundo Levinson, o

falante (autor da mensagem) deve dizer o mínimo necessário para alcançar os fins comunicativos. E o ouvinte (leitor) deve ampliar o conteúdo informacional do enunciado do falante, pela descoberta da interpretação mais específica. Logo, podemos entender o enunciado da seguinte maneira: ele afirma que, ao nascer, pouco tinha, ou seja, agora ele já tem mais do que antes e por esse motivo já se sente em vantagem. As implicaturas I são inferências da falta de especificação pela falta de necessidade de fazê-la. O leitor, inserido no contexto do Orkut, faz uma interpretação preferencial, ao ler o perfil do participante. A heurística permite ao ouvinte de uma mensagem excluir várias situações que são de fato compatíveis com o conteúdo da mensagem codificada.

O autor do enunciado, ao utilizar a estrutura acima, lança para seu leitor um enunciado inusitado, porém, marcante, uma vez que deseja envolvê-lo. Dessa maneira atípica de se expressar, ele permite que o leitor possa interagir, ou seja, participar da mensagem deixada. Ao dizê-la, a pessoa que lê é provocada a entrar no jogo comunicativo. Mesmo que não haja resposta escrita dos membros que visitam esse perfil, se os participantes deixassem um recado nele, muitos diriam que o dono do *profile* deve ser uma pessoa extrovertida e feliz. Podemos dizer também que o senso de humor faz com que ele apresente certo destaque e, com isso, seu enunciado tenha uma repercussão positiva: provocar uma reação nos leitores.

Enunciado (10)

Quem sou: **É possível que eu seja uma boa companhia.**

O usuário utilizou dentro da escala <é possível que P, é provável que P> a expressão é *possível que P*, em que o autor do enunciado poderia, de maneira relevante, ter utilizado a expressão é provável que P. Através do princípio Q, isto indica, na falta de informação contrária, que o enunciador não pode justificar a utilização de *é provável que P*, mas pode justificar a utilização de *é possível que P*. Ao usar uma expressão mais fraca <é possível que P, é provável que P> implica que o autor não sabe se a oração seguinte, a subordinada, é verdadeira ou falsa.

Ao dizer *É possível que eu seja uma boa companhia.*, ele se retira da responsabilidade de ser uma companhia agradável ao mesmo tempo que sugere ser uma pessoa a qual seja interessante conhecer, conviver. Esse jogo lingüístico, criado a partir do *é possível*, gera uma

expectativa no leitor o qual pode ser seduzido exatamente pela incerteza. Os orkuteiros podem se sentir estimulados a investigá-lo justamente por apresentar um perfil dúbio. A dúvida gera questionamento e busca pela verdade. Logo, podem existir participantes que se envolvam por esse perfil justamente porque ele apresenta interrogações.

Enunciado (11)

Que eu sou: ...neo-saradao, um pseudo ex-hippie...

O autor do discurso, ao utilizar as expressões como *neo-sarado* e *pseudo-ex-hippie*, deve ter razões para não dizer de maneira simplificada como ele é. Quanto à heurística M, Levinson estabelece como o que é dito de modo anormal. Dessa forma, ao utilizar um modo não normal, o autor do enunciado chama a atenção do leitor. Ele poderia ter se apresentado, apropriando-se de termos mais comuns ou estruturas menos chocantes. Mas preferiu provavelmente esses vocábulos a fim de se destacar como uma pessoa que foge aos padrões de comportamento ou pelo simples fato de chamar atenção dos leitores. O diferente muitas vezes seduz o os internautas, principalmente pela criatividade e senso de mistério. Ele, ao utilizar essas expressões se marca como diferente, como um indivíduo que busca tocar o outro. Os permitem uma interpretação na qual ele não é uma pessoa igual a outras, pelo contrário, é diferente e muito diferente.

Na teoria da Relevância, Sperber & Wilson partiram da idéia de relevância de Grice e fizeram uma interpretação cognitiva e comunicativa a fim de tratar de inferências, especialmente as implicaturas conversacionais particularizadas. Com essa teoria, os autores tentaram descrever e explicar a compreensão inferencial dos indivíduos em situações comunicativas cotidianas. Dessa forma a relevância se faz presente: maior benefício cognitivo (acessibilidade de processamento) com menor custo mental. O foco do estudo está no que as pessoas comunicam e como elas comunicam.

O modelo ostensivo-inferencial de comunicação tem como propósito deixar clara a intenção e chamar a atenção. A ostensão e a inferência são o mesmo processo, mas a primeira fica por conta do comunicador e a segunda, do ouvinte. As inferências do cotidiano são

essencialmente dedutivas, seguindo um cálculo não-demonstrativo e não trivial, ou seja, se constróem as premissas à medida que a comunicação se desenvolve.

Sperber & Wilson se utilizam do *insight* griceano sobre a distinção entre o *dito* e o *implícado*, pressupondo a noção de intencionalidade, concentrando-se principalmente na máxima conversacional de relação.

A idéia básica da Teoria da Relevância está relacionada à característica humana de que os indivíduos prestam atenção às informações ou aos fenômenos que lhes parecem relevante. Como esses modelos vão além das implicaturas, as inferências implícitas tratam do que é dito, da proposição explicitamente comunicada (base para os raciocínios inferenciais).

Para Sperber & Wilson, diferentemente de Grice, as expressões geram expectativas de relevância não porque os falantes obedecem ao Princípio Cooperativo e às máximas, mas porque a procura por relevância é uma característica da cognição humana, o que os comunicantes podem explorar.

No que tange ao contexto, este é a base para entender como as pessoas se comunicam. E ele vai se formando durante o ato comunicativo. Se a interpretação é mais imediata é porque há uma acessibilidade maior do contexto.

Enunciado (12)

Quem eu sou: **Depende basicamente de quem você é...**

A intenção do falante não é decodificada, mas inferida não-demonstrativamente com livre acesso à informação contextual, através da formulação de hipóteses.

O usuário não responde claramente *quem eu sou*, porém deixa implícita sua resposta a fim de *jogar* a responsabilidade para quem lê. É um raciocínio não-trivial uma vez que não há premissas pré-fixadas. Estas se constróem no decorrer do processo comunicativo (leitura) e não-demonstrativo. A vaguidade na resposta é justamente para deixar ao leitor o compromisso da inferência. O mistério gerado a partir do dito sacode o leitor uma vez que este precisa jogar, mesmo que for mentalmente. O leitor constrói uma situação e se coloca no lugar do outro. Esse dizer instiga o participante a pensar. Essa situação que se instaura seduz o leitor, porque cabe a

ele a resposta do que o outro é. Ele passa a ter o compromisso no momento em que ele se envolve com o autor do enunciado.

Ao lermos o enunciado, podemos entendê-lo através das entradas lexicais *depende* e *basicamente* faz com que ativemos nossa entrada enciclopédica por *relação* e *essencial*. E essas palavras se encontram antes de *quem você é*. Isso faz com que dependendo de como a outra pessoa é, o autor do enunciado vai se *moldar*, ou seja, vai ser ou vai apresentar um comportamento a partir da maneira de ser de quem estiver com ele.

Assim, podemos ativar a nossa entrada lógica para fazermos os seguintes cálculos inferenciais através das suposições.

S1 – Se ele disse que ele é dependendo de como eu sou.

S2 – Se eu tiver um determinado comportamento.

S3 – Logo ele terá o mesmo modo de agir que eu.

Essas premissas licenciam a seguinte conclusão: a atitude dele vai depender da minha atitude. Ele não é uma pessoa que apresenta um comportamento estático, único, mas apresenta-se a partir da presença do outro. Provavelmente é uma pessoa flexível e adequada para ter um bom relacionamento. Ela deixa a responsabilidade para a pessoa que a deseja conhecê-la. Esse jogo de mistério é relevante uma vez que o usuário não explicita seu jeito de ser, de pensar, de se posicionar. Assim, as mulheres que valorizam esse jogo dialógico, provavelmente vão se sentir atraídas pelo autor do perfil.

Enunciado (13)

Quem eu sou: **Pouco músculo...muito cérebro....**

De modo geral a mente opera de modo produtivo e econômico, no sentido de alcançarmos o máximo com o mínimo de esforço mental. O falante (escritor) ao se comunicar, quer se entendido, mas pode ocorrer que o ouvinte (leitor) ao fazer um esforço de processamento corre o risco de não compreender o que o outro está dizendo. O esforço deve ser o menor possível para permitir a relevância requerida.

No enunciado acima, mais esforço é compensado na relação com os efeitos obtidos. O autor do enunciado não responde de forma esperada pelo leitor, como, por exemplo, não sou *sarado*, mas tenho *QI*. Os termos *pouco músculo* e *muito cérebro* no contexto em que se apresentam permitem que ativemos as entradas lexicais *corpo não trabalhado pela musculação* e *uma pessoa que se preocupa com o intelecto*.

A resposta dada pelo usuário compensa o esforço de processamento por não responder diretamente. Os efeitos contextuais e os esforços são dimensões não-representacionais de processos mentais existindo independentemente de cálculos conscientes ou de serem representados mentalmente.

Os cálculos demonstrativos são automáticos, inconscientes e, quando são representados, é na forma de julgamentos intuitivos, formulados pela capacidade de o indivíduo distinguir entre os fatos mais ou menos relevantes, já que a relevância, vinculada à cognição humana, nunca vai ser medida quantitativamente.

Ao usar a metáfora para se mostrar, o autor do enunciado cria maiores efeitos com menor esforço uma vez que economiza palavras a fim de dizer quem é. Assim, a relevância é maior.

Podemos ativar a nossa entrada lógica para fazermos os seguintes cálculos inferenciais através das suposições.

S1 – Se ele disse tem pouco músculo.

S2 – Se ele disse que tem muito cérebro.

S2 – Se pouco músculo supõe despreocupação com o corpo físico.

S3 – Se muito cérebro supõe preocupação com o intelecto.

C – Logo, para se interessar por ele, as pessoas devem priorizar a inteligência em vez da aparência física.

Para fazermos uma interpretação, não é necessário guardar um estoque de informações. Temos um mecanismo em nossa mente para que elas sejam geradas.

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que os implícitos assumem fundamental importância no perfil dos membros do Orkut já que em muitas ocasiões o falante (escritor), por diferentes razões, não quer

explicitamente emitir uma opinião. Dessa forma, ele se utiliza do subterfúgio de se expressar mediante procedimentos os quais o permitem ficar incólume da responsabilidade de se ter dito.

O significado dos enunciados vai muito além da proposição por eles expressa, segundo Grice. Dessa forma, os implícitos significam mais do que o dito, porque a partir do conteúdo que está expresso, os membros que visitam o perfil realizam inferências associadas ao contexto e podem calcular várias implicaturas.

Podemos afirmar que os implícitos permitem ao falante dizer alguma coisa, sem necessariamente assumir a responsabilidade de tê-la dito. Assim, reduz-se a responsabilidade do falante à significação literal, deixando a responsabilidade da significação implícita para o ouvinte (leitor), que mediante o raciocínio, tiraria por sua conta e risco as conseqüências possíveis.

A utilização dos implícitos na comunicação está relacionada a princípios de economia, ou seja, com o uso dos implícitos, economiza-se tempo e informação. Em se tratando de comunicação na rede virtual, os implícitos estão relacionados a um contexto o qual é de conhecimento do indivíduo.

A dedução dos implícitos veiculados pelos discursos no Orkut exige um esforço inferencial dos que lêem e um conhecimento prévio do contexto. Assim, há um envolvimento dos leitores – cooperativos – que procuram inferir a significação dos implícitos nos enunciados.

As idéias apresentadas nos discursos não são limitadas ao que é dito. Há, dessa forma, uma diferença entre a representação semântica das sentenças e os pensamentos comunicados por meio de enunciados em contextos compreendidos pelas pessoas através de um processo inferencial. Dessa forma, o perfil no Orkut se destaca como uma mensagem de caráter pragmático, uma vez que tem a intenção de mostrar como a pessoa é ou fingir o que ela gostaria de ser.

Compreendemos, mediante o quadro teórico, porque a maioria das pessoas que visitam as páginas consegue fazer relações dos conteúdos não explícitos dos enunciados com o contexto de mundo e inferir de um modo não-trivial as implicaturas conversacionais.

Interpretar enunciados do Orkut do ponto de vista semântico/pragmático é um trabalho complexo, o qual depende dos processos inferenciais e das crenças e saberes compartilhados. As teorias de Grice (1957; 1975), de Levinson (1983; 2000) procuram dar conta da interpretação do significado de um enunciado – o dito e o comunicado – apoiando-se nas implicaturas conversacionais e convencionais. Porém, essas teorias não explicam como esta interpretação

ocorre na mente do ouvinte. A Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson (1986; 1995), surge como uma das possibilidades para tentar explicar a comunicação entre os indivíduos. Pelo Princípio da Relevância, deve-se comunicar o máximo com o mínimo de esforço. A Teoria se utiliza de pistas lingüísticas a fim de conduzir o ouvinte a uma relevância ótima.

CONCLUSÃO

As nossas considerações finais serão breves. Se o nosso trabalho atingiu seus objetivos, tudo já foi dito e implicado. No capítulo primeiro, desenvolvemos uma reflexão necessária sobre a linguagem em sua forma tecnológica atual na Internet. Hoje, não se escreve ou se lê exatamente como nos velhos tempos, navega-se. A navegação é uma forma de leitura mais complexa do que a linha por linha da nossa tradição cultural. Os olhos correm pela tela e lá vamos nós viajando por milhares de informações nem sempre conectadas. Se há muito lixo pelo caminho, ainda assim não se pode negar a riqueza fantástica da linguagem via web. Essencialmente, os hiperlinks fazem tudo. Eles nos deslocam de onde estamos lendo para o contexto do que nunca imaginariamos ler ao mesmo tempo. Como em Costa (2007), a linha por linha cede ao link por link. Ler, hoje, é dar saltos de significação. Isso sem contar a mistura impressionante de textos, imagens e sons. A multimídia é uma outra rede. Uma rede por sobre a outra. E, quando estamos, como seres ávidos de comunicação, compartilhando linguagens e dialogando via máquina, atingimos uma amizade “real time” sem paralelo na história da comunicação. A isso dedicamos a nossa secção sobre o discurso interativo, do qual o Orkut é apenas a última versão no momento deste trabalho. Não há como negar o prazer de encostar nosso perfil em outro, de trocar sonhos via rede. Estamos próximos, mas com a sensação de que estamos protegidos. A máquina está entre nós. O que queremos dizer é algo que nem sabemos direito quando começamos a nossa vida orkutiana. Milhares de outras pessoas aparecem e, com elas, milhares de intenções e, ainda em Costa (2007), de segundas e n intenções, na expansão digital de nossos eus. Estudar o significado da linguagem interativa é, sem dúvida, algo muito mais complexo do que parece. Temos que distinguir o significado do que se diz do significado do que se quer dizer. O significado da sentença do significado dos dialogantes. Os orkuteiros querem dizer muito mais do que aquilo que está em suas palavras a maioria das vezes. Para analisar essas diferenças, construímos o nosso segundo capítulo. A ele dedicamos a parte dos fundamentos das subdisciplinas lingüísticas, Semântica e Pragmática e suas relações. Agora, construímos as bases para assumir nosso quadro teórico. Estará, é claro, dentro da semântica e pragmática, as áreas da significação em linguagem cotidiana. Mas temos um desafio, ou melhor o Orkut nos desafia. Há muitas formas de dizer e querer dizer nele. Uma teoria só pode ser limitada, e, por essa razão, escolhemos uma verdadeira

arquitetura conceitual. Grice e suas implicaturas é a base, certamente, mas escolhemos Levinson e Sperber & Wilson para completar o quadro. As implicaturas, ou inferências pragmáticas, podem representar o esquema geral que descreve o que se quer dizer e o que se espera que o outro entenda. O Orkut é um discurso interativo riquíssimo em inferências sem as quais talvez ele não fosse possível. Nem conseguimos imaginar como seria se tudo sempre fosse dito. Não valeria a pena, em termos de esforço, o benefício de dizer diretamente quem somos; o Orkut seria muito pobre, pouca relevância para tanto custo. O processo só funciona porque temos a sensação, orkuteiros que somos que estamos passando uma verdadeira vida para o lado de lá. Isso é incrível. Passamos, quando estamos interagindo nesse tipo de ambiente, pensando, fazendo milhares de conexões, autorizadas ou não, que nos colocam em rede com uma comunidade inteira de pessoas que talvez nem venhamos a conhecer fora da rede jamais. Somos amigos virtuais porque raciocinamos pelo mesmo modo. Que bom que Grice e seus amigos nos ajudam a entender um pouco mais de nós mesmos, ou, pelo menos de nossas versões virtuais. As nossas hipóteses, então, ficam corroboradas. O nosso quadro teórico explica mesmo, e o Orkut é uma vastidão excitante de intenções que nos algemam link to link.

REFERÊNCIAS

ATLAS, J. e LEVINSON, S. C. It – clefts, informativness and logical form: Radical pragmatics. In: COLE, P. *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, p. 1-61.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Claredon Press, 1962.

BACH, K. On communicative intentions: a replay to Recanati. In: *Mind and Language* 2 p. 141 – 154, 1987b.

_____. Conversation implicature. In: *Mind and Language* 9, p. 124-162, 1994.

BAR-HILLEL, Y; CARNAP, R. *An outline of a theory of semantic information*. MIT Technical report 247, 1952.

BAR-HILLEL, Y. Expressões indiciais. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da Lingüística*. Campinas: Unicamp, 1982.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Rinehart and Winston, 1961.

BRÉAL, MICHEL. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes, 1992.

CAMPOS, J. C. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância: a lógica não-trivial da linguagem natural*. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada. PUCRS, Porto Alegre, 1984.

_____. *O livro na cultura digital*. Disponível em <http://www.jcamposc.com.br>

CARNAP, R. Foundations of logic and mathematics. In: NEURATH, O.; CARNAP, R.; MORRIS, C. W. *International Encyclopedia of Unified Science*. Chicago: Chicago University Press, 1938.

CARSTON, R. Implicature, explicature and truth theoretic semantics. In: DAVIS, S. *Pragmatics, a reader*. New York: Oxford University Press, 1991, p. 33-51.

CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.

_____. *The logical structures of linguistic*. Cambridge: MIT Press, 1971.

FREGE, G. *Os fundamentos da aritmética: uma investigação Lógico-Matemática sobre o conceito de número*. São Paulo: Abril, 1974.

GAZDAR, G. *Pragmatics: implicature, presupposition, and logical form*. New York: Academic Press, 1979.

GRICE, P. Meaning. In: STEINBERG, D; JAKOBOVITS, L. *Semantics: a interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 52-65.

_____. Logic and conversation. In: COLE, Peter and MORGAN, Jerry. *Syntax and semantics*. V.3, Academic Press, 1975, p. 41-58.

_____. *Studies in the Way of Words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

HORN, L. R. *On the semantic properties of logical operators In English*. Bloomington, IN: Linguistic Club, Indiana University, 1972.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.

_____. *Semantic structures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

JOHNSON-LAIRD, P. *Mental models: towards a cognitive science of language, inference and consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KAMP, E. A theory of truth and semantic representation. In: GROENENDIJK, J., JANSSEN, T., E STOKHOJ, M. (eds.). *Formal methods in the study of language*, v. 1. Amsterdam: Mathematisch Centrum, 1981, p. 277-321.

KATZ, J. *Semantic Theory*. New York: Harper & Row, 1972.

_____. A proper theory of names. In: *Philosophical Studies*, 1977.

_____. O Escopo da Semântica. In: *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*. v. 3, Campinas, 1982.

KRIPKE, S. Identity and necessity. In: SCHAWARTZ., S. P. (ed.). *Naming, necessity and natural kinds*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977, p. 66-101.

LEVINSON, S. C. *Presumptive Meanings: the theory of generalized conversational implicature*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.

_____. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MARTIN, R. M. *The meaning of language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

MONTAGUE. R. *Formal philosophy: selected papers*. New Haven: Yale University, 1974.

ORKUT. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RUSSEL, B. On denoting. *Mind*. n. 14, p. 479-493, 1905.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SEARLE, J. R. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SPEBER, D; WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

_____. *Précis of Relevance: communication and cognition*. Cambridge University Press, 1987.

_____. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

STALNAKER, R. Pragmática. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas: Unicamp, 1982. p. 59-80

_____. *Context and content: essays on intentionality in speech and thought*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

STRAWSON. P.F. On referring. *Mind*, 59, p. 320 – 344, 1950.

TARSKI, A. The semantic concept of truth. In: *Philosophy and phenomenological research*, n. 4, 1944. p.341-376.

WILSON, D. How do we communicate? In: BROCKMAN; MATSON. *How things are*. New York: 1995.

WIKIPÉDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril, 1984. v. 3.

YUS, Francisco. *Ciberpragmática: El uso del lenguaje en Internet*. Barcelona: Ariel, 2001.

ANEXOS

Enunciado 1

Viviane Batista

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15890455050741538019>

quem sou eu:

alguém que nunca fui...!!! (sou eu)

Enunciado 2

Carlos Andrade

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=87170289022149112>

quem sou eu: Eu Sou Aquele que Passa Sem Ninguém Ver...Eu Sou Aquele Que Olha Sem Perceber...Eu Sou Aquele Que Fala Sem Ninguém Ouvir...Eu Sou um Cara Legal!!!

Enunciado 3

D´Jow SUPERMEGAHIPER

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=87170289022149112>

quem sou eu:

Protetor dos frascos e comprimidos, nas horas de folga gosto de bons relacionamentos de amizade, estou à procura de alguém especial...

Enunciado 4

ANDRÉA MARQUES

http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid_147715752811854762

quem sou eu: Uma baixinha nervosa, mas que está bem mais calma, agora! Obrigada, gotinhas...

Enunciado 5

Odesemprego ta foda!!!

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=6786210008986157227>

quem sou eu:

"EU SERIA DIFERENTE SE FOSSE MAURICINHO, CRIADO COM SUSTAGEM E LEITE NINHO".

Enunciado 6

GUSTAVO BRAUNER

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=9657525990209625836>

quem sou eu:

Uma descrição? Bem... Sobre mim por mim mesmo:

A maioria das coisas sobre mim você vai ter que descobrir...

... E eu realmente gostaria que você tentasse(!) ...

... Mas eu posso adiantar algumas delas:

- Embora não goste de tomar todas as decisões, gosto que perguntem minha opinião sobre elas;
- Sou despretencioso, e acho que as ações falam mais alto que as palavras;
- Não espere que eu valorize a mim mesmo menos do que eu puder me revelar, nem a você mais do que você se mostra ser;
- Adoro desafios – mas por favor não jogue comigo! Quem se coloca como adversário DEVE ser derrotado, e não pode, nem deveria, esperar misericórdia, piedade ou complacência – saiba que eu jogo para ganhar – e lembre-se que se há um vencedor, há também um perdedor;
- A verdade e a lealdade são qualidades que eu admiro, e que gostaria de encontrar em todas as pessoas com quem me relaciono – do mais humilde morador de rua ao mais abastado membro de alguma Família Real, e até mesmo nos meus adversários;
- Sou atencioso, tolerante e prestativo, mas não espero que ninguém também seja assim;
- Posso parecer um pouco tímido e reservado, mas me solto com as pessoas em quem confio;
- ODEIO comportamentos extremos – seja religioso, científico, racial, ou de qualquer outro tipo;
- Gosto de comer e beber bem, e sei valorizar, e muito, uma refeição feita em casa;
- Sou generoso, capaz de dar meu último biscoito recheado, e até passar frio para emprestar o casaco, mas não espere que eu seja SEMPRE assim – tem coisas que eu NÃO divido, MESMO;
- Não gosto que sempre concordem comigo – até prefiro que questionem minhas decisões, mas com argumentos bem-formados e sem "achismos" – sou persistente, mas não, teimoso;
- Lembre-se sempre que seus amigos são a família que você pôde – e pode – escolher; valorize-os como tal;
- Lembre-se que sua família são os amigos que você não pôde – nem pode –

escolher; não seria bom se eles realmente fossem seus amigos?

-E, para terminar a minha descrição de mim mesmo, algumas palavras que me definem bem:

"Unbowed, Unbent, Unbroken"

==//==

"Crouching Tiger, Hidden Dragon"

==//==

- Avalanche!
- Terremoto!
- Tsunami!

"Pick up your sword and come! I'll meet you face to face, eye to eye!!!"

==//==

-Ela tem um fechinho que abre só o suficiente pra levar à loucura...!

===//===

- picante;
- sem-vergonha;
- delícia!

==//==

"Hear me Roar!!!"

Enunciado 7

Alexandre Broilo

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=700429580444215492>

quem sou eu:

Existem muitas coisas muito interessantes, para serem estudadas ou conhecidas, experimente-se e permita-se.

Enunciados 8

KALINCA RIVA

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=499268246290646339>

quem sou eu:

Uma caixinha de surpresas!!!

“ Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma sempre.”

Enunciado 9

JOÃO LEONARDO -.LÉO

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=17447952416716550982>

quem sou eu:

Nasci careca, pelado e sem dente...

Então, nessa vida, já to no lucro!!!

Enunciado 10

NINNA VIDAL

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=11781860504380436>

quem sou eu:

Vou descobrir quem sou verdadeiramente e te falo.

Enunciado 11

LUCIANO KUNZLER V. ALEMÃO

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15132342182963607389>

quem sou eu: Um cara extremamente racional, lógico e objetivo, mas só para proteger uma essência extremamente sentimental e emotiva. Um homem sincero. Um profissional dedicado e apaixonado pelo que faz. Um compositor que tem a graça de receber luz de outras dimensões. Um homem de 30 que quer se casar mas não sabe com quem. Um guerreiro, quem me conhece um pouco, sabe das poucas e boas que passei e de quanto trampo maluco já encarei. Uma criança grande, cheio de energia, palhaçada e humor infantil. Um ex-drogadinho, neo-sarado. Um pseudo-ex-hippie porque hippie a gente nunca deixa de ser. Uma voz que adora cantar, não importa a hora e o lugar. Um filósofo. Um brother. Ex-metido-a-surfistinha. Ex-estudante de primeira que só passava direto de ano no colégio. Também ex-capetinha do colégio, recordista em expulsões da sala de aula. Um andarilho. Um dançarino. Um aprendiz de mestre-sala. Um trouxa. Um mané. Um pinta que as vezes exagera na dose e sai atropelando tudo. Um excessivo. Um excepcional. Uma exceção, talvez. Um cara bem franco, me desculpe aí qualquer coisa. Um espírito que busca a pureza e a plenitude todos os dias. Um doido que não abre mão de que as coisas sejam diferentes, sejam questionadas, modificadas, experimentadas, elevadas a outras hipóteses de existência. Um romântico que quer ter um grande amor, uma paixão daquelas, filhos, guarda-sol, picolé, casa alugada na praia, viagem de fim de ano. Um doido varrido. Um contra-senso em pessoa. Um futuro escritor, com 3 ou 4 livros em rascunho mental. Um desgraçado que sempre acaba com bicho de pé. Uma primeira impressão sempre equivocada. Um cegueta, que muitas vezes não reconhece, ou melhor, não enxerga os amigos na rua. Um eclético-radical. Um loiro de olho azul que adora uma coisa bem popular. Um bebê que teve a sorte de nascer no dia das empregadas domésticas. Um chinelão. Um gentleman. Um ponto de equilíbrio entre o que geralmente as pessoas pensam não existir ponto de equilíbrio. Uma ínfima partezinhazinha de nadica de nada de Deus. Um cara leal, determinado e obstinado. Um Taurino com ascendente em Leão. Um perigo. Um magrão que saiu escrevendo este texto do seu perfil sem olhar pra trás e que daqui a pouco vai atualizar e já era. Um homem que sente. Um ser humano que pensa. Uma gente que faz. Um cara humilde acima de tudo, hahahaha.

E, por fim e principalmente, alguém que prefere, infinitamente, que as coisas sejam reais e verdadeiras, não virtuais e orkutianas, mais quentes e barulhentas, menos estratégicas, numéricas e quantitativas, mais sangüíneas e menos farelentas. Nos vemos e nos falamos, de verdade, por aí!!

O amor é um ataque cardíaco. De repente, assim, sem mais nem menos, te pega de jeito. No meio do peito. E de uma hora pra outra tu te vês impossibilitado de já habitar este mundo sem estar ligado, interessado, preocupado, encantado, dominado, enfeitado e atacado pela existência de outro alguém. É impressionante. É elétrico. Químico! Eu? Fazia tempo... Eu nem sei se era de verdade, fazia muito tempo, eu não sentia isso. Uh! Bah! Que loucura. É muito doido. É inebriante. Vira necessidade mas sem poder ser. Vira prioridade mas sem razão de ser. Vira excesso de vontade mas sem poder se exceder. Vira vício. Saudade. Desejo. Vira sonho. Mão. Pé. Cabeça. Vira a cabeça. Entope, entorna, escolhamba, bagunça e fulmina teu coração. Estropia os nervos. Dá calafrios. Dá arrepios. Tesão. É uma droga. Um prazer. Dá prazer. Dá medo. Dá dor. Confusão. Barato. Dá luz. Dá coragem. Carinho. Amor. Simplesmente, amor. Simplesmente, dá. Tira tudo. Tudo dá. Tudo pode. Tudo vem. Tudo vai. Tudo 10. Tudo 100. Tudo sai. Vira tudo nada quando sem. E fica tudo nada quando sai. Quando além. Quando aquém. Sem aquele alguém. Eu, João ninguém. Você, Maria. Você, Madalena. Eu, neném. Você, Carolina. Você Morena, Minha, Linda. Eu, porém. Minha, Carol, Carolina, Morena, Linda e Lina também. Sei lá! Tudo bem. Eu te amo! Só isso. Amén!

- - - - -

O 08 e o 80.

Enunciado 12

Leonardo Wagner (S.C.I.)

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=6611139379547085186>

quem sou eu:

Depende basicamente de quem você é...

Enunciado 13

Carpegiani (Cacá)

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=128454016290460720>

quem sou eu:

pouco músculo...muito cérebro...Ainda tem gente que gosta...(por incrível que pareça!!!)

Em meio a tanta futilidade existente no mundo você acaba de se deparar com uma beldade chamada CARPEGIANI, ou popularmente chamado KAKÁ...